



*Alberto
da Costa
e Silva*

Espelho
do
Príncipe

FICÇÕES DA
MEMÓRIA





DADOS DE COPYRIGHT

SOBRE A OBRA PRESENTE:

A presente obra é disponibilizada pela equipe Le Livros e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura. É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

SOBRE A EQUIPE LE LIVROS:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.love](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste [LINK](#).

**"Quando o mundo estiver
unido na busca do**

conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



Espeho
do
Príncipe

*Alberto
da Costa
e Silva*

Espelho
do
Príncipe

ficções
da
memória

Apresentação
José Paulo Paes

2ª edição



© by Alberto Vasconcellos da Costa e Silva

Direitos de edição da obra em língua portuguesa no Brasil adquiridos pela Editora Nova Fronteira Participações S.A. Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser apropriada e estocada em sistema de banco de dados ou processo similar, em qualquer forma ou meio, seja eletrônico, de fotocópia, gravação etc., sem a permissão do detentor do copirraite.

Editora Nova Fronteira Participações S.A.
Rua Nova Jerusalém, 345 — Bonsucesso — 21042-235
Rio de Janeiro — RJ — Brasil
Tel.: (21) 3882-8200 — Fax: (21) 3882-8212/8313

Texto revisto pelo novo Acordo Ortográfico.

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE.
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ.

S578e Silva, Alberto da Costa e, 1931-

2. ed. Espelho do príncipe : ficções da memória / Alberto da Costa e Silva. - 2.ed. - Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 2012.

ISBN 978-85-209-3377-0

1. Romance brasileiro. I. Título

CDD: 869.93

CDU: 821.134.3(81)-3

Sumário

[Capa](#)

[Folha de Rosto](#)

[Ficha catalográfica](#)

[Dedicatória](#)

[Apresentação](#)

[1](#)

[2](#)

[3](#)

[4](#)

[5](#)

[6](#)

[7](#)

[8](#)

[9](#)

[10](#)

[11](#)

[12](#)

[13](#)

[14](#)

[15](#)

[16](#)

[17](#)

[18](#)

[19](#)

[20](#)

[21](#)

[22](#)

[23](#)

[24](#)

[25](#)

[26](#)

[27](#)

[28](#)

[29](#)

[30](#)

[31](#)

[32](#)

[33](#)

[34](#)

[35](#)

[36](#)

[37](#)

[38](#)

[39](#)

[40](#)

[41](#)

[42](#)

[43](#)

[44](#)

[45](#)

[46](#)

[47](#)

[48](#)

[49](#)

[50](#)

[51](#)

[52](#)

[53](#)

[54](#)

[55](#)

[56](#)

[57](#)

[58](#)

[59](#)

[60](#)
[61](#)
[62](#)
[63](#)
[64](#)
[65](#)
[66](#)
[67](#)
[68](#)
[69](#)
[70](#)
[71](#)
[72](#)
[73](#)
[74](#)
[75](#)
[76](#)
[77](#)
[78](#)
[79](#)
[80](#)
[81](#)
[82](#)
[83](#)
[84](#)
[85](#)
[86](#)
[87](#)
[88](#)
[89](#)
[90](#)
[91](#)
[92](#)
[93](#)

[94](#)
[95](#)
[96](#)
[97](#)
[98](#)
[99](#)
[100](#)
[101](#)
[102](#)
[103](#)
[104](#)
[105](#)
[106](#)
[107](#)
[108](#)
[109](#)
[110](#)
[111](#)
[112](#)
[113](#)
[114](#)
[115](#)
[116](#)
[117](#)
[118](#)
[119](#)
[120](#)
[121](#)
[122](#)
[123](#)
[124](#)
[125](#)
[126](#)
[127](#)

[128](#)

[129](#)

[130](#)

[Créditos](#)

À memória de minha avó,
Maria Adélia Fontenelle de Vasconcellos, “Aroca”

Apresentação

O espelho a que faz referência o título deste livro não deve ser confundido com o espelho de Narciso. Se bem o ponto focal da sua narrativa sejam os olhos sempre alertas do protagonista, o menino das enxaquecas, não é tanto a imagens de si próprio que ele busca no cristal refletor, mas sim o diorama dos lugares e das pessoas à sua volta. Pois, mais que stendhalianos *Souvenirs d' égotisme*, o que temos aqui é, parodiando Rodrigo Otávio, uma espécie de *Minhas memórias dos outros*. Só que estas são memórias de poeta, e em poeta que se preze o respeito pelo factual não pode excluir o gosto do ficcional, ou seja, do imaginativo: daí o apropriado subtítulo “Ficções da memória”.

Ao narrar liricamente suas recordações de infância no Ceará e do começo da adolescência no Rio de Janeiro, Alberto da Costa e Silva o faz num estilo cuja maestria, por segurança de si, desdenha ostentar-se. Um estilo discreto e castiço, tão aberto às instigações do coloquial quanto cioso do termo ou torneio capaz de pôr, flagrantes e vivos diante de nossos olhos, uma coisa, um bicho, uma cena, uma personalidade. Melhor dizendo — como o próprio memorialista quando refere uma brincadeira de sua infância —, um estilo de binóculo invertido, que busca não trazer para perto o que esteja longe, mas tornar mais nítido o que já está bem perto.

Essa metáfora do binóculo serve também para balizar implicitamente os planos de longe e de perto entre os quais se move a narração. No pano de fundo ela registra a repercussão aqui dos sucessos da Segunda Guerra Mundial. Contra esse longínquo e esfumado pano de fundo ressalta a vividez dos miúdos acontecimentos do dia a dia familiar e provinciano,

evocados com uma atenção minuciosa a que não falta ora um toque de ternura, ora um assomo de comoção. Por via dessas evocações, vão sendo resgatados do esquecimento modos de vida e de convivência mais amenos e pachorrentos, se bem os tenha por anacrônicos a sôfrega e tonta modernice de nossos dias.

Talvez por isso mesmo haja Alberto da Costa e Silva posto tão amoroso cuidado no reencontro do seu tempo perdido. Tempo dos brinquedos feitos à mão pelos figureiros de feira; dos vendedores ambulantes a apregoar sua mercadoria de porta em porta; do *Tico-Tico* com as proezas de Chiquinho, Reco-Reco, Bolão e Azeitona; das cadeiras na calçada para o papo de fim de tarde com os vizinhos; das rezas curativas, as mezinhas caseiras, o café torrado com açúcar mascavo e moído em pilão; dos bondes elétricos com carros especiais para festas de casamento e cordões carnavalescos; da inesgotável Biblioteca Internacional de Obras Célebres que nunca se terminava de ler; dos seriados de sábado e domingo no cine-poeira. De quando em quando, um flagrante mais dramático: o horror do menino pelo abate de animais e a sua precoce descoberta da crueldade da beleza, da culpa de cada um nos crimes de todos; o seu doloroso convívio com o pai fazedor de sonetos e de pandorgas, o pai cada vez mais doente que o iniciou na arte do verso, “daquilo que se inventava para não haver silêncio, o que nascia de um solilóquio que era também dueto”.

Com este *Espelho do príncipe*, Alberto da Costa e Silva, o poeta de *As linhas da mão* e o africanólogo de *A enxada e a lança* que a carreira diplomática felizmente não roubou de todo à literatura, entra no memorialismo brasileiro pela estrada real, a que leva Joaquim Nabuco a Pedro Nava.

José Paulo Paes

1

O menino sentia o sol na pálpebra. Doía-lhe a cabeça. Era como se uma colher lhe escavasse a órbita espicaçada pela luz, para trazer, na concha, o olho. Tonto, sem poder fitar o muro do terraço, em cujo cinza se multiplicavam espinhos de cristal, voltou a testa para o céu e pressentiu-se à beira de um poço, a cair ao contrário. Pôs as mãos no rosto — e cheiravam mal. O trino do canário, o arrastar do sapato da ama ali sentada, a voz da vizinha a falar da janela e tudo o que soasse, ainda que um sussurro, espancava-lhe as orelhas, trovejava dentro dele. Sozinho na aflição e pequenino — tinha entre dois e três anos de idade —, foi para junto da moça, pôs a cabeça em seus joelhos e deixou-se chorar.

Não menos forte era este sol. Um outro sol. Do convés do navio, que, ancorado, balouçava, via aproximarem-se lanchas e jangadas. A pouca distância, um pontão de aço, entre gris e ferrugem, punha-se mar adentro, mas o vapor não tinha como a ele atracar-se, por causa — soube mais tarde — da violência das ondas. Aos homens que subiram a bordo, a mãe pediu que descessem primeiro o pai, muito calado, no seu terno bege e de gravata triste. Enquanto dois deles ajudavam a figura magra, outros punham ao colo o menino e suas irmãs e desciam pela escada, até as águas lhes banharem os pés. Do último ou penúltimo degrau, içaram o homem e as crianças ao escaler. O menino viu passageiros, de calças arregaçadas e sapatos na mão, a se sentarem nos bancos das jangadas, e malas, baús, trouxas, embrulhos, caixas, caixotes e engradados saírem perigosamente de uns braços para outros, da cobertura do navio para o chão das barçaças. Se tripulantes e taifeiros trocavam gritos de aviso e ordem, o menino não os ouvia, atento à escura linha verde que, sem fechar de todo o círculo, separava o céu do mar. No fim da longa armação metálica, para onde a lancha o conduzia, avistou o branco da praia e das casas da cidade. Assobiava, alegre, dentro dele a ausência de enxaqueca.

A casa da avó cobria toda a esquina e tinha muitas janelas. Duas coisas davam-lhe o ar de vastidão: a cor de que a pintaram — um castanho-escuro inclinado ao roxo — e a altura de seu porão habitável. Não era um sobrado, mas tinha o jeito de o ser, principalmente quando, aberta a porta da rua, o olhar subia a passo rápido a escada. De lado, o casarão estirava-se por mais que o dobro da frontaria, alongando-se no muro do quintal, com a cajazeira, os pés de murici e ciriguela, os mamoeiros e o cacarejar das galinhas.

O menino não se lembrava do percurso entre o navio e os dois grandes quartos onde agora vivia. A sofrer o calor, é certo, mas acompanhado de muita gente — hóspedes que eram mais do que hóspedes de sua avó: primas, primos, sobrinhos e sobrinhas dela e de cunhadas e cunhados, gente vinda do interior para estudar na capital ou que começava a ajustar-se aos empregos.

A avó pretendia ter um negócio de viúva, uma pensão, mas acabara a serviço da parentela extensíssima. Cada mês chegava de Sobral, de Granja, de Camocim, de Viçosa, de Massapê e de outros pontos da praia ou do sertão um novo candidato a seu canto de rede e ao café da manhã, almoço, lanche, janta e ceia, pagando nada ou menos do que o estranho que, para abrir a vaga, se despedia. De pequeno hotel sem requinte, o casarão transformou-se em pensionato de estudantes ligados por laços de família, tendo a avó que se debruçar sobre as doenças de cada um deles, de ouvir seus namoros, de cuidar das horas em que chegavam à noite e de tirar-lhes das mãos o copo, o baralho e o cigarro.

A avó era jovem. Casara antes dos treze anos — dizia que substituíra a boneca de louça pela primeira filha — e soube da morte do marido quando ainda não começava a pensar nos quarenta. Estava longe de casa, no Rio de Janeiro, a envolver em amparo a filha, que a chamara, e o genro em crise. Mal recebeu o aviso de sua inesperada viuvez, embarcou para Manaus, onde desceu do vapor em desamparo e repentina pobreza. O cofre, no banco, estava vazio: dinheiro, ações, títulos e joias haviam mudado de guarda e posse. O marido tinha mais duas mulheres — uma, na cidade, e outra, numa fazenda de gado, nos campos do Rio Branco — e estas, com

cumplicidades mais próximas, tomaram quase tudo do que julgavam um patrimônio comum.

A avó mandou talhar no mármore o sepulcro do marido. Vendeu os móveis e o que de preço ainda restava na casa, juntou as sobras de uma vida a que a balata e a borracha haviam dado conforto e ilusão de riqueza, e foi-se do Amazonas para o Ceará. De volta à sua terra, passou a uma cunhada uns currais e pastos que tinha para os lados de Sobral, com os bois, jumentos, carneiros e cavalos que abrigavam. Era a pequena herança que escapara, por distante, ao descuido e ao saque. Sem saber, na sua angústia, o que fazer com eles, abandonara ao deus-dará os seringais do marido. Sobre a regada do Rio Branco, de capim gordo e alto, quase pampa, a amásia que lá morava exibiu títulos que lhe garantiram essa parte do espólio. E lá ficou. E dela nunca mais houve notícia.

O dinheiro apurado pela avó foi posto para render. Mas talvez os juros não dessem para pagar a modéstia que ela queria disfarçada, a fim de que não se afetasse o destino de duas filhas solteiras. Viu o casarão desocupado e não hesitou em alugá-lo, para nele receber hóspedes. Vestida de negro, com o molho de chaves à cintura, passou a vigiar compras e gastos, a distribuir tarefas entre as empregadas, a cobrar contas, a afligir-se com as aflições alheias. Silenciou a primeira alegria, como provara em silêncio a humilhação e a amargura: uma carta da filha casada, com o nome de um navio e o anúncio da viagem, decidida também a ir viver em Fortaleza.

Uma das empregadas disse em voz alta:

— Hoje vamos lavar a casa!

Havia, no armário, vários tipos de sabão em barra. Um que cedia ao apertar mais forte dos dedos, e de cheiro intenso e enjoativamente amarelo. O de coco, alvo, algumas vezes pardacento, liso, macio. Um escuro, quase negro. Os marmorizados, que, rijos, custavam a se gastar e podiam ter laivos azuis ou vermelhos.

Foi com pedaços grossos destes últimos e com muita areia fina e branca, trazida da praia, e água que não parava de derramar-se dos baldes de zinco, que as moças esfregaram com vassouras de piaçava as tábuas longas do assoalho. Depois de enxuto com rodo e pano de saco, o chão ficou alvacento, como se a madeira tivesse finalmente alcançado a cor de sua morte. Deixaram-no assim, sem cera ou verniz, claro, luminosamente áspero: um lençol de caroá.

Dentre as moças que lavavam o assoalho, uma, de tamancos, duas pontas da saia amarradas por entre as pernas, ria mais do que as outras. O menino a acompanhava com os olhos, atento até a ponta dos dedos e a sentir que a pele mal a continha dentro do corpo. A moça vestia uma chita florida, a acentuar-lhe a cor acabocorada, assim como o riso lhe salientava as maçãs do rosto e lhe punha ainda maiores os olhos molhados e cinza-verdes.

De repente, ela começou a cantar. E foi a sua voz que o conduziu, certo dia, pelo longo corredor do casarão, até a porta iluminada da cozinha, onde a surpreendeu de cócoras, descalça, a prender, com os pés, os pés e as asas da galinha a que cortava o pescoço. Enquanto o sangue escorria pelas suas mãos e a ave estrebuchante rouquejava, a cantiga, alta e feliz, deu ao menino a primeira imagem da crueldade da beleza.

A visão da moça a matar a galinha frequentou a sua infância. Ele acordava cedo e, encolhido na rede, assistia à cena a repetir-se, com o corredor escuro, o quadrado branco da porta e, no patamar de tijolos gastos da escada que descia para o quintal, a moça, a mudar de modinha, ou não mais cantando, porém sempre alegre, completa em seu riso, permanentemente risonha, a degolar a galinha.

A imaginação foi alterando, com o tempo, o entrançado da lembrança. Agora era ele quem pisava os pés escamados e as asas quentes da ave, pronto para usar a faca, cheio de horror, agonia e também do deleite da longa ereção amorosa. A moça ria, linda.

Embora o casarão da avó ficasse a quatro ou cinco quadras da principal praça da cidade, pelas ruas de que era esquina quase não passavam automóveis. O movimento, mais intenso pela manhã, era feito por vendedores com tabuleiros de verduras e frutas à cabeça, ou a conduzirem burricos com barris de água potável, latões de leite e molhos de lenha pendurados das cangalhas; por meninos e meninotes a caminho da escola; mendigos, senhoras e empregadas que iam às compras; guardas, soldados, comerciantes e comerciários, amanuenses e chefes de serviço; rapazes desocupados e caboclos e portugueses empurrando carrinhos de mão ou guiando carroças, puxadas por uma ou duas mulas, com cargas mais pesadas.

Os automóveis quase não passavam pela rua porque deviam ser contados: os poucos do governo, alguns táxis e escassas dezenas de carros particulares, em geral de médicos. Toda a gente, graúda ou não, andava a pé. Ou de bonde. De vez em quando, uma ou duas vezes por dia, as crianças corriam à janela, para ver um Ford quadrado, com os dois grandes faróis em cima dos para-lamas dianteiros e o quebra-luz no alto do para-brisa, ou uma baratinha, a carregar, na traseira, sobre o guarda-mala, o pneu sobressalente.

Era um gosto para a menina, quando o veículo parava e havia que lhe girar a manivela. Surgia sempre um ajudante, de dentro do carro ou da calçada em frente, disposto a tirar o paletó, desapertar a gravata — todos, exceto os de pés descalços, usavam paletó e gravata para sair à rua — e fazer rodar com força a vareta que se introduzia logo abaixo do radiador. A repetição do gesto custava, em geral, a produzir resultado. O motor ofegava, tossia e fingia arrancar várias vezes antes de entrar em movimento. E lá saía o carro, acompanhado por um magote de moleques, no que se tinha por alta velocidade: quinze ou vinte quilômetros por hora.

Não devia ir mais depressa o que atropelou o filho da cozinheira. O motorista subiu as escadas com o garoto no colo, já morto. O choro fez tudo escuro. Mas o menino compreendeu que era fácil morrer, tão fácil quanto subir na primeira forquilha da mangueira.

Pouco depois, mudaram-se da casa da avó. E foi como se o menino saísse de uma água-forte para um desenho a traço fino, sem qualquer sombreado, sobre um papel muito branco. Os aposentos em que até então vivera eram claros, porque rasgados para a rua, cada um deles, por duas amplas sacadas. Aberta a porta para o corredor, entrava-se, porém, numa repousada penumbra, que se estendia pela sala de jantar, copa e cozinha. As três peças davam para uma longa varanda, de telhado que se abaixava na direção de um quintal coberto de grandes árvores, a embotar o gume do sol.

A nova morada não permitia que o menino descansasse da enxaqueca. Toda ela se desnudava a uma luminosidade feroz, o próprio muro de um branco novo, sem sequer o caule de um mamoeiro a interromper-lhe a agressão, num jardim e num pátio lateral de plantas baixas, a mais alta um arbustinho besta, que ainda não dera fruto. Agravavam os efeitos da claridade a gemada diária e o tomate espremido, a que se seguiam náuseas, um gosto entre adocicado e ferrugento na boca, a vontade de enterrar os dedos nas pálpebras, para conter a queimadura que lhe cegava os olhos.

Ele não sabia passar aos outros a dor que o afastava do mundo. Incapaz, por um precoce pudor do sofrimento, de mostrar a sua testa em chagas, só lhe ficava o consolo de ir para junto das amas, sentar-se quietinho ao pé de uma delas e pedir-lhe que lhe afagasse a cabeça.

As duas amas haviam sido entregues, adolescentes, em Manaus, aos cuidados da mãe do menino. Eram órfãs e, naquele então, não se jogavam nas ruas as crianças órfãs nem aquelas que os pais não podiam manter: eram dadas a pessoas de algumas posses, para que ficassem a seu serviço. A relação de dependência caracterizava-se por imprecisa, ambígua e afetivamente contraditória. A menina ou o rapazote entravam na família e permaneciam fora dela; não chegavam a ser filhos de criação, nem se tinham por empregados domésticos: não recebiam salário, mas, em tese, convívio, proteção e carinho. Se faltava a proximidade do afeto, ainda que provisória e circunstancialmente, nada mais havia exceto uma forma de servidão disfarçada por falsos laços de apadrinhamento. Em alguns casos, falava-se de maus-tratos — e as frustrações, as raivas, os desacordos amorosos, as dificuldades financeiras, as expectativas goradas, as neuroses e os desequilíbrios dos mais velhos podiam transformar-se em crueldade contra aqueles que, na casa, se acolhiam em troca de trabalho. Destes, cobrava-se gratidão. E muitos não a escondiam, embora esgrafiada de mágoa pela constante cobrança de um resgate da fome, dos trapos e do mocambo ou da sarjeta. Toda a convivência contaminava-se de ressentimento, humilhação e remorso.

Uma das amas do menino era filha de portugueses atraídos pela borracha, que não colheram mais do que malária. A outra, uma índia sorridente, de pele lisa e brilhante, em que não havia sinal, mancha, aspereza. Ambas, sem o saber, amaciavam-lhe a enxaqueca, as unhas a fingirem catar piolhos e esmagar lêndeas. Não era apenas o cafuné que o serenava, mas o carinho com que compunham o menor dos atos, o dar de comer, por exemplo, ao menino enfastiado. Uma e outra tomavam do prato os grãos de feijão e os descascavam com capricho, partiam que partiam a banana e a carne, e, após enfiarem os pedacinhos num palito, diziam ser aquilo o duque de Caxias a cavalo, em busca do inimigo, na boca do menino.

A voz calma e as histórias que contavam iam vencendo ou, ao menos, iludindo a inapetência. Aquela tinha visto um jacaré aproximar-se da beira

do rio e devorar a perna de um garoto. Essa insistia em que era perigoso acordar as pessoas de repente: a alma que, no sono, se afastava para longe do corpo, podia não ter tempo de a ele retornar. A índia sabia de homens que viviam como morcegos, em cavernas, pendurados pelos pés. A outra, das peripécias do Negro Ensebado, a subir, nu, pelas paredes das casas e a deslizar por entre as mãos dos que procuravam agarrá-lo. O Ensebado tentara roubar a casa de uns primos, em Massapê — a mãe, ouvindo a história, completava.

Eram de madeira o cavalo e o ginete. Pouco maior do que a mão de um adulto, a imagem do animal devia ter um ímã na sela, e a do homem de pernas em arco, pedacinhos de ferro incrustados no alto da cabeça, nas mãos, nas nádegas e nas plantas dos pés. Assim se explicariam as acrobacias do cavaleiro, capaz de escanchar-se de frente e de costas, de sentar-se de lado no selim ou de nele equilibrar-se sobre uma só perna, uma das mãos ou de cabeça para baixo. Era um desses brinquedos que se vendiam nas feiras e no mercado, onde se podia ver o figureiro cortando a madeira, embutindo o metal e pondo, de encarnado, o lenço do pescoço do boneco e, de prata, os estribos e outras partes dos arreios do cavalo.

O menino passou muitas horas com as duas peças de madeira, entretido a fabular enredos de circo e de vida, simples e breves, até que, um dia, sem explicação, elas sumiram de vez. Sem explicação e dentro de casa.

Reviraram-se todos os cômodos. Buscou-se atrás dos armários, no depósito de carvão da cozinha, no telheiro que cobria a bomba d'água, nas moitas do jardim. Nada. Como se cavalo e cavaleiro tivessem fugido a galope para um outro espaço e um outro tempo, sem, no entanto, de todo se afastarem do menino, a cujos sonhos se apegaram.

Em repetidas noites, ao longo de anos que se estenderam da infância ao embranquecer dos cabelos, o cavalo e o ginete de pau foram reencontrados pelo dono dormindo. De súbito, no sono, ao puxar uma gaveta ou desdobrar a rede, um grito punha de novo nas suas mãos a montaria tosca e o homenzinho que sobre ela cabriolava, também menino e também feliz.

Um dia, ao acordar, viu que lhe tinham trazido um cordeirinho. Cabia nos quatro ou cinco anos de seus braços. E era branco, lanudo, com olhos de choro e focinho úmido e frio. Havia que dar-lhe a mamadeira. E deitá-lo cuidadosamente num leito preparado com cobertores velhos. E fingir que o ajudava a caminhar. E pôr tento para que não espalhasse pela casa a bostinha miúda, redonda e preta.

— Vai chamar-se Mimoso.

Com este nome, brincou no quintal e no jardim. O menino passava a mão na testa dura do borrego, a indagar se seria mocho ou chifrudo. E tapava os ouvidos, quando os més se prolongavam e repetiam. Não chegou, porém, a criar amor ao bichinho, porque este se foi como viera, em segredo, na tarde em que se mudaram para a praia.

A casa ficava defronte ao mar. Eles atravessavam, de manhãzinha, os paralelepípedos da rua, de alpercatas que iam encher-se de uma areia fina e quente, antes que as tirassem do outro lado. O menino não gostava de andar descalço. Dava-lhe aflição, gastura. Por isso, corria sobre os primeiros metros brancos e esfarinhados da praia, até sentir-se bem de novo, no chão úmido que parecia calçá-lo, quando restos de ondas, já serenadas, lhe molhavam os pés.

O quebrar das ondas, altas, lentas e ritmadas, e a linha inconstante que traçavam na areia, no limite das águas, eram tudo o que na praia, sob um sol inimigo, lhe alcançava a alegria. Algumas vezes, detinha-se a olhar o pontão de aço, mar adentro, e os vapores ao largo, mas sem entusiasmo e sequer o sofrido interesse com que observava a partida e a volta das jangadas.

Depois que essas venciam a arrebentação e embicavam para a praia, em pleno raso, os pescadores, de chapéu de palha, ressecos no azul roto ou no branco encardido de suas roupas, saltavam n'água para ajudar os rapazes, que os aguardavam em terra, para pôr debaixo da jangada, um após outro, os roletes sobre os quais ela lentamente se movia.

Mal tinham a embarcação em repouso, já espalhavam ao redor as cestas com peixes. Ali se vendiam robalos, dourados, bonitos, pescadas e as piabinhas que se comiam inteiras, fritas na frigideira ou assadas na brasa. Das jangadas baixavam também, frequentemente, camarões, caranguejos e lagostas.

O menino acompanhava as criadas nas compras. Havia sempre que levar para casa cangulo, um peixe feio, barato e de dúbia fama, pois se tinha, a um só tempo, por venenoso e excelente para os nervos e os pulmões. Fazia-se com ele uma sopa, que completava, com as gemadas, o leite cru, o suco de tomate e o fígado de boi malpassado, a mitologia alimentar da família.

O que atraía o menino, na feiura do cangulo ou na lindeza do dourado e dos peixinhos de aquário, eram os olhos sempre abertos, sem pálpebras, imóveis e muitas vezes protegidos por uma película baça. Não fitavam a

morte — assim lhe parecia. Talvez medissem, desde sempre e para sempre, o que seria o tempo, se não fosse o mar.

Voltava da praia com o sol colado nos olhos. Quase sempre, com a metade da cabeça apunhalada. As pálpebras baixas, via através delas os retângulos de luz dos postigos e das portas. E, por muitos minutos, se abria os olhos, o mundo ao redor mostrava-se ao revés, como o negativo das fotografias. As sombras mudavam-se em luz, as claridades faziam-se negras e todas as coisas tinham contornos fortes, que queimavam. Não havia mais cores. Entrava num jardim luminosamente invertido, em que um espaço cinza escuro e preto enchia de clarões as flores, os galhos e as folhas, e cercava de uma aura intensa todas as formas, ainda que distantes. Apertava com os dedos a pálpebra dilacerada, para que dela caísse a dor. Encolhia-se na penumbra de um canto da sala e ficava quietinho, a sentir-se ainda menor sobre um assoalho que balançava como a quilha de um barco. A poeira tinha um odor intenso e lhe abria o enjoo.

Mudaram-se de novo, após alguns meses de praia. O rumor do mar afetava os nervos do pai, que pediam silêncio, sombra de árvores, convívio de passarinhos. A casa que a mãe comprara, no outro lado da cidade, oferecia tudo isso. Embora não longe do centro, ficava num pedaço de rua calçado de pedras irregulares e que, uns três quarteirões depois, se desnudava em barro, a cortar sítios, roças, pomares, vacarias e terrenos baldios.

A casa tinha um pequeno jardim, com duas moitas de palmeirinhas muito verdes a ladearem o caminho cimentado que levava ao alpendre. Este tomava a metade da fachada, na qual se viam ainda três grandes janelas. Ao lado da varanda, entre a casa e o muro do vizinho, havia um corredor, interrompido pelo portão alto que resguardava o quintal.

Ao entrar na casa, a mãe mandou que se arrumassem os canteiros do jardim. Plantaram-se dalias, margaridas, roseiras. Os galhos mortos de uma dama-da-noite, rente à mureta que dava para a rua, foram podados com capricho, para não danar o arbusto, de cujas flores brancas, quando o céu se estrelava, vinha um cheiro intenso e doce, enjoativo de perto, aveludado para os garotos sentados na coxia, e lindo e bom, como cabelos de moça ao vento, para quem se achegasse pela calçada em frente.

Uma outra arboreta que acarinhava a curiosidade do menino era uma graxa-de-estudante, junto ao portão que cobria o acesso ao quintal. Tinha flores grandes, enrugadas, entre o rosado e o vermelho. Era raro que se passasse por ali, sem arrancar uma delas e esfregá-la nos sapatos, para lhes devolver o brilho. Se o calçado era negro, até a biqueira esfolada reavia, com ilusória brevidade, a cor primitiva.

O jardim sussurrava para o menino. Entre as folhagens, sobretudo depois que a ausência de cuidados desfez os canteiros e misturou as flores, confundindo-as com as macegas de pouca vergonha, corria uma cantiguinha da qual ele era o único ouvido, debruçado sobre os grilos, as lagartixas, um que outro louva-a-deus e as asas das borboletas, algumas tão pequenas que só se viam porque mais que brancas. Miúdas e quietas, as palavras. Baixinha, quase inaudível, a melodia. Alguém cantava para ele, enquanto ele cantava para alguém. Um cicio, apenas, com o nome das coisas. E,

devagarinho, o verso, aquilo que se inventava para não haver silêncio, o que nascia de um solilóquio que era também dueto. O sol, filtrado pelas árvores, enxugava a grama. Um verdureiro, na rua, aos gritos, punha de pé o menino.

O verdureiro era preto. Um dos dois pretos que o menino conhecia. O outro era o interventor federal e passava com frequência, a pé ou de automóvel, pela praça onde o menino ia brincar à tarde. É provável que nenhum dos dois fosse verdadeiramente negro: ao segundo tinham por mulato, embora escuro, e o primeiro talvez recebesse a mesma classificação, se, em vez de andar descalço, de camisa de algodãozinho e calça de brim, governasse, como o outro, o Estado, de linho branco, impecavelmente engomado, gravata escura, sapato de duas cores e palheta ou chapéu-panamá.

O verdureiro vinha sempre apressado, quase correndo, pela rua. Quase correndo, entrava no jardim, abria o portão lateral e depunha o tabuleiro — uma espécie de mesa, grande e de quatro pernas, que carregava à cabeça — em frente à porta da cozinha. Esquecia, então, a pressa. E enquanto mostrava o que tinha para vender, e que era sempre couve, jerimum, maxixe, quiabo, inhame, macaxeira, tomate, cheirinho, coentro e feijões-verdes — nisso se esgotando o inventário do que eram, na terra, verduras e legumes —, transmitia os recados que mandavam, por seu intermédio, outros fregueses, pontuando as mensagens com informações sobre como, naquela manhã, os encontrara de saúde e sobre os contratempos que enfrentavam, e com os boatos de namoros, rixas, dívidas, falências e ganhos no jogo. Estendia-se sobre o último tema, de bloquinho na mão, para anotar as apostas no avestruz ou na borboleta, na dezena, no milhar e no invertido.

Uma das amas, então, lhe pedia que desse, ao passar pela casa do tio fulano, um certo aviso da madrinha e que entregasse a sicrano uma encomenda ou um embrulho esquecido. O verdureiro repetia tudo, com calma, punha a rodilha no alto da cabeça, nela apoiava a sua carga e já dizia adeus, às carreiras.

Não era mais que um meninote o vendedor de verduras que se cumpria como núncio, repórter, correio e bicheiro. Tanto que, algum tempo depois, insatisfeito com a pequena dimensão da viagem e com a repetida pobreza do comércio de notícias com que esgotava o dia, sentou praça numa escola de aprendizes marinheiros.

Toda a manhã, passava o comércio pela porta da casa. Bem cedo, vinham o leiteiro e o seu ajudante, um guri a tanger dois ou três burricos, as cangalhas sustentando, de cada lado, a grande caixa com os latões cilíndricos e de um zinco fosco. O comprador declarava quanto queria. O leiteiro puxava com cuidado, pela alça metálica, o tampo também metálico e muito justo da vasilha e nela mergulhava a medida de estanho — de um litro, de meio litro, de um quarto de litro.

Mal se afastava, vagarento, com sua carga balouçante, e um novo rumor de cascos trazia os carvoeiros, de roupa e rosto sujos, as mãos pretas nas rédeas dos jumentos sobre os quais montavam, as pernas escuras a se confundirem com os sacos de carvão. Eram, em geral, meninos, algumas vezes comandados por um homem. Havia também quem vendesse carvão em carroças de madeira gastas e desengonçadas, que a preguiça ou o cansaço de um cavalo velho arrastava pelo calçamento. Os vendedores traziam uma bolsa de couro ou pano a tiracolo, pesada de moedas, pois as notas eram raras nesse mercadejar de casa em casa e de pequenas despesas.

Lindos eram os jumentos dos floristas. Cabeçada e focinheira vinham cobertas de flores, e flores escondiam o couro do peitoral, da cilha e da retranca das cangalhas. As caixas que sustinham estavam, em geral, pintadas de azul, verde ou amarelo, ou com motivos vegetais de mais de uma cor, a repetirem todo o decepado jardim que nelas se equilibrava. No cabeçote havia sempre um regador de lata, para refrescar os cravos, os copos-de-leite, as dalias, as rosas e um sem-número de outras flores e florinhas, protegidas, muitas vezes, do sol por um teto de esteira enfeitado de palmas.

Os vendedores de aves traziam a mercadoria, quase a correr. Num garajau, no alto da cabeça. Ou ao ombro, numa vara longa, em cujas pontas galinhas, pintadas, patos e marrecos se dependuravam pelos pés, aos cachos. Iam cantando a oferta, como de resto os carniceiros, os peixeiros e os demais vendilhões, e os amoladores de faca e tesoura, e os funileiros, e os compradores de jornais velhos e garrafas vazias, e os engraxates, e os que ofereciam à rua pencas de bananas, jacas inteiras ou aos pedacinhos,

laranjas, mangas, sapotis, graviolas, cajás, ciriguela e murici, as três últimas frutas vendidas por medidas de latão.

Com o meio-dia e o mormaço do início da tarde, chegavam os sorveteiros.

O avizinhar do crepúsculo trazia o homem do puxa-puxa, a abrir e fechar os braços, cintados pelo grosso elástico de açúcar amarelo. Punha-se a moeda no seu bolso, para que ele não a tocasse com as mãos com que arrancava um pedaço da massa gordurosa e grudenta e a estirava e contraía, como se fora de borracha, antes de entregá-la ao guloso, obrigado a continuar a espichar e a amassar o doce, se não queria vê-lo endurecer e açucarar-se.

À noitinha, passavam meninotes e um galalau a pregoar mindubi fresco, torrado no sal ou coberto de mel e de açúcar mascavo. E voltavam para a casa das patroas os doceiros, com as mesas cobertas de vidro, a proteger das moscas o que sobrava de cocadas, pés de moleque, quindins, sequilhos, doces de batata, de mamão e jerimum, queijadinhas, suspiros e quadradinhos de goiabada e bananada envoltos em papel celofane.

Os baleiros, com a caixa pendurada ao pescoço, ainda perseguiam as crianças com rebuçados, chicletes, pirulitos, quebra-dentes, chocolates, amêndoas e jujubas.

O que não se comprava à porta da rua ou da cozinha ia-se buscar na mercearia, no talho ou na quitanda. Esta se instalava, quase sempre, nos cômodos da frente de uma casa baixa, de duas portas, em cujos fundos vivia, com a família, o proprietário. Cortava a sala escura, cheirando a aguardente, bacalhau, tabaco e carne-seca, um balcão de madeira encardida, sobre o qual os fregueses esqueciam os cotovelos, na prosa rala, acompanhada de pinga forte, rabo-de-galo, tremoços e cusparadas sonoras para o chão.

O vendeiro conversava mais do que vendia. E era solícito e gentil ao atender ao pedido de três cigarros e uma caixa de fósforos. Pois ali tudo se adquiria mais do que a retalho, e dessa venda aos bocadinhos lhe vinha o melhor lucro. Um cigarro era mais caro, no balcão da bodega, do que o vigésimo do preço de um maço de vinte. O pobre, obrigado a comprar a miúdo, obtinha, portanto, pelo seu tostão menos do que aquele que comprava a mil réis. Mas eram as suas mãos de unhas mal-aparadas e sujas as que, com mais frequência, punham sobre a tábua as moedas com que se obtinham um pedaço de rolo de fumo, um naco de charque, uma fatia de abóbora, dois ovos, seis bananas ou um quarto de litro de açúcar, arroz, fubá ou feijão-mulatinho.

O quitandeiro levantava a tampa inclinada de uma das grandes caixas de madeira que continham os gêneros secos e dela trazia, na medida de latão, o que lhe fora pedido. Puxava de uma estante uma folha de jornal e, após rasgá-la no tamanho desejado, fazia com ela o cone em que despejava a farinha, o grão e o farelo, tudo aos pouquinhos e bem-medido.

Nas prateleiras que forravam a parede atrás dele, com garrafas de bebidas baratas e latas de conserva, viam-se, além das postas de bacalhau, toucinho e carne-seca, fieiras de linguiça de vários tipos, tripas e buchos cheios de ar, cordas de alho e cebola e uma ou duas colunas de tamancos. Em alguns casos, no chão, colada à parede junto à porta, havia uma espécie de gaiola de arame, com cerca de uma dúzia de frangos a se empurrarem uns aos outros e um fedor azedo de titica e pena molhada.

A venda era triste como um cachorro magro a roer a pobreza alheia. Seu dono, a não ser que se negasse e aos seus até a rede limpa, o leite no café e a roupa de domingo, e pusesse todo o esmero na sovinice e em transformar em agiotagem os fornecimentos a crédito, envelhecia, sem mudar de assuntos e gestos, atrás do balcão. Não lhe bastava fraudar no peso e na medida, ou pôr água na cachaça e despesas falsas nas cadernetas mensais dos fregueses, para trocar os tamancos por sapatos. Cinco ou seis gramas a menos em cem gramas disto ou daquilo não valiam dez réis, e a maioria das compras da vizinhança era assim em pequenino.

Mais esquálido ainda, e batido, e desconsolado, arrastava-se o comercinho de viúva de alguma porta e janela. Como o daquelas duas vizinhas, mãe e filha, que buscavam sustentar-se e a um garoto cabeçudo e moreno, dando de beber café e aguardente a descalços e cangalheiros e lhes vendendo uma banana, duas broas, uma talhada de mamão ou melancia, tapioca feita na hora, rapadura, beiju, carne de sol com macaxeira frita e farinha-d'água, aluá de casca de abacaxi, doce de jaca.

Algumas vezes o menino era incumbido, mais para ajudar as viúvas do que por conveniência ou preço, de ir nelas fazer alguma compra. A mesa em que se dispunham as parcas mercadorias e as contadas peças de louça branca e brilhante, para o café e as comidas, mostrava-se sujammente negra no centro da sala escura, onde só havia um outro móvel, uma espécie de aparador, sobre cujo tampo se acumulavam caixas com carretéis de linha, botões, agulhas e alfinetes, bolas de gude e piões, papel de seda e outras quinquilharias. Na tosca varanda que se abria para o quintal, ficavam os sacos de carvão e as latas de querosene, também objetos de comércio a retalho. Comprava-se uma dúzia de tições para o fogareiro do dia e uma garrafa de querosene para iluminar o mocambo.

Ao menino não escapava a diferença entre mocambo, porta e janela e o bangalô em que vivia. Nem entre o quimono de seda caseiro de sua mãe e a roupa escorrida e desbotada das vizinhas. Muito do que se adquiria na quitanda e na tenda das viúvas era de consumo quotidiano entre os seus. Mas no armário de sua copa havia lugar para o domingo e a festa: as maçãs argentinas, a manteiga mineira, as bolachas inglesas, o azeite doce

português, que a mãe comprava em lojas claras, de balcões de vidro e estantes de espelhos.

Havia, logo após a porta e janela das viúvas, uma casa boa, desde sempre desalugada, porque até ela não vinha a água da rua e, em seu pequeno quintal, todo ladrilhado, não se cavara poço. A mãe do menino negociou com o proprietário e com as viúvas ligar por um cano, que cruzaria, suspenso, o terreno destas, a dezena de metros que separava a sua da caixa-d'água do prédio vazio. Deste modo, a mesma bomba elétrica podia encher os dois depósitos com a água da cacimba existente no quintal do menino. Concluído o trato e feita a obra, trouxe a mãe dela para morar ao alcance de sua voz e de seu abraço.

A avó fechou, sem pena, o casarão de hóspedes. E pendurou sobre a cama do novo quarto um retrato grande do marido que se fora — um homem bonito, de rosto redondo, maçãs salientes, lábios finos, a lembrar em tudo a mãe do menino.

Os pais do avô eram portugueses. Do Minho. Chegaram ao Ceará, tendo de seu, cada um, apenas as mãos do outro. Cheios de fome de terra, sobre ela se debruçaram a trabalhar e a foram ganhando metro a metro. Com o tempo, o marido fez-se escrivão de imóveis, e corria a lenda de que se tornara mestre em mudar no papel os limites das fazendas, garantindo à mulher — exímia no rifle e tão ajagunçada que Antônio Silvino a tinha por comadre — a colocação dos novos marcos resultantes das tramoias. Acumularam terras boas e terras más, pastagens, carrascais e muitos filhos.

Um deles, o avô materno do menino, desfez, um dia, o baú no seminário. Lá ficou cinco anos. Não tinha, porém, vocação para padre e saiu antes de tomar ordens. A ler em latim os seus autores. A não estranhar o grego. Foi para o comércio. Casou-se. E seguiu para o Amazonas, no auge da exploração da borracha. Logo, era gerente de uma grande casa exportadora de látex, castanha-do-pará e outros produtos da floresta e importadora de tudo ou quase tudo. Fez-se dono de seringais. Trouxe gado do sertão cearense e foi dos primeiros a pôr bois a pastar nos campos do Rio Branco. Prosperou o seu bocado e, sem parcimônias, pôde dedicar-se a namoros apaixonados com o direito, o futebol e as mulheres. Possuía uma boa biblioteca jurídica e se demorava a discutir com desembargadores,

juízes e advogados os casos no foro e os de que tinha notícia pelas revistas que assinava. Foi diretor de um clube de futebol, e não havia jogo em que não perdesse o chapéu, lançado ao campo com entusiasmo, ou não partisse a bengala, na irritação do protesto. Se o time vencia, arrebanhava os jogadores até a casa, de portas e janelas abertas para a festa.

Saía facilmente do futebol para os livros. Tinha pena de não se ter aplicado ao estudo do grego e ralhava com o genro, por ser este incapaz de conhecer de verdade, no original, Virgílio e Lucrécio. Se, com as leituras e a afeição quase estética aos volumes de direito, devolvia a si mesmo a vocação desperdiçada, não dava sinais de fastio do trabalho no comércio. Ali tinha grandes amigos, sobretudo na colônia portuguesa, entre aqueles que andavam, como ele, sempre impecáveis nas roupas de linho branco ou, apesar do calor e da umidade de Manaus, de casimira leve e de colarinho engomado, gravata apertada, sapato de verniz ou de duas cores, bengala com castão de ouro, marfim ou prata.

Talvez se considerasse quase tão português quanto brasileiro. Era também um imigrante, um filho de minhotos que partira de Camocim e escapara, por conhecimentos, trabalho, habilidade e sorte, ao destino acanhado ou doloroso de outros cearenses, e nisto não se diferenciava daqueles portugueses que conseguiram sair do seringal, do cortiço e da bodega e se engrandeciam a construir mansões abarrocadas na aldeia materna, em Lisboa, no Porto ou na Madeira, a colecionar todas as edições do Camilo e a mandar imprimir clandestinamente os poemas fesceninos de Bocage.

Na maioria, o sonho do retorno à terra ficava em sonho mesmo. Iam a Portugal e estranhavam o frio, a pequenez dos espaços, o gosto do peixe de mar, a brancura e o odor das mulheres. Como dormir em cama, quem se acostumara ao balançar da rede? Ao pôr os pés no Brasil, já os tomava, porém, a vontade de regresso. Irremediavelmente saudosos de cá e de lá, os filhos, até mesmo os que mandavam estudar em Coimbra, puxavam-nos para o lado das moças acobreadas e de cabelos negríssimos, dos banhos de rio, das mangas, do cupuaçu, da graviola, do açaí, do buriti, do jenipapo, dos frutos que não eram aguados ou insossos, como lhes pareciam a pera, a ameixa e a maçã. Por isso, a casa em Caminha, em Ponte de Lima, na

avenida da República ou nos confins do Trás-os-Montes quase nunca assistia à morte do dono.

A morte no exílio por gosto e escolha também alcançou, inesperada e dolorosamente, o avô do menino. Foi-se, aos 45 anos, de um ataque de uremia.

Quando a carroça, em sucessivas viagens, trouxe os móveis da avó, descarregou na casa do menino meia dúzia de baús. A mãe esqueceu-os durante alguns dias, num quarto dos fundos. Até que abriu o primeiro e dele tirou um leque de plumas de avestruz, sombrinhas de seda, bengalas, a casaca, o fraque e a cartola do pai, um binóculo e uma caixa grande, negra e quadrada.

Aberta, esta se revelou uma vitrola. Na parte interna da tampa, onde, a um canto, se desenhava o cachorrinho sentado, a reconhecer no gramofone a voz do dono, via-se, presa a duas alças, a manivela com que se apertavam as cordas, para fazer girar o prato do disco. A mãe pôs o aparelho para funcionar, e o menino e suas duas irmãs ouviram pela primeira vez algo que era mais que assobio, cantiga de botequim ou cantarolar à toa. Saía do pequeno alto-falante, entre fanhosa e arrastada, uma das peças do *Children's Corner*, de Debussy.

Os discos não eram numerosos, mas o menino amava o continuado retorno à “Espanha” de Chabrier, à abertura do Lohengrin, à voz de Bidu Sayão. Alguém lhe disse que os espinhos de cacto, quando de tamanho igual ao das agulhas metálicas, reproduziam o som melhor que elas, com menos arranho e chiado. Passou a recolhê-los, ao passear pela manhã, e a pô-los na mesma latinha preta, forrada de papel estanhado, em que se guardavam as agulhas de cromo, e a pedir, depois, à mãe ou à tia que os usasse na vitrola. Clareava-se a música, mas, algumas vezes, a ponta do acúleo perdia o gume ou se abria antes do fim do disco.

Não se cansara ainda da vitrola e já sua atenção se entornava sobre o binóculo. O que o atraía não era ver, através das lentes, as figuras a se aproximarem dele. O aumento das formas como lhes tirava precisão e brilho. Gostava, isto sim, de pôr um dos olhos nas lentes grandes e usar o binóculo ao contrário: as coisas se reduziam na distância, porém seus contornos se tornavam mais limpos e exatos, cada diminuto pedaço de vermelho, mais vermelho. Tudo se desenhava e coloria com a força e o rigor do pequenino. O próprio movimento era mais nítido, como, de perto, o correr, sobre o muro, da formiga.

Podia ser instantânea a apreensão da beleza de um inseto. O olho o abarcava de uma só vez; não tinha de passear por sua superfície — do focinho ao rabo, da orelha ao casco de um cavalo, por exemplo. Não se perdia a totalidade da forma à vista, nem mesmo quando se cuidava de perceber melhor isto ou aquilo: na mosca, o coçar da cabeça; numa abelha, a asa crespa e transparente sobre o corpo listrado de mel e amarelo. Era distinta, portanto, a visão do realmente minúsculo da recebida através do binóculo invertido. Nesta, se a nitidez crescia, voltavam-se em grão ou nada lindezas do tamanho natural: as volutas da narina e da orelha do cavalo, o fremir nervoso da anca, certa nódoa de cor diferente nas crinas derramadas.

Ao menino não escapava o deslumbramento de uma grande árvore, mas queria também vê-la com as dimensões de uma folha. E isto lhe dava o binóculo ao contrário, ao transformar o real ainda mais do que o espelho.

Foi o pai quem ensinou o menino a olhar os insetos. Quem lhe pediu atenção para a alegria dos grilos. E deu nome à joaninha, à lavandeira, ao louva-a-deus, ao besouro, à vespa e ao comprido e estranho bicho-de-pau, que mais parecia um graveto. Pouco a pouco, mostrou-lhe quão numerosas eram as espécies de formiga, tão diferentes entre si quanto o zebu de um cabrito, um cabrito de um jumento ou este de uma zebra. Umas, foscas; outras, translúcidas; e também polidas ou quase oleosas. Estas aqui, do tamanho do marimbondo; aquelas, minúsculas como o ponto impresso num papel por lápis fino. Viam-se negras, cinzentas, semiprateadas, amarelas, fulvas, ruivas, a puxar ao cobre, de uma só cor, bicolores e com malhas ou rajas, a moverem diferentes antenas, ferrões, tenazes e chifres. De testa pequena ou cabeçorra maior que o corpo. De bunda enorme, alongada, redonda e em forma de pera, ou de traseiro proporcional à estrutura do todo. Mas sempre rápidas e com a aparência de vorazes. E em grupos. Quando uma surgia escoteira, esperava-se um pouco e lá vinham as outras, em fila e a se ajuntarem como bois à entrada do curral.

Dos baús saíram muitos livros. Quase todos encadernados. E surgiu de algum lugar uma cadeira de braços, cópia da desenhada por Gerrit Rietveld, só que inteiramente verde, em vez de vermelha e azul. Nas suas tábuas lisas, que se juntavam inclinadas para formar assento e encosto, o pai deixava-se ficar esquecido por muitas horas, livro aberto nas mãos, a ler ou a fingir que lia. O menino vinha sentar-se ao pé dele, com o último número de *O tico-tico*, e seguia, nos desenhos, as aventuras, travessuras e desventuras de Chiquinho, de Reco-Reco, Bolão e Azeitona, de Zé Macaco e Faustina.

Muitas vezes, a avó já lhe havia lido e relido a revista. Ela o chamava para o sofá de palhinha, abria a página numa história e, a apontar palavra após palavra, ia-lhe reproduzindo os textos breves. O menino, após três ou quatro vezes, decorava as frases correspondentes aos quadrinhos. Podia repeti-las com facilidade, para si próprio e para os outros, a imitar a avó, o dedo sublinhando no papel cada palavra. Certo dia, folheava *O urso com música na barriga* e descobriu que sabia ler. Que sabia ler sem ter passado pelo bê-á-bá nem conhecido o Ivo que via a uva.

O menino acordou com choro em casa. A tia morrera, de madrugada. A tia que era todo linda, de cabelos muito negros. A tia que montava a cavalo como os homens, escanchada na sela, de culote e botas de cano largo. A tia que tocava piano e violão e cantava modinhas antigas. Orgulhosa como toda nova pobre, tanto escolhera — era da avó o comentário — que se casara com um rapaz insignificante, de bigodinho, que ensaboava as mãos, ou as lavava com álcool, umas trinta vezes por dia, e só tinha dois assuntos: doenças e remédios. A tia casara, fora morar em sua casa, parir sua filha e morrer, alguns meses após o parto, magrinha, de pele amorenada pela palidez, com grandes olheiras e dores de gritar, no ventre.

O menino só a vira, depois de doente, uma vez. Na cama, em vez da rede. Largada. De cabelo ralo. Talvez sob o efeito da morfina. Voltou a vê-la, já restituída à adolescência, as grandes pálpebras fechadas, o corpo estendido sobre a mesa, com o mesmo à vontade e a mesma elegância com que se encostava ao piano, na sala da avó.

Não o levaram ao enterro. Estava em casa, quando a avó trouxe a prima pequenina. Para morar com ela. A senhora retirara do vestido negro afogado e de mangas compridas as rendas brancas na gola e nos punhos, com que aliviava o luto do marido. Sentou-se numa cadeira de balanço, o cabelo escuro arrebanhado em coque, a aumentar-lhe o rosto moreno, com os olhos muito azuis e o belo nariz judaico. O menino ficou a olhá-la, calado, a sentir que para ela a morte era também uma forma de perfeição. Com a mesma humildade do silêncio, ele a ouviria dizer, anos mais tarde, sem ênfase alguma, quase que a pedir desculpas pelas palavras:

— Nascemos para fazer feliz o outro. Os outros é que são importantes, e não nós.

Pouco antes do almoço, começavam a passar os pedintes. Abriam a portinhola do jardim e o portão que o separava do quintal, e iam ter à entrada da copa. Batiam palmas:

— Louvado seja nosso Senhor Jesus Cristo! Uma esmolinha, pelo amor de Deus!

Tudo estava preparado para atendê-los.

— E eternamente seja louvado!

Havia sempre à porta uma saca de farinha, rapadura, pães e uma penca de bananas. E eles já traziam uma sacola grande para a farinha e outra para os demais óbolos.

Eram todos velhos e geralmente homens. Gente que a idade e os ossos fatigados não deixavam mais trabalhar. Restos. Um e outro cego, com seu guia. Embora os cegos, os coxos, os de pernas secas, os corcundas e os sem-braços preferissem concentrar-se no mercado, onde pediam menos esmolas do que cantavam, tocavam rabeça, vendiam mezinhas milagrosas e romances em verso, desenhavam com os pés e faziam papagaios de papel, gaiolas de taquara, junco ou arame e brinquedos de madeira e de latas usadas.

Raro era ver-se mulher, e sobretudo mulher com criança no colo, a pedir de casa em casa. A não ser quando o inverno fugia de todo e as famílias dos sitiantes e roceiros se transformavam em mendigos. Como era sempre possível aumentar de um o número de empregadas domésticas, até mesmo entre aqueles que mal iam saindo da pobreza, a maioria das mulheres necessitadas acabava por encontrar, para o resto da vida, ainda que praticamente sem salário, patroa e abrigo. Além disso, os filhos cuidavam da mãe, na velhice, mas com frequência desconheciam o nome e as feições do pai. Se a mulher era jovem ou bonita, as casas de damas, que enchiam quarteirões da cidade, abriam-se para ela.

Os mendigos chegavam à porta da copa, um após outro, com breves intervalos. Alguns haviam vencido a humilhação de pedir: não mais pediam; cobravam. Cobravam a pequena parcela dos juros do que ficara do trabalho malpago. Cobravam calados, como se fosse aos gritos. Ou sem

acanhamento, com a mesma sem-cerimônia com que entravam jardim e quintal adentro, até a porta da copa ou da cozinha, e chamavam pelos nomes próprios as pessoas da casa. Pois havia os pobres que percorriam as mesmas ruas todos os dias, enquanto que outros variavam constantemente o itinerário e só apareciam de vez em quando.

Vestiam-se as velhas de chita desbotada. Os homens cobriam-se com um azulão esmaecido e gasto, cheio de remendos e costuras nos rasgões, ou, aqueles mais insultados pela miséria, com um tecido sujo que parecia aniagem. Usavam chapéu de palha, para cobrir a cabeça e estendê-lo aos passantes. Quase todos descalços, arrastavam os pés rachados e endurecidos desde os areais em que tinham o chão de suas palhoças até a cidade, a fim de que a fome não os levasse mais depressa à cova.

O que chegava durante ou logo após o almoço recebia um prato de comida. Sentava-se no degrau da porta da cozinha, fazia com os dedos um bolo de arroz, feijão e carne, e o levava à boca, mastigando-o devagar, mais com as gengivas que com o resto dos dentes. Dois ou três contaram ao menino histórias de valentia. Três ou quatro queixaram-se do abandono dos filhos. A todos, a doença aterrava. E ainda mais, a seca.

Toda a gente aguardava, inquieta e esperançosa, o 19 de março. Se a data passava sem chover, não haveria inverno ou este seria pobre de águas. Alguns interpretavam a altura, o volume e a viagem das nuvens. Outros erguiam-se de madrugada, para ler o orvalho. Puxava-se reza, em quase todas as casas, diante dos oratórios ou das litografias de santos pregadas nas paredes. A primeira chuva trazia todo o mundo às janelas e as crianças às ruas.

Num canto, o menino procurava adivinhar o que lhe dizia um livro, quando ouviu as bicadas indecisas dos pingos no telhado. Intenso, o cheiro de terra e de bosta de cavalo trocou-se logo pelo de água abafada, mato úmido e roupa a escorrer no varal. Saiu correndo do quarto e alcançou o portão do jardim no mesmo instante em que outros garotos saltavam para fora de casa.

Ruim, para ele, era estar de sapatos, mas tinha horror de andar descalço. Os vizinhos iam rir dele, a brincar, calçado, na chuva, e depois o couro ia feder muito e a mãe o repreenderia pela botina estragada e pelo fungar do resfriado.

A chuva batia forte. Apesar disso, a criançada corria para baixo das junções dos beirais e das calhas entupidas ou com furos, de onde a água caía ainda mais agressiva. No início, a roupa encharcada pesava. Depois, colou-se ao corpo e ninguém a sentia, no pulo, no grito, nas correrias sobre o chão rápido como um rio, embora raso, de inverno. Também o menino, de cuja botina saía água pelo cano e pela sola, esgoelava-se aos pinotes. Os pés não eram tão leves quanto os dos outros, mas com igual entusiasmo o empurravam ao encontro da alegria da chuva.

Quando o cansaço o domou, o menino voltou para casa. A sola dos sapatos abrira-se em boca de jacaré, mostrando os pregos que a uniam à biqueira. A roupa, torcida, encheu d'água meio balde. A ama esfregou-lhe o corpo com álcool e o pôs sentado ao lado do fogão de lenha, um copo de leite quente na mão. Ele sentia acalmar-se o bater dos pulsos, enquanto olhava, pela porta, o cinza iluminado enverdecer em chuveiro.

De manhã cedo, o menino desceu da rede, escovou os dentes e foi para a copa tomar café com leite, acompanhado de cuscuz de milho e queijo frito. Seguiu depois para o quintal, guloso de um cacho de pitombas que vira, madurinho, nos galhos da árvore que passavam, por sobre o muro, do terreno ao lado para o de sua casa. Encostou uma escada na parede e subiu os degraus, devagar e cheio de medo de que a mãe o fosse surpreender na aventura.

Ao apoiar os cotovelos no alto do muro, viu que o vizinho havia cavado no quintal uma pequena cova rasa e se apressava em envolver, num papel grosso e encerado, a camisa verde com o sigma na manga, a calça escura e a gravata do uniforme. Ao lado, sobre outra folha de papel, empilhavam-se alguns livros.

O menino abaixou-se e ficou espiando os movimentos tristonhos e preocupados do vizinho. Este cobriu de terra o buraco e sobre ele pôs um banco pesado de jardim. Depois, baixo, pequenino, de cabelo muito negro e escorrido sobre um rosto moreno e de feições delicadas, mãos e pés como de criança e um jeito de passarinho caçado havia pouco e preso havia pouco na gaiola, sumiu pela porta da cozinha.

O menino contou o que vira, ao entrar em casa com as pitombas. A mãe recomendou-lhe que ficasse calado, pois Seu Caboclinho tinha direito às suas ideias e aos seus sonhos. Mal acabara de dizer-lhe isto, e a ama veio chamar o menino, para ir com ela acompanhar o movimento das tropas, a duas quadras de casa.

Frente ao quartel do batalhão de caçadores, havia grande número de soldados, de dólmã cáqui fechado ao pescoço, perneiras, bandoleiras e talabartes, os oficiais, de quepe; os praças, de bibico; aqueles, com espadas; estes, com mosquetões, e todos com cantis e grossos cobertores enrodilhados a tiracolo. Fazia um calor suarento e o céu não tinha uma só nuvem. Como, em voz um pouco menos baixa, o menino estranhasse tanto cobertor, um outro curioso esclareceu ser aquela a farda de campanha, copiada dos franceses e, por isso, agasalhada como convinha ao outono. O menino perguntou em casa o que era outono e a resposta o deixou na

mesma, pois ignorava o frio e jamais tinha visto todas as folhas caírem, ou quase todas, a não ser quando se estendia a seca do verão e as chuvas do inverno demoravam a chegar.

Houve quem comentasse o ataque dos integralistas ao Catete. E dissesse que a tropa ia tomar posição em vários pontos da cidade, para evitar que se repetisse em Fortaleza o que se dera, dois anos antes, em Natal, com a tomada da província pelos comunistas, derrotados no resto do país. Camisa verde — acrescentou — é só o que não falta por aqui; basta entrar nas igrejas, nas escolas, nas lojas, nas repartições públicas e nas empresas dos ingleses.

Mal o sol se punha, a gente saía à rua, para lavar as calçadas. Varria-se caprichosamente o cimento e limpavam-se as valetas da poeira, das folhas e de outros detritos, antes que a água fosse jogada com abundância sobre o passeio, para espanar dele o calor acumulado durante o dia.

Era como se a casa continuasse fora da porta. E, de fato, continuava, pois, à noitinha, cadeiras de balanço e leves poltronas de vime formavam rodas nas calçadas. As famílias e os amigos rendiam-se à fresca e ao cavaco; as mulheres discretamente arrumadas, entre a casa e o sair, só umas poucas, de penhoar; os homens com a roupa do trabalho e, em geral, de gravata, o casaco substituído pelo paletó do pijama, e os sapatos e as botinas, por alpercatas ou chinelas. Os mais rigorosos mantinham-se no terno de linho branco ou azulado e não dispensavam o chapéu de palhinha ou panamá. Estes eram, em geral, os que desciam por um lado da rua e voltavam pelo outro, a parar em cada círculo, novidadeiros, e a distribuir cumprimentos para aqueles que apenas conheciam de vista.

O vizinho integralista fazia, todas as noites, o percurso de duas ou três quadras, antes de abrir o portão da casa do menino e sentar-se junto ao pequeno grupo que preferia a varanda à rua. Era ele quem desenrolava as últimas notícias da guerra de Espanha, sempre a puxar a brasa para os nacionalistas, feliz com o desgosto dos demais, que, naquela roda, pendiam para os republicanos.

— Os *rojós* são caju chupado, afiançava. E lá vinham as novas que ouvia no rádio de galena, fone à orelha, a exigir silêncio da mulher e das filhas, que a voz do locutor quase não lhe chegava, de tão baixinha e entrecortada de estática e demais ruídos.

O menino muitas vezes o vira assim, atento e aflito, temeroso de perder a frase essencial da notícia, que podia transformar uma retirada estratégica em derrota, um avanço em armadilha, a queda de um vilarejo num impasse. Os dedos do vizinho moviam, nervosos, os botões do aparelho, para não perder a sintonização com o noticiário.

Na penumbra que desterrava o calor da sala, só o mistério da pequenina máquina tinha nitidez de formas. Para o menino, ela era muda e,

não fora a atenção com que todos escutavam o vizinho, pensaria que este inventava uma Europa cruel, muito mais feroz do que o cangaço, e cidades onde ao pé de todos os muros havia corpos fuzilados, gente esventrada, ruínas de incêndio. E soldados, soldados e soldados. Piores que caçadores de cabeças. Piores que os facínoras que cercavam Troia.

Na noite do motim integralista, Seu Caboclinho não apareceu. As janelas de sua casa e de várias outras ficaram fechadas. Houve quem comentasse — talvez o desembargador — que de novo se encolheriam nos cantos os apagados e os ressentidos da classe média, como o bom do vizinho, a quem a camisa verde fazia esquecer o corpo franzino, o nascimento humilde, o emprego na Light, com os ingleses que jogavam tênis e que ele odiava, ou queria odiar.

— Não sofrerão menos os intelectuais do movimento, disse o monsenhor. Como o padre Hélder Câmara, que me afirmam pôr a camisa verde sobre a batina. Nunca o vi assim vestido, nem creio que entrasse com a Rachel de Queiroz em botequins, a fim de tomar cachaça. Nenhum dos dois bebe. E não necessitavam, como se dizia, escandalizar a província. A inteligência que receberam já é escândalo suficiente, embora um seja verde e a outra puxe ao vermelho. Ao padre Câmara, emprestei o livro de Bernanos sobre a Guerra Civil Espanhola. Devolveu-me sem palavra.

Não. Não foi nessa noite que o menino, sentado num batente da varanda, ouviu do monsenhor o nome, que não esqueceria, de Bernanos. Foi bem mais tarde, quase um ano depois. Quando se soube da queda de Madri.

Toda quinta-feira o menino ia ao médico. Mal chegava à sala de espera do consultório, a enfermeira vinha até ele e delicadamente lhe punha uma espécie de mecha de algodão numa das narinas. O odor do anestésico depressa se esvaía, enquanto o menino, à espera de ser atendido pelo doutor, folheava números antigos de *A Careta*, *Eu Sei Tudo*, *Fonfon* e *Vamos Ler!*

O médico, todo de branco e com um espelho redondo preso à testa, cantarolava mansinho, ao baixar o encosto da cadeira mecânica em que se acomodara o menino. Cantarolando, tirava-lhe o algodão da narina, substituindo-o por um instrumento que funcionava como um alicate às avessas: mantinha alargado o orifício, no qual introduzia o fino tição elétrico com que queimava as carnes esponjosas. O menino não sentia dor alguma, nem naquele momento de cheiro de assado, nem no seguinte, quando o médico cortava e extraía da outra narina, com uma pinça ou uma tesourinha de lâmina curta e haste longa, o que fora queimado na semana anterior.

O ruim vinha depois: a embrocação com iodo da garganta. Que se repetia, em casa, nas gripes e resfriados. E, como fosse pouco um sofrimento, o menino, se gripado, ia para a rede com um emplastro no peito ou nas costas, de linhaça ou de Antiflogistine. A compressa doía de quente e descamava a pele, que o menino, passados dois ou três dias, ia arrancar aos pedaços, distraído.

Doenças e tratamentos eram assunto de conversa, na calçada. Este garoto descrevia o consultório do dentista, com ferros e ferrinhos de todo tipo e um estranho aparelho, quase que só uma haste vertical, a que se ligavam uma roldana de um palmo de diâmetro e outras bem menores, pelas quais passava um cordão grosso. A primeira polia era acionada por um pedal semelhante ao das máquinas de costura, porém bem mais estreito. Os solavancos do pé do dentista imprimiam movimento àquelas rodas todas e acabavam por fazer girar velozmente a broca pequenina com que terminava um braço delgado e flexível que saía em ângulo da haste vertical. O dentista colocava essa broca na boca de um infeliz e lhe ia corroendo o dente aos sopapos, conforme a constância ou a inconstância das patadas.

Nenhum caso contado na coxia causou mais semanas de medo do que este: o do homem que sofria de prisão de ventre e, ao esforçar-se para defecar, vira a ponta da tripa sair-lhe para fora. Não sabendo devolver ao corpo o que este expelira, o pobre correria da casinha aos gritos, sem que os parentes, que o tiveram, nu da cintura para baixo, por enlouquecido, entendessem, de início, sua ferida e miséria. O menino passou a sentar-se na retrete, aflito, e a não forçar nunca mais a vontade.

Outra mazela apavorante chamava-se espinhela caída. Tinham-se por imensos os tormentos do enfermo — cansaço, dispneia, dores de cabeça, enjoos e vômitos —, mas não eram severos, embora quase sempre ineficazes, os tratamentos. O frio no peito podia ser controlado com cataplasmas de goma de mandioca. Melhora e cura, porém, só com boa reza. Benzia-se o doente com estas palavras, seguidas de um padre-nosso e dez ave-marias:

*Espinhela caída e ventre derrubado,
Eu te ergo, eu te curo, eu te saro.
Em nome do Padre, do Filho e do Espírito Santo,
Já estás curado.*

Torrava-se café todos os dias. Ou quase todos os dias. Na casa do menino, numa gamela rasa de madeira, sobre uma trempe alta, no quintal. Três ou quatro mancheias de café verde eram misturadas, em fogo lento, ao açúcar mascavo, com uma colher de pau de cabo longo, até que os grãos se colassem uns aos outros, numa espécie de massa grudenta, negra e brilhante. Da gamela, o café tostado passava ao pilão, também de madeira, e ali era reduzido a pó. Guardado num frasco de boca larga e tampa de vidro, só saía diretamente para o coador, na porção exata pedida pela quantidade de água fervendo que sobre ele se derramava e ia cair morena, quase preta, no bule em que se serviam as visitas. Na tarde seguinte, se sobrava pó, era jogado nos canteiros ou nos vasos de plantas: estava velho, perdera o aroma, não servia mais para se beber.

Esse desperdício requintado contrastava com o zelo em aproveitar-se ao máximo tudo o que fosse resto. O bife transformava-se em picadinho; as sobras de batatas, em purê; as verduras, em sopa; o pão de véspera, em torradas e farinha. Davam-se as roupas e os sapatos velhos aos necessitados. As garrafas e os frascos, assim como os jornais e as revistas, eram vendidos à porta.

A maioria dos garrafeiros e compradores de papel transportava a mercadoria em carrinhos de mão. Alguns possuíam carroças grandes de madeira, puxadas por burro, e se dedicavam também ao comércio de metais imprestáveis. Adquiriam chaleiras furadas, pedaços de cano, ancinhos com dentes partidos e até mesmo os pequeninos tubos de dentifício vazios.

Pouco sobrava para os mata-mosquitos partirem e furarem com seus martelos, na visita que faziam a todas as casas, cada três ou quatro semanas. Iam primeiro ao quintal, observar se havia poças d'água, e rasgavam todas as latas e quebravam em pedacinhos todos os vidros e restos de louça. Viam, depois, se o banheiro e a casinha se mantinham limpos e marcavam com uns garranchos ininteligíveis um papelzinho amarelo colado atrás da porta.

Foi um desses mata-mosquitos quem descobriu a cascavel que se escondia no forno de barro do quintal.

Isso deu-se pouco tempo depois da partida da Vozinha.

A Vozinha era a mãe ou a avó da avó do menino. Contadas as idades, a senhora pequenina, rosada e de cabelos muito brancos bem podia ser trisavó: o menino tinha quase sete e nascera três anos após o casamento da mãe, aos vinte, quando a avó andava pelos trinta e cinco, a bisavó pelos cinquenta, e a trisavó ainda não chegara aos setenta.

A Vozinha viera de Viçosa, consultar um médico. E manteve-se, durante toda a estada, ocupadíssima, a fazer biscoitos de araruta, no forno que se comprimia contra a quina do muro, no fundo do quintal. A mãe comprou lenha, para alimentá-lo. Punha-se fogo no interior da abóbada de barro e fechava-se a abertura que lhe servia de porta. Quando a madeira se desmanchava em cinza e brasa, a Vozinha, ajudada pela cozinheira ou por uma das amas, trazia dois ou três tabuleiros de folha de flandres e os colocava, um sobre o outro, no forno. Os biscoitos, alvíssimos, com lanhos fundos no dorso, eram de doçura extrema e pareciam inconsistentes na boca. Encheram todas as latas da casa, e as latas da casa da avó e das casas de tios, primos e amigos, que não chegavam para tanto açúcar e araruta.

A mãe nunca havia usado o forno. Este, após a partida da Vozinha, deve ter conservado um calor que atraiu a cascavel, enorme, com guizo de doze anéis e cabeça escamada, os olhos quase colados aos dentes em espinho. O mata-mosquito descobriu-a pelo chocalho, enrodilhada no mais escuro. De lá arrancou-a com uma forquilha, viva, e, viva, a pôs numa caixa, para que de seu veneno — explicou ao menino — se pudesse fabricar o soro antiofídico.

Mal o mata-mosquito saía porta afora, o dólmã de seu uniforme amarelo bem fechado ao pescoço, entravam os homens que a mãe chamara, para demolir o ninho de cobras.

Foi da vizinha que o menino ouviu pela primeira vez a história de seu antepassado Jean de Fontenelle.

Era de Melun, próximo a Paris, mas de família normanda, gente de Rouen, ligada pelo sangue a Bernard Le Bovier de Fontenelle e aos dois Corneilles. Engenheiro de minas, mandou a Corte de Lisboa que procurasse o ouro e a prata que se dizia haver em abundância na Serra de Ibiapaba. Chegou ao Ceará, mais dois alemães e alguns portugueses, aí pela metade do século XVIII, e não saiu mais do lugar que era um aldeamento jesuítico de índios e que ele ajudaria a transformar em Viçosa. Encontrou algum ouro e o trabalhou em joias, hábil ourives que era. E descobriu outros minérios, como mica, cristal de rocha e malacacheta, para os quais, então, não havia uso. O microclima serrano permitiu-lhe plantar maçãs ao lado das jaqueiras e erguer vinhedos a pouca distância dos taperebás. Criou abelhas, bichos-da-seda e onze filhos de dois casamentos.

O seu nome foi preservado não apenas pelos descendentes masculinos, mas também pelas mulheres, que, em vez dos sobrenomes dos maridos, punham nos filhos o de Fontenelle. Assim, por exemplo, o bisavô do menino era Joaquim Fontenelle Sobrinho, embora de pai chamado Gonçalo José Damasceno.

Só muito mais tarde, o menino veio a saber que havia outros Fontenelles famosos, além do escritor. Como um senhor feudal pirata, que costumava atacar as cidades costeiras da Bretanha, até que não conseguiu vencer uma delas. Capturado, enforcaram-no em Saint-Malo, na praça onde uma placa lhe comemora a infâmia e o esquartejamento.

O menino conviveu, muitas noites, antes de dormir, com outras cabeças cortadas: as que vira em fotografias empalidecidas pelos jornais e, depois, nas páginas impressas em rotogravura, de cor castanha ou verde, de *A noite ilustrada*. O Lampião de cabelos sujos de terra e sangue, sem os óculos de aros de ouro, sem o lenço ao pescoço e sem o chapéu de aba dobrada, enfeitado de estrelas e cacos de espelhos, não podia ser o mesmo que fascinara Maria Bonita e com ela fugira a cavalo. A cabeça da mulher, inchada, um olho semiaberto, contrariava o nome e a lenda. Não era muito diferente dos rostos apagados de alegria dos outros cangaceiros.

De nome e malvadezas, o menino conhecia muitos deles. Este gostava de trancar à chave numa gaveta os testículos da vítima, pôr sobre a mesa uma faca cega e prender fogo à casa. Aquele era especialista em esfolar vivo o prisioneiro. O outro, hábil na degola em gravata, que fazia a língua descer pelo corte no pescoço. Mas Lampião, na boca do povo miúdo, excedia a todos em crueldade. A mais torpe de todas: obrigar as mocinhas a dançarem nuas com seus cabras.

Dele dizia-se que estava sempre amolengado, só tomando espírito para matar e tocar sanfona. Mesmo a cavalo, parecia escanchado no cansaço. A um assobio a imitar pássaro, punha-se, porém, direito na sela ou saltava rápido para o chão, a buscar abrigo, de rifle pronto. Mesmo arranchado em casa conhecida, a simulada prostração não lhe baixava a guarda: com seu único olho não perdia um só movimento à sua volta.

O menino leu com dificuldade — ignorava muitas das palavras que trazia a revista — a história do cerco do grupo e da morte de Lampião. Um bicho acuado. Numa gruta. Com um tiro no crânio. Depois, um soldado retirou-lhe os óculos e o chapéu, transformando-o no que seria o mais comum dos mortos, se não lhe tivesse separado, com um golpe de sabre, a cabeça do corpo, para pô-la, com várias outras, numa toalha limpa, sobre a mesa.

À noite, o menino ouviu que seu pai tinha tido um encontro com Lampião, há muitos anos, quando esse talvez ainda fosse um cangaceiro menor, apenas um certo Virgulino Ferreira. Foi dormir e acordou com a

história na cabeça, a ver o pai a cavalo, dando de cara, no sertão pernambucano, com o bando de jagunços guedelhudos.

Deixou que o pai se acomodasse na cadeira de braços, entretido com seu livro. E veio sentar-se junto dele, revistinha e caixa de lápis de cor nas mãos. No meio do silêncio, esparramou as perguntas: se se lembrava do encontro? onde fora? como era Lampião? quantos cabras o acompanhavam? O pai, calado, apanhou um lápis, correu as páginas do livro até a contraguarda e nela desenhou, rápido, conciso, em simples traço, o cangaceiro de pé, a segurar o rifle, as cartucheiras a lhe cruzarem o peito, o punhal preso à cintura, tão comprido, que seu cabo findava à altura do ombro.

Era a primeira vez que o menino via o pai desenhar. Como se uma folha se fosse desenrolando na ponta de um galho. Úmida. Verde nova. Luminosa. O homenzinho parecia mover-se na página branca, à medida que recebia sandálias nos pés, fivela no cinto, anéis nos dedos e no aperto do lenço, estrelas no chapéu e tufos de grama no chão. O desenho contava o que ficara do encontro. E, ao completar o retrato do que um dia fora surpresa e medo, o pai disse apenas:

— Ele também fazia versos.

O menino não mais largou o pai. Pedia-lhe desenhos crescentemente complicados. Primeiro, a mulher a ordenhar a vaca; depois, a mesma cena, porém com o animal de cabeça voltada, a lamber o bezerro amarrado à perna dianteira; mais tarde, a repetição de toda a imagem, com o rabo da vaca a espantar as moscas.

O pai desenhava e ele também, a copiar-lhe o traço. E, quando o pai saía a passeio com o enfermeiro ou ia pôr alpiste e água nas gaiolas dos passarinhos, ele continuava a desenhar, na mesa da copa. Não havia como dar conta à febre do desenho. Comprava resmas de almoço e folhas de um papel de embrulho cinza, bem barato. Arrancava as guardas e as contraguardas dos livros. E enchia de rabiscos qualquer espaço em branco.

Desenhava como quem conta história. Ao esboçar um gato, dava movimento e destino às suas patas e às suas garras. Punha um homem sobre a cangalha de um burro e o imaginava a caminho da feira, da quermesse ou da morte violenta. Os enredos desenvolviam-se à medida que o risco compunha a mão na rédea ou calçava de esporas o pé do estribo.

O tempo era curto para o sonho das mãos. Quando vinham pedir-lhe que desocupasse a mesa, pois havia que estender a toalha para o almoço ou o jantar, ele protestava, desejoso de mais um momentinho de nada, para concluir uma luta, um jogo, uma viagem. Pois os seus bonecos aprenderam a andar sobre o papel, a dar um soco aqui e a receber outro adiante, a cair e a levantar-se, nas lutas de boxe a que não faltavam juiz e público. As figurinhas repetiam-se para o lado, para cima e para baixo, em novas posições e aventuras. O pai dissera-lhe que o importante no desenho era animá-lo de vida, pois tudo se movia ou tinha prenhe o movimento, até mesmo o que era mineral ou, na aparência, inerte: a luz, que não parava nunca, roubava-lhes o sossego da forma e da cor.

O menino não rabiscava as paredes, nem feria o tronco das árvores. Era o papel o seu fascínio. E o bosquejo miúdo, breve, muitas vezes incompleto. O pai, em algumas ocasiões, interferia no desenho, a seu pedido. No esboço do elefante reclamado pela história, deixava, porém, o

contorno das presas para o menino, que as riscava, rápido, agradecido e feliz.

A notícia da tomada de Madri já foi ouvida no rádio de ondas curtas que a mãe pusera na sala de jantar, porta aberta para o alpendre e o jardim. Antes, um eletricista instalara, no telhado da casa, três hastes de uns dois metros de comprimento, ligadas por arames, para formar a antena. Podia-se, graças a isso, receber a BBC de Londres e a Rádio de Berlim.

Durante o noticiário, a mãe aumentava o volume do rádio, de modo a ser bem-ouvido pelos que se encontravam sentados na varanda. Tinha, contudo, de ficar próxima ao aparelho, para tentar corrigir a estática excessiva, a interferência de outras estações e as fugas da voz do locutor, que um leve girar, no dial, ia, com sorte, sintonizar um tiquinho adiante. A possibilidade de que um despacho da frente de batalha, um comunicado oficial ou um comentário ficassem incompletos era sempre grande e gerava um diálogo aceso entre vizinhos que se uniam à procura do mundo e se apaixonavam com uma guerra civil num país que a distância fazia quase inexistente. A mãe e a avó torciam pelos republicanos e ao vizinho chamavam, amistosamente, fascista.

Servia-se café, no meio da discussão. Ou refresco. Raramente com gelo, apesar do calor.

Na casa havia geladeira, mas não era elétrica. Grande e branca, com a tampa a abrir-se, como uma arca, por cima, tinha-se por isolada termicamente. Uma vez que não possuía motor, compravam-se grandes barras de gelo, chegadas da fábrica protegidas por serragem, para com elas forrar o chão e as paredes do móvel e, assim, refrigerá-lo. Não se usava a geladeira senão às vésperas de grandes almoços e jantares, quando havia que estocar peixe e carne. No comum dos dias, ela era desnecessária: a água se refrescava em grandes potes de barro e em moringas que dormiam ao relento.

Dentro de casa, era raro sentir-se calor. Só na sala de visitas, na sala de jantar e na alcova havia forro, e este abria-se inteiramente para dois dos quartos, num amplo vão até a cumeeira, impedindo assim que o espaço entre o teto falso e o telhado se transformasse em câmara de ar quente. Nesses dois quartos e em todos os demais aposentos, quem olhasse para cima via, despídos, os caibros, as ripas e as telhas.

Após o meio-dia, fechava-se toda a frente da casa, contra a qual batia o sol, e escancaravam-se portas e janelas que davam para os fundos, a fim de melhor receber uma brisa suave, que percorria todos os cômodos, previamente abertos. Em parte alguma penduravam-se cortinas. Não havia tapetes, e só as salas, a alcova e a copa eram mobiliadas. Na alcova, a cama servia apenas para receber a visita dos médicos. Todos dormiam em rede e os quartos não tinham, por isso, mais que um guarda-roupa e dois ou três pares de armadores nas paredes.

Era assim na casa do menino e nas outras casas. Quando existiam cortinas, estas se limitavam às janelas da sala de visitas, uma sala em cujas poltronas só de raro em raro se sentava algum visitante de muita cerimônia. Os demais eram recebidos na varanda ou entravam casa adentro, para tomar café na copa. Ninguém gostava de forrações e almofadas calorentas. Preferiam-se os móveis de palhinha, de junco e vime, as cadeiras de balanço, os bancos simples de madeira, as redes nos alpendres. Os garotos acomodavam-se nos degraus ou se encostavam aos muros.

A casa era deles, da gurizada, nas horas do mormaço e nos dias de chuva. Podiam andar de velocípede nos recintos desnudos, correr uns atrás dos outros, jogar pingue-pongue, sentados no chão, a bola a quicar nas tábuas do assoalho. As meninas dividiam o espaço em várias casas de mentira e passeavam entre elas as bonecas de papel, recortadas das revistas.

Havia aposentos de luz e aposentos de sombra. Nestes refugiava-se o menino, quando lhe vinha a tontura, o enjoo e o horror à claridade e não mais podia ler, nem desenhar, nem pedir às suas mãos outro gesto exceto o de cobrir os olhos, a apertar os polegares contra a parte inferior da maçã do rosto e os demais dedos contra a testa, logo acima da depressão das

sobrancelhas. Ficava, assim, à espera da dor, encolhido num canto, sem queixa e solitário.

O jeito era ficar em silêncio, quieto. Se a mãe soubesse que não passava bem, acudiria com remédios que não lhe dariam alívio e talvez lhe acentuassem o enjoo. Ainda pior seria ouvi-la, da copa, num queixume circular, repetir que ele era franzino, pálido, enfezado e doentio, nem parecendo ter sete anos, senão na teima e na resistência a tudo o que lhe poderia melhorar a saúde e o aspecto, como as gemadas, os ovos crus acompanhados de um bom copo de leite, os sucos de tomate, o óleo de bacalhau e os banhos de mar.

O menino estremecia ante a possibilidade de que aquela enxaqueca se multiplicasse em muitas, em dores de cabeça e angústias diárias, caso a mãe resolvesse voltar a mandá-lo à praia. O calor o maltratava tanto quanto a luz, que só queria filtrada pelas persianas, pelas copas das árvores e pelos telheiros, ou a serenizar-se nos crepúsculos.

De manhãzinha, o sol também era sem facas. E o menino, que ainda urinava dormindo, tinha pressa em descer da rede molhada e em escapar para o quintal, para longe das endechas com que a mãe saía do quarto a caminho do banho e do café.

Ela falava para si própria e para as criadas sobre a tristeza e a solidão em que a mantinha a doença do marido, sobre o tecer e o desmanchar de uma esperança diária de que ele retornasse de um desterro da memória, da inteligência e da vontade, sobre todos os pesos que caíram de súbito no regaço de uma jovem mimada, adolescente de coração e de projetos, e a condenaram a uma viuvez sem morte e com três crianças pequeninas, a ela, desamparada de outras habilidades que não fossem tocar piano, pintar, fazer flores artificiais e ler mal e mal o seu francês, a ela, que estudara em casa, porque o pai não a queria a misturar-se na escola, a ela, a quem o poeta com quem se casara, mais velho vinte anos e viúvo com três filhos adolescentes, poupava todo incômodo e qualquer desgosto, tendo deixado até mesmo de beber à tardinha com os amigos, porque isto a aborrecia.

Seguiam-se as reprimendas. A uma, recriminava a cozinha cheia de fuligem e o fogão engordurado. Àquela, um namorico surpreendido na esquina. A esta, a recusa em deixar-se alfabetizar. As reclamações subiam

de tom e misturavam-se a maus presságios, a um reiterar de amarguras e a um lamento evocativo dos dias em que lhe chegavam rosas.

Muitas vezes, ainda na rede, o menino procurava fechar os ouvidos à arenga da mãe. Ele nem sempre lhe compreendia todas as frases e palavras. Mas a cor da voz arranhava-lhe o rosto da alma, negava-lhe o jardim, o mel, o girar dos cata-ventos e até mesmo o sussurrar da alegria. A mãe acordava a carpir, de luto. De luto insubmisso. De luto repetido cada véspera. E só com o caminhar do dia retomava o equilíbrio entre o dever e a tristeza. O seu olhar de novo fazia-se bom, e o menino se deitava no seu colo cheiroso.

No quintal da casa, havia uma cacimba, protegida por mureta baixa, de menos de meio metro de altura, e coberta por laje de cimento. Nessa laje, abria-se um pequeno quadrilátero, com uma tampa que só se levantava quando, por haver-se avariado a bomba, se fazia necessário retirar água com corda e balde. Poços semelhantes havia em quase todas as residências, a maioria com mais de seis metros de profundidade.

A casa que confinava, pelos fundos, com a do menino não fugia à norma. A borda de seu algibe era um cilindro de tijolos que ia até a cintura de um homem, um arco metálico sustentando a roldana. Baixava uma garota o balde até o fundo da cisterna, apoiada no parapeito, quando este veio abaixo e, com ele, a maior parte das paredes do poço. Antes que terminasse o estrondo, a guria se fora com o muro e a terra.

O menino sentiu o chão sacolejar e ouviu os gritos, seguidos, pouco depois, pela sirene dos bombeiros. Antes que estes chegassem, os vizinhos, de pás e picaretas nas mãos, já procuravam acudir e acalmar os pais da criança soterrada.

Cavou-se o mais depressa que se pôde. Sobrava ajuda para retirar o entulho e para dar água e café aos que se esforçavam por chegar ao fundo do poço. A mãe do menino era, porém, categórica em sua desesperança: já passara o tempo suficiente para a garota morrer sufocada, pois nada havia — tábuas, vigas ou laje — que a pudesse ter protegido da terra, das pedras, dos fragmentos de tijolo e da caliça. Ouvindo-a, o peito do menino batia rápido, como se acompanhasse as pazadas e os golpes do picão.

Os bombeiros e os vizinhos começavam a subir pelas escadas baldes de areia úmida, ao dar um dos homens com o corpo todo machucado e já morto. Deitaram-no, ainda menor do que era, no alto de um montículo de terra retirada da cacimba. Alguém, com um pano molhado, pôs-se a limpar o rosto da criança, e as suas mãozinhas, e os seus braços. Não se ouvia uma voz, um pigarro, um tinir de ferramentas, um arrastar de passos. O sol estava no centro do céu amarelo de poeira. Na paisagem parada e sem sombras, o menino sentiu que até o muro a que se agarrava doía.

Na segunda rua paralela à da casa do menino e quase à mesma altura, ficava o fim da linha do bonde.

O carro elétrico, amarelo-queimado, só se fechava no que seriam a frente e o atrás, não fossem as duas extremidades idênticas, nelas se repetindo a cabine do motoneiro, com a coluna da alavanca das mudanças de marchas, o freio, o sino para abrir passagem e a grande roda com que se imprimia velocidade ao veículo. Lateralmente, o bonde era aberto, o vazio só interrompido pelas colunas que ajudavam a sustentar os bancos e por dois estribos horizontais, que corriam em sua parte inferior.

Pelo mais baixo e mais largo, subiam os passageiros, e nele a rapaziada viajava de pé, a agarrar-se displicentemente às barras verticais de madeira que acompanhavam as divisões por bancos. O segundo, mais estreito e mais alto, era privativo do condutor, que, seguro nas barras, passava, qual um equilibrista, por fora dos pingentes, como se lhes pusesse um capote com os braços, as pernas e o corpo. Pendurado no estribo, ele estendia a mão para cobrar as passagens, e a levantava para puxar a corda da sineta, a fim de dizer ao motoneiro que podia dar partida ou lhe pedir que parasse.

O bonde todo era sólido. O uso constante quase não se fazia sentir em seus metais brunidos e na madeira envernizada e dura. Em cada banco acomodavam-se cinco pessoas e, às vezes, mais um menino. Tinha o assento um só encosto, que, apesar do comprimento e do peso, mudava facilmente de lado, pois, em seus extremos, a madeira se embutia num suporte de cobre, com uma espiga que ia correr dentro de uma fenda semicircular, sempre bem engraxada, aberta numa placa metálica presa às colunas laterais que sustinham o banco.

Só dois assentos possuíam encostos fixos: os que separavam as cabines do motoneiro do resto do veículo. Ao que ficava de frente para os demais chamava-se caradura e era, em geral, o último a ser ocupado. O passageiro que nele viajava não se sentia apenas como numa vitrine, mas tinha de enfrentar o correr ao contrário do vento, a lhe arrepiar os cabelos e enfunar-lhe o jornal.

O bonde deslizava sobre um par de trilhos, que era, quase sempre, o único encaixado na rua de paralelepípedos ou asfalto. Só em dois ou três pontos, ao longo de todo o percurso, duplicavam-se as vias, permitindo, durante uns trinta metros, que um carro passasse ao lado de outro, em rumo inverso. Ao chegar ao fim da linha, motorneiro e cobrador desciam do veículo e desengatavam do fio elétrico, com o puxar de uma corda, a rodinha que rematava a longa haste metálica presa ao centro do teto do bonde. Em seguida, correndo ao redor deste, faziam-na girar até a posição oposta, para habilmente de novo inserir na canelura da pequena roldana o cabo elétrico. O bonde estava quase pronto para fazer a viagem ao revés, nos mesmos trilhos. Enquanto o cobrador mudava de lado as costas dos bancos, o motorneiro dirigia-se a um poste onde havia uma espécie de grande relógio. Com uma chave, dava-lhe corda, para marcar a hora da partida.

Era raro ver-se alguém descalço ou de tamancos no bonde — e só de pé, na cabine traseira do motorneiro ou no estribo. As senhoras enchapeladas subiam pelas mãos de homens de paletó, gravata e cabeça coberta por palhinha, panamá ou feltro. A gente pobre, engomada no seu brim, no seu caroá, na sua chita. Os estudantes e os militares, de uniforme abotoado até o pescoço. Calor e magreza de posses não justificavam o desalinho.

Se não tinham de pegar o bonde, de ir à praça ou a um outro bairro, rua ou quadra, as mulheres passavam de uma calçada a outra e batiam à porta das vizinhas, de penhoar ou quimono, enquanto os homens iam até a esquina, de pijama. E de pijama, o próprio pai do menino fazia longos passeios, na companhia dele e do enfermeiro, pelas ruas de terra, ladeadas de roças, pomares, vacarias e baldios cobertos de salsa roxa, melões-de-são-caetano e carrapateiras.

O Seu Major destoava do à-vontade. Bem cedinho, já era visto num dólmã à sertaneja, de zuarte azul ou brim cáqui, a gola fechada no que eram dois centímetros de pescoço, o quadrado da cabeça, com o cabelo à escovinha, quase a encaixar-se diretamente nos ombros. Reformado do exército ou da polícia, morava numa casa semelhante à da avó do menino, viúvo, sozinho e arredio, a cumprimentar a vizinhança com bons-dias e boas-noites polidos e distantes.

Nos sussurros da criançada, ele matava quantos cães lhe entrassem em casa e quantos gatos lhe saltassem ao quintal, senhor dos venenos, pactário, cruel. Era inútil que a avó, em tom de zanga, assegurasse ser o velho militar um homem fino e bom, só que triste demais — e tanto, que a gente, no reparo malicioso, confundia com esquisitice o afastar da solidão. O menino continuava a encolher-se contra o muro, ao cruzar com o vizinho, e a tentar inutilmente impedir que o Fly, um cachorrinho branco e peludo, saísse à rua.

Não que gostasse muito do cachorro. Cachorro era bicho a que jamais se apegara. Tinha até mesmo certa birra por um animal que não se contentava com seu espaço e vinha lambe a mão das pessoas, esfregar-se nas suas pernas, subir nas cadeiras. O menino queria bem era aos marrecos, aos passarinhos, aos macacos-de-cheiro, aos novilhos e aos cavalos. Angustiava-se, contudo, com a ideia de que o Fly pudesse comer uma bola envenenada pelo major, ou este esfolasse vivo o cãozinho, que, alheio ao perigo, fugia para a rua, sempre que encontrava semiaberto o portão entre o quintal e o jardim, e dela voltava de língua de fora, o pelo ferrugem de terra.

Uma tarde, alguns garotos viram o major a conversar com o maneta. Confirmou-se para eles que o militar tinha trato com o Sujo. De outro modo, como explicar que se demorasse em assuntos com quem todos sabiam de alma vendida ao Demo? O homem fora, até havia pouco, carroceiro, pobre, pobrinho, dono, se tanto, de sua carroça e de seu burro. De repente, perdeu o braço numa engrenagem e enricou. Em poucos meses, era proprietário de ruas de casas, a vender em grosso e a emprestar dinheiro. O Coisa-Ruim pactuara com ele — diziam todos, na roda das crianças e das criadas — e lhe levava o braço por penhor.

— O Diabo não precisava do braço — esclareceu o verdureiro. — Se o arrancou, foi de pura malvadeza. Bastava-lhe levar qualquer coisa que se tivesse, com o uso, impregnado da alma empenhada: uma camisa, um cachimbo, um chinelo.

Sentado à mesa da copa, o menino ouvia a conversa das amas com a cozinheira. E muitas vezes, embora elas não pusessem tento nele, parecia-lhe que lhe mandavam avisos e conselhos.

— O pior de tudo é dormir com pijama ou camisola do lado do avesso. Sobretudo numa sexta-feira. Se houver um encoberto parcial da lua, a pessoa pode virar lobisomem.

— Pode virar e não saber que virou. Fica adormida dos sentidos e só se dá conta de que se muda em bicho, e bicho-fera, quando, um dia, ao acordar de manhãzinha, vê que as mãos ou o arredor da boca têm restos pisados de sangue.

— Eu acho que não é o vestir ao contrário que faz de alguém lobisomem. Só apressa que saia pra fora o que este um tem lá dentro. É como as pessoas que enfeitiçam os outros de mau-olhado.

— Estas já nascem, dentro do corpo, com uma espécie de ovo, de que a inveja quebra a casca. O animalzinho que dele sai é que faz os estragos nos outros. O tipo olha para uma roseira, e esta murcha. Põe uma criança no colo, e a coisinha enferma. Quando morre um olho-de-seca-pimenteira e não lhe amarram de pronto os queixos, pode-se surpreender a cabeça e as pequeninas patas do rato feio olhando para fora da boca, antes de fugir, correndo, do que está frio.

— É como se fosse uma lombriga-tênia. Sem estragar o dono, pois só devora a força dos demais.

— De mau-olhado, não tenho medo. Rezo o meu pelo-sinal. Nem de lobisomem. Nem de mula do padre. Do que me pelo é de alma do outro mundo.

— Mas estas, as preces amolecem. Podem até nos ajudar no jogo do bicho.

E ditaram a receita, que o menino seguiu: amarrou com um barbante a alma da tia morta num pé de mesa; disse um credo, um padre-nosso e três ave-marias em intenção da aposta e prometeu outro tanto de rezas, à tarde, se o amarrado desse certo.

Jogou um tostão no grupo, na borboleta, e ganhou dois mil réis.

Ainda ria de feliz, quando chegou junto da mesa, para desamarrar a tia linda. Foi nessa hora que o remorso lhe agarrou o coração. Viu a moça sentada, a tocar sua guitarra. Tinha as pernas presas às da cadeira e no rosto um sorriso de censura. Desatou-a depressa, quase a chorar pelos cinco cruzados de prata que tinha na algibeira.

A mãe, gripada, amanheceu com febre de queimar. E piorou no fim do dia, a tossir sem descanso. O médico que a acudiu resolveu, passada uma semana, transferi-la para um hospital. E outra semana depois, o menino foi, com a avó e as irmãs, visitá-la no casarão, com todas as portas dos quartos abertas para uma longa varanda, que parecia, com seus grandes jarros de flores, continuar o jardim. Um jardim cheio de árvores altas e frondosas e com um gramado como o menino nunca tinha visto antes — sem falhas, cortado rente e de um verde úmido.

O quarto era branco, e branco o leito da mãe, e brancas as roupas das irmãs e das enfermeiras. A própria sombra que tomava um canto da habitação parecia ser, embora cinza, branca. A avó, de negro, o menino com uma camisa à cossaco, florida, e as irmãs, vestidas de cores leves e de fita no cabelo, como que interrompiam essa forma de silêncio. E a voz do médico vinha de longe, ainda que ele estivesse de pé, ali, ao lado deles:

— Agora é deixar o corpo reagir à superalimentação e ao repouso. O essencial é o repouso. Repouso. Repouso. Repouso.

A mãe sorria, os cabelos claros derramados no travesseiro. Sobre a mesa ao lado da cama, o prato com as maçãs, as uvas e as peras trazidas pelas crianças cantava contra o branco, enquanto a mãe, devagarinho, se despedia com um aceno de mão.

Os adeuses repetiram-se por vários domingos, até que, num deles, a avó levou, em vez de frutas, uma braçada de rosas. Deu-as à mãe, que esperava, faceira e de roupa nova, os filhos, à porta do quarto, e com eles voltou para casa, como se nas ruas fossem festas e como se não tivesse havido ontem, nem anteontem, nem trasanteontem, nem um só daqueles dias de ofego difícil, tosse e febre.

O rapaz sarará e de lábio leporino vinha, alguns domingos, tocar banjo para o pai. Numa ocasião, trouxe com ele três cantadores. O cego, com sua rabeca, ficou de pé atrás dos dois violeiros, sentados em cadeiras, no quintal. Vestiam dólmãs de um branco encardido e pediram, em troca, ao pai, a graça de um soneto.

O menino sentiu que lhes faltavam a naturalidade e o entusiasmo com que se exibiam no mercado. É possível que o pai, silencioso, os inibisse, ou que necessitassem, para animar o desafio, dos aplausos, dos comentários, das vaias, da intervenção maliciosa e moleque de um público com cordas de cebola em volta do pescoço, mantas de carne-seca nos braços, cestas de sapotis a descansar nos ombros, pencas de bananas encostadas nas pernas, terços, escapulários e bentinhos a se dependurarem das mãos.

No banal da casa, os cantadores perdiam o branco da garça à beira-rio. E, no entanto, na alegria dos violões e da rabeca, a rouquidão do cego, a cantar, não punha sombra ou rasgo numa única palavra, e só cedeu em beleza, nos ouvidos do menino, à voz do pai, a dizer, claro, lento e manso:

Na verde catedral da floresta, num coro

Triste de cantochão pelas naves da mata...

Ainda mais amesquinçados, voltavam da lenda para o cafezinho com bolo de milho os índios que apareciam, vez por outra, para ver o pai. Nada os diferenciava da maioria dos passantes, a não ser os lóbulos das orelhas, enormes e rasgados, para pôr o botoque, o furo logo abaixo do lábio inferior, para o enfeite de pluma, e a cabeleira, a descer até os ombros e cortada em franjinha. Os índios mostravam o mesmo acobreado de pele, e o mesmo cabelo escorrido e preto, e os mesmos olhos puxados do vassoureiro, do vendedor de cocadas, do cabo de polícia e dos poetas que também apareciam de visita.

Era difícil ao menino imaginá-los com adornos de penas, rosto e corpo pintados de urucu e jenipapo, a receber na lança o salto do jaguar ou

a ouvir de um prisioneiro o seu canto de morte. Embora um deles lhe tivesse dado um pequeno arco e algumas flechas, o menino só conseguia vê-los à porta de suas casas de palha, cercados de xerimbabos e de galinhas, patos, capotes, cabritos, carneiros e porcos, ou a cuidar dos roçados de mandioca e milho.

Os índios, ao falar com o menino, abaixavam-se: queriam parecer da mesma altura e impedir que este, na resposta, tivesse de olhar para cima. Eram especialmente carinhosos com o pai, para quem traziam, em gaiola de taboca, um canário-da-terra ou um galo-de-campina, e a quem explicavam, embora muitas vezes a olhos e ouvidos que já se tinham despregado do instante, que mistura de comida havia de dar ao pássaro, se queria a multiplicação dos trinados.

A cada visita, os índios diminuía de número, até que sumiram de vez. Um se fizera chofer de caminhão e abandonara o que chamavam de tribo. Um outro era agora estivador. Aquele mais alto sentara praça no exército. O gordo, casado com uma lavadeira, fazia entrega aos clientes da roupa limpa e passada. Os filhos dos que ficaram na taba acaboclam-se, dividiram a terra em parcelas, iguais em tudo a sítios de gente pobre, de onde saíam para vender ovos, bananas, espigas de milho e macaxeira.

Havia um visitante esperado todos os dias, logo depois do almoço. Invariável na roupa branca ou azul-clara de linho, ele fazia a pé os seis quarteirões que separavam sua residência da casa da irmã, a avó do menino. Batia palmas e empurrava a porta, antes que a viessem abrir. Já tinha pronta a rede e nela se espichava, para o bate-papo e a sesta.

Era um homem de cabelo castanho a caminho do louro, rosto comprido, nariz grande e carnosos, abatado na ponta, olhos pequeninos e de um azul tão pálido quanto o de um cego. Parecidíssimo — diziam — a Jimmy Durante, um artista de Hollywood, que contracenava com Shirley Temple. Tinha o mesmo ar alegre e divertido. E expandia-se em longas histórias, a cujas surpresas dava, numa voz mais que descansada, este remate:

— Menina, eu fiquei bestinha!

Seu cunhado era homem rico, pelo menos para os padrões da terra. Isso o obrigava a andar correndo atrás de um trem de vida cuja velocidade não era para as suas pernas e com exigências que o aborreciam. Constava que nem tinha ideia da mobília de seu escritório. Não ia lá nunca, pois assentara o balcão na mesa de um café defronte. Ali assinava cartas, recibos e contratos, quando os havia. A maior parte de seus negócios era feita de boca. A confiança, a moeda forte.

Chegava cedo. Na mesa de sempre, e sempre desocupada porque a sabiam sua, aparecia o primeiro dos numerosos cafés. Os clientes iam tirando as notícias, os boatos e os cochichos dos bolsos. Falava-se do preço da carnaúba, da banha, da mica e do cristal de rocha, no mesmo tempo arrastado e com o mesmo aparente desinteresse com que se comentava um adultério, uma briga de família ou o guarda-chuva de Chamberlain. O rapazola que se oferecia para pintar a parte branca e engraxar o bico e o calcanhar marrons do sapato de duas cores dava também o seu palpite. O tio-avô fechava com um freguês a venda de parte de um embarque prestes a chegar. Recebia o sinal e mandava o garçom depositá-lo no banco.

Perto das onze horas, saía para o almoço. E do almoço, para a casa da irmã. Na rede, armada para ele na sala de jantar, desembrulhava as

novidades. Depois, pedia a uma das crianças que lhe fizesse cafuné, a fim de afastar o mal-sentir do mormaço. Algumas vezes, poucas, o cochilo se alongava em sono.

A meninada recebia dele a moeda para o sorvete. Havia que tomá-lo escondido da mãe, pois, para esta, cada um daqueles picolés, cuja cor, à medida que se chupava, se ia esmaecendo em gelo, era prenúncio de resfriado, gripe, pneumonia, tuberculose e morte. A avó e seu irmão fizeram-se cúmplices diários dos transgressores, e, se estes, mal acabados de comer, saíam às carreiras de casa, não era apenas para pedir a bênção ao tio-avô, mas sobretudo para esperar o sorveteiro.

O homem passava, com o cilindro de lata às costas ou no alto da cabeça, sob um sol que não permitia a menor das sombras. O calor a descer nas pálpebras, o menino oscilava à beira da enxaqueca. Mas ia, com as irmãs, por seu gelado, até a porta. Depois, curava-se, os olhos cobertos pela penumbra da sala, da luz do meio-dia. E, enquanto esfregava o resto do sorvete, já sem sabor e anilina, na testa dolorida, ouvia o tio a despedir-se da avó:

— Já me vou, bichinha.

Antes do até-logo, essa o examinava, para ver — como dizia — se estava tudo nos conformes: cabelo, gravata e roupa. À reclamação sobre a calça amarrotada pela rede, ele, que só usava terno lavado e passado de novo, respondia que a elegância do linho estava no quebrar dos vincos e da goma, na displicência do amassado e até mesmo num puído de gola, pois a boa roupa devia ter jeito de velha. A última palavra já vinha de chapéu, em plena rua.

A carroçaria do caminhão em que viajaram, madrugadinha, para Viçosa, era quase toda de madeira, pintada com faixas, florões e círculos de várias cores. Na frente, além da cabina do motorista e de seu ajudante, havia uma segunda boleia, para receber passageiros. Nenhuma das duas tinha porta. A única proteção para o chofer e os que viajavam nas pontas dos bancos era uma espécie de braço a acompanhar a linha da janela até o começo do assento. A parte de trás do caminhão, reservada à carga, podia levar algumas crianças, que se acomodavam sobre sacos de farinha.

Sofriam-se a poeira e os solavancos da estrada de terra, durante toda a viagem. Uma das paradas, para aliviar o corpo, era mais longa. Às margens de um açude, havia um grande telheiro, com mourões para pendurar as redes. Cada viajante trazia a sua e, terminado o almoço, nela se deitava para a sesta.

Ao tocar da buzina, todos retomavam os seus lugares. E só à noite o caminhão ia entrar em Viçosa, após a demorada subida da serra, durante a qual a paisagem se punha cada vez mais verde, embora, ao longo da estrada, as árvores continuassem sujas de barro. Chegava-se imundo, amarelo, avermelhado, os cabelos duros de pó. Sentindo o frio a esfregar-lhe a pele. E respirando uma frescura de água dormida ao relento.

O caminhão deixou a mãe e as crianças à porta do sobrado do tio da avó.

Ao entrar na casa, o menino mediu com um gesto da mão a grossura da parede e levantou o mais que pôde o queixo, para acompanhar o subir do pé-direito. Das novidades — o tamanho do casarão e do seu quarto, o banho quente, o dormir em cama, de cobertor puxado até o pescoço, o quase escuro da lamparina de querosene —, a maior de todas foi, na manhã seguinte, o armário negro, a tomar todo um lado da sala. Dele tiraram, para mostrar-lhe, com galões, talabartes e botões dourados, os uniformes da Guarda Nacional, que os homens da família vestiam no Império.

Depois, levaram-no para ver o terreno, quase herdade, que se estendia nos fundos do sobrado. O menino abriu os olhos, curioso, para as latadas cheias de cachos de uvas. E arregalou-os para as jacas que chegavam, de tão

grandes, à altura de seus ombros e que, ao se esbarracharem no chão com violenta beleza, mostravam os bagos amarelos e molhados. Não o deixaram chegar perto das colmeias, mas lhe deram a provar o mel. Com a cera, os sobrinhos da avó, alguns anos mais velhos do que ele, faziam pequenos automóveis, locomotivas e aviões.

Um após outro, chegavam os parentes, para saudar a mãe e ter notícias do pai.

Na hora do almoço, apareceu um primo, o prefeito da cidade. Diziam que dormia de botas e gostava das coisas claras. Por isso, mal punha os pés na terra um novo padre, mandava-lhe um dos livros que publicara, de versos anticlericais, anticitólicos e anticristãos, no estilo de *A velhice do Padre Eterno*. Era a maneira de colocar o vigário, desde logo, na outra metade em que se dividia Viçosa. Na de cá, os grandes homens eram o general Tibúrcio e Clóvis Bevilaqua, primos em diferentes graus dele e da avó do menino. A oposição tinha por herói da guerra do Paraguai um outro general, o Sampaio, cuja feiura — era mais que índio, atarracado e sem pescoço — contrastava com a esbeltez, a barba afilada e os olhos azuis de Tibúrcio.

A outra banda podia sair-se bem com Sampaio, que, afinal, era o patrono da infantaria, mas não tinha onde buscar uma cabeça como a de Clóvis, autor do Código Civil e membro da Academia Brasileira. Isso dizia o primo, poeta e prefeito, dono da farmácia e de duas belas propriedades agrícolas, chamadas, por provocação ou coerência blasfema, de “Inferno” e “Purgatório”. Às filhas dera, porém, nomes de santas.

Foi ao voltar de viçosa.

— Venha ver! É uma surpresa!

Era. Ali estava um carneirinho, um novelo branco do qual saíam, como pernas, quatro agulhas de tricô. Pouco maior do que aquele outro, o Mimoso, e nascido para o mesmo nome. O focinho, cor-de-rosa e úmido, um ípsilon a ligar as narinas à boca. O cinza dos cascos bilobados a florir na ponta do bambu fino das pernas. O labirinto interno das orelhas. A tristura dos olhos de espera. A lã tão lã, que não cansava as mãos nem o esfregar do rosto.

Logo no primeiro dia, o menino deu-lhe de comer na mamadeira. Uma semana depois, os beijos do anho já lhe faziam, rápidos, cócegas na mão, aflitos pelos grãos de milho cozido, pelo arroz, pelo xerém. O menino trazia-lhe as folhas de couve, alface e repolho recusadas na cozinha. Punha diante dele a vasilha com água ou leite.

O menino chamava: — Mimoso! — e o carneirinho vinha às carreiras. Lindo. Como balões que se soltassem no ar. Manso de luz na lanugem, nuveando a pequenina paisagem do quintal, vinha, todo alegria, contra os verdes das moitas, jogar-se nos braços do menino acorado e pôr-lhe as patas dianteiras nos joelhos. Vinha. E o menino lhe comprimia o focinho contra o ombro e ciciava: — Mimoso.

Não esperava resposta — ou esperava? A fala era de amigo e o cordeirinho dava sinais de entendê-la. Há flores, porém, que parecem borboletas, e não voam nem movem os pistilos, exceto quando as sacode o vento. Punha a mão levemente sobre a cabeça do carneiro e assim o conduzia até o pátio impressado entre o muro das viúvas e as janelas da cozinha e do quarto das criadas. Fechava a cancela de madeira. E, ao aceno de adeus — o menino tinha as lições por fazer —, Mimoso balia, marrando a portinhola, a pôr toda a fraqueza do corpo contra ela. Se malcerrada, lá ia ele a correr atrás do menino, até parar à porta da copa, os olhos de falta, remelentos.

Nunca entrou na casa. Quietamente, ao lado do batente, até a volta do menino, ruminava.

Um dia, a mãe levou o menino pela primeira vez ao colégio. Na manhã seguinte, e na outra, e no decorrer de mais de uma semana, era pelas mãos da ama que ele e a irmã caçula chegavam à praça onde ficava, a ocupar toda uma esquina, castanho-escuro e alaranjado, com muitas sacadas e janelas, o casarão da escola.

No início do percurso, ainda na quadra de casa, não havia árvores a acompanhar a rua. Mal se passava, porém, para o outro quarteirão, e os fícus-benjamins se sucediam a curto espaço, as copas, no alto, a se confundirem. Aprendido o caminho, o menino e a irmã caçula — a mais velha ia de bonde a um outro colégio — aprenderam também a caminhar pela sombra das árvores, numa pressa que às vezes se acalmava, para se indagarem por que só pousavam as andorinhas nos fios elétricos cobertos, ou como conseguia a lagartixa correr de cabeça para baixo no beiral de uma varanda.

No menino e na irmã viam-se cabelos de igual corte: à pajem, com franjinha. A mofa dos companheiros de classe mais a necessidade de usar quepe com o uniforme fizeram o menino cortar à máquina o pelo louro. Não sem desgosto da mãe e dele próprio, ao olhar, de volta da barbearia, para o seu duplo no espelho, como se fora agora, de verdade, um outro. O bico só se desfez no dia seguinte, com os bofetes que os colegas lhe deram na cabeça.

A irmã foi colocada no primeiro ano adiantado. Ele ficou, por uma semana, entre o segundo e o terceiro, a trocar de carteira, sala e professora. Lia com desembaraço, tanto em voz alta quanto em silêncio. Tinha quase de cor a *História do Brasil para crianças* e *A bandeira das esmeraldas*, de Viriato Correia, as *Aventuras de Tibicuera*, de Érico Veríssimo, a *Geografia de Dona Benta* e a *História do mundo para crianças*, de Monteiro Lobato. Escrevia, porém, com dificuldade. E sua aritmética não passava da soma e da subtração de duas casas.

Acabou no segundo ano. Mas tamanho empenho pôs em aprender as tabuadas de multiplicar e dividir, em afinar a letra nos cadernos de caligrafia e em copiar páginas inteiras de livros, que o promoveram, no fim

do semestre, à classe seguinte. Não chegou a ser bom em contas, era péssimo em ginástica e desafinado em canto orfeônico.

No recreio, só por necessidade de inteirar os times de futebol, é que o chamavam, e para ficar no gol, de número, pois não ocorria a ninguém chutar naquela direção. Cansado de não ver bola, sentava-se no barro duro e lhe saía um pequenino assobio. Mantinha-se firme na vala, ajudado pela musiquinha de seus lábios, pois era um modo de estar com os outros e de sair com eles abraçado, se ganhavam a partida, ou a xingar os adversários, se a perdiam. Na maior parte das vezes, era difícil dizer quem fora o perdedor, pois quase todos os gols se impugnavam e, se havia juiz, este saía do pátio sob a chuva dos cascudos. Tudo com muitos gritos e risos.

A avó tinha outro irmão, juiz de direito em Cascavel. De sua chácara, a caminhonete trouxe para a mãe do menino dois grandes jacás cheios de galinhas. Abertos na porta do galinheiro, deles iam saindo as aves pretas, brancas, carijós, ruças, cinzentas e vermelhas, calçadas e de pescoço pelado, amalucadas de pressa e medo, umas a subir sobre as outras, o bater desajeitado das asas a confundir-se com o cacarejo e a rouquidão do grito, quando, sem aviso e espera, do atropelo daqueles corpos em bojo e de membros curtos, surgiu, príncipe, esbelto, leve, tranquilo, a cabeça, o pescoço e o peito de um azul luminoso a escurecer em violeta, a testa alvo-azulada, o bico vermelho e de ponta amarela, o dorso verde esmorecendo em ouro acastanhado, a cauda curta e branca, as compridíssimas pernas a terminarem em pés de dedos muito longos, que se abriam, como os aros de uma roda, no chão, mas se juntavam no intervalo aéreo do passo, o que alguém chamou de jaçanã.

Um dos que trouxeram os jacás corrigiu:

— É um frango-d'água-azul. A jaçanã tem as mesmas pernas, os mesmos pés, as mesmas unhas compridas e afiadas, mas é pobre e suja de cor.

A cozinheira veio e disse:

— Na minha terra, chama-se saracura. Saracura-da-canarana.

Ficou jaçanã, o nome de todos mais bonito, embora errado. E ninguém deu qualquer explicação sobre como um bicho de beira de açude e riacho, acostumado a nadar e a correr sobre a lama e as plantas aquáticas, fora dar em capoeira, e ser metido, por estabanada miopia, num balaio de galinhas.

Ninguém sabia de que se alimentava. Deram-lhe arroz. Comeu. E alpiste. Também. E foi comendo de quase tudo, até do que sobrava das panelas. Em poucos dias, cortadas com tesoura as penas da extremidade de uma das asas, a jaçanã acostumou-se ao quintal e ao jardim, onde a viam perseguir com avidez toda a sorte de insetos. E bicar a grama. E sacudir-se sob a água, quando se regavam as plantas.

Pertencia ao menino, como o Mimoso. Do pai eram os bicos-de-lacre, os sabiás, os canários, o alegrinho, os galos-da-campina, o corrupião, que vivia fora da gaiola e pousava no ombro das pessoas, o pássaro preto, o xexéu e o sanhaço. Da família, o cachorro Fly, o gato sem nome, o papagaio, a jandaia, os periquitos, as irerês, os saguis, o macaquinho-de-cheiro e todos os outros animais de querer bem.

O menino traçou com o graveto a linha na terra. Depois, a três passos de distância, ajudado por uma pedra, cavou um buraco raso, de uns seis centímetros de circunferência, cujas bordas alisou cuidadosamente com os dedos unidos, qual um oleiro a rematar a boca de um jarro. Repetiu a operação mais duas vezes, guardando entre as covas o mesmo espaço. Estava pronta a cancha para a cabiçulinha.

Três ou quatro amigos da vizinhança puseram-se atrás do último buraco e de lá lançaram as bolas de gude, procurando cada qual colocar a sua o mais perto possível do risco no chão. Aquele que isto conseguia dava início ao jogo. Segurando com o polegar e o médio a pequena esfera de vidro — e as havia transparentes, foscas e leitosas, de uma só cor ou com manchas e estrias de várias cores —, ele a soltava na direção da primeira cova. Se nela caía, o que era raro, dali jogava para a segunda. No caso, quase certo, de erro, os companheiros se sucediam na tentativa. Ao voltar a vez a quem dera início ao desafio, este, com sua bola de gude próxima ao buraco, nele a colocava, e buscava, em seguida, afastar para longe os contendores. Com o indicador separado dos demais dedos, cujas pontas se comprimiam contra a palma da mão, e a bolinha firmemente presa entre o maior de todos e o cata-piolho, impulsionava-a com a força do polegar. Se de boa pontaria, a bola de gude chocava-se contra a do adversário e a punha a maior distância da cova. O vencedor era quem primeiro cumpria o percurso de ida e volta entre os três buracos e recebia por prêmio, dos demais, as bolas de gude com que tinham participado.

Havia outra forma de jogo: a barca. A cinco ou seis passos da linha no chão, riscava-se uma grande oval, e dentro dela cada um dos garotos punha algumas bolas, mantendo na mão a de maior confiança. Para alguns, esta, a “jogadeira”, era sempre uma bila de rolimã, que, por ser de aço, tinha mais força de impulso e choque. A disputa consistia em tirar do interior do risco ovalado, a partir do traço de saída, as bolas de gude dos contrários, as quais passavam à posse de quem isso lograva.

Os guris mantinham os bolsos das calças ou do macacão pesados de cabiçulinhas. Compravam-nas, após longa escolha, em que lhes mediam o

peso e a beleza, na mercearia de um português, para quem eram *berlindes*.

A palavra não soava nova ao menino, pois a ouvira do pai, que a trouxera da infância em Amarante e Oeiras. O pai não dizia coisa, mas *cousa*, chamava, de vez em quando, as moças de raparigas e, quase sempre, o cachorro de cão, ainda que, rapariga, para a vizinhança, equivalesse a mulher da vida e cão fosse outro nome do Satanás.

Ao menino causava, mais que confusão, um certo pasmo a beirar a maravilha, a pluralidade de palavras que se aplicavam a um mesmo ato, meneio, ser ou objeto. Ficava perto de entender que, em sua casa, uns dissessem pinha em vez de ata, e outros, fruta-de-conde ou anona, pois quase todos haviam vivido em sítios muito distintos — o pai mudando-se do Piauí para Pernambuco, Minas Gerais, Maranhão, Rio de Janeiro, São Paulo, Amazonas e Rio Grande do Sul —, e o tio-avô lhe explicara que algumas coisas trocavam de nome de uma região para outra. E ainda mais, de país para país.

— Veja você os ingleses — continuara. — A gente está vendo que o bicho ali é um cachorro, e eles dizem que é um *dog*. O gato tem cara e jeito de gato, mia como gato, e eles teimam em que é um *cat*. Todo o mundo sabe que o que estou vendendo é um saco de farinha, mas eles insistem em que é *flour*.

O que atordoava o menino e punha ao mesmo tempo cor e cintilações no seu desenho da vida era que se denominasse, na mesma rua e no mesmo quarteirão, de modo tão diferente a mesma ave — capote, galinha-d'angola, pintada, tô-fracá — e ainda houvesse gente de fora que lhe chamasse galinhola ou angolinha. Mindubi, na boca de alguns, era amendoim; e sagui, soinho — ninguém dizia soim ou sonhim — e até mesmo mico. Havia quem usasse, em vez de gambá, cassaco; de vermelho, encarnado; e de castanho, marrom.

Como ele sentia não haver duas cousas iguais na vida, perguntava-se frente a tamanha profusão de palavras, por que não existia um nome próprio para o paturi alegre e outros para o triste, para o de cara mais preta e para o mais raiado. Dizia-se pinguela, é certo, mas o resto era ponte, fosse grande ou pequena, de pedra, metal, concreto ou madeira, quer a tivesse ele cruzado ou não, a conversar com o pai ou conduzindo o carneiro.

Como se uniam as palavras aos seres e às cousas? Como se iluminavam e ensombreciam, apartadas pela distância e a memória daquilo a que davam nome e talvez quisessem ser dentro e fora dele? Por que isto se chamava assim e não aquilo? Deu-se ao experimento de trocar um termo por outro, tal como fizera com a jaçanã que sabia um frango-d'água. E começou a colecionar palavras desligadas de um significado que lhe fosse conhecido — gerifalte, gualdo, avatar, anátema — e a distinguir por elas as bolas de gude que passavam por suas mãos, no ganho, perda e troca, de um jogo a outro.

Que diferença havia entre a raridade desses nomes e os mais comecinhos, e até de gente, pois lhes poderia chamar Açucena, Cláudia, Célia ou Das Dores? As cabiçulinhas rolavam de igual maneira, a rapidez do movimento diluindo as suas manchas na unidade de uma cor brilhante. Mas o menino solfejava em silêncio os nomes escondidos. E punha todo o esforço em recuperar a pequenina esfera de vidro que mais ninguém sabia como se chamava.

Ao dar, trocar e embaralhar nomes, o menino como que voltava a realidade em metáfora de seus sonhos. Fazia da vespa um cavalinho; do bico-de-lacre, um guerreiro; da bila de vidro azul com laivos brancos, a grande cúpula celeste a envolver a casa, a rua, a cidade e o mundo. Sentado na coxia, girava entre os dedos a bola de gude, e nela, como no céu, passavam as nuvens.

Aumentara na quadra o número de antenas nos telhados. Contudo, à noite, as pessoas continuavam a sair de casa para formar grupos ao redor de uns poucos aparelhos de rádio. Nos alpendres ou nas calçadas, cada notícia da BBC ou da Rádio de Berlim era seguida por comentários, que subiram de tom até o bate-boca desaforado, depois que os alemães tomaram a Tchecoslováquia.

À volta da mãe do menino, quase todos eram antinazistas. Havia, é certo, Seu Caboclinho e mais um ou dois que evoluíam rapidamente do pacifismo para a defesa aberta do direito da Alemanha e da Itália a um espaço mais amplo na Europa e no mundo. Nos outros grupos, pareciam predominar os germanófilos. Se não eram maioria, falavam mais alto — e não só nos outros grupos de ouvintes de rádio das redondezas, mas na própria cidade. Na escola, os meninos se dividiram em dois partidos, e muita discussão findava em tapas.

Ninguém desenterrou a camisa verde, mas não faltava vontade de usar uma parda ou negra. Se se permitisse, nos botequins, nos armazéns e nas lojas, outro retrato que não o do Getúlio — e este era obrigatório —, seguramente muitos dependurariam o do Mussolini, o de Hitler ou o de um chefe do nazismo brasileiro, um negro do Rio Grande do Sul que advogava a pureza das raças.

Quase na esquina, havia um vizinho que também possuía uma vitrola, mas só ouvia Wagner. Diziam alguns moleques que em posição de sentido e com o braço levantado. Muitas vezes, porém, ele baixava ou interrompia a música, para não perturbar as meninas que brincavam de roda, no meio do calçamento, a uns poucos metros de seu portão.

A roda podia ser muito aberta: quase uma vintena de meninas de mãos dadas, desde as quase mocinhas, que comandavam a cantiga e a dança, até as bem pequeninas, uma ou duas de chupeta. Batiam palmas. Batiam pés. Entoavam as modas num ritmo que se ia apressando, enquanto a voz subia:

*O cravo ficou doente,
A rosa foi visitar.
O cravo teve um desmaio
E a rosa pôs-se a chorar.*

Certas noites, o menino e seus companheiros entravam na brincadeira. Dois dos participantes, um de frente para o outro e de braços erguidos e separados, uniam as mãos, formando uma espécie de porta dupla, sob a qual, cantando, passava em fila a criançada. Com as mãos nos ombros de quem ia adiante, cada garota ou garoto curvava-se para transpor o arco fingido:

*Passarás, não passarás,
Que alguém há de ficar:
Se não for o da frente,
Há-de ser o de detrás.*

Era sempre o de detrás quem ficava preso entre os braços que se abaixavam. Saía, então, da fila, para ir, conforme escolhesse entre duas palavras, para junto de um dos porteiros. Só quando todas as crianças estavam de um ou do outro lado é que se revelava qual das palavras conduzia ao céu, e qual, ao inferno. Tudo acabava em grande algazarra, com os bem-aventurados a zombar dos proscritos.

Sentado no degrau da varanda ou à beira da calçada, o menino dividia-se entre as cantigas de roda e as notícias de uma guerra que todos sabiam agora inevitável e cuja crueldade ele não ignorava, pois a avó lhe havia dado de presente um monte de revistas da Guerra de 14, cheias de gravuras sobre os combates de trincheiras, os soldados ingleses com um capacete raso, que mais parecia um prato de sopa, a máscara contra gases a transformá-los em moscas.

Seu Caboclinho deu-lhe uma carreira. Bem feito. Ia o vizinho saindo do jardim do menino, quando este o saudou:

— *Heil Hitler!*

A rua, à noite, ficava livre para as crianças. Quase nunca passava um automóvel. Até mesmo de dia, os carros eram raros, a tal ponto de só uma ou outra vez obrigarem os meninos a interromper o futebol. Poucos, os veículos particulares eram conhecidos: dava-se o nome do dono a cada um. Daí o pasmo com o desaparecimento de um primo da avó do menino e de seu automóvel, que valia um dinheirão. Ele saíra de manhãzinha no volante do Ford, após beijar o filho e a mulher, que era também prima da avó do menino. Tudo no costume. Mas não chegara, naquele dia, a parte alguma.

Na hora do jantar — jantava-se cedo, entre cinco e meia e seis horas —, o alvoroço já era grande. Durante a tarde toda, correram recados aflitos pela cidade. Adultos, crianças, parentes, vizinhos e empregados buscavam sinais do moço sumido. Em vão. Ninguém o vira. E não havia notícia — o que era ainda mais estranho — de seu carro.

O tio-avô fora falar com um outro primo, o chefe de polícia. Este chegara a usar o telefone, que só havia em algumas repartições públicas, nas grandes empresas e em pouquíssimas residências e consultórios de médicos, para dar ordem de busca às cidades vizinhas. Nada. E nada, no dia seguinte. E nada, um mês e vários meses depois. A mulher do desaparecido acabou por enxugar as lágrimas e distendeu no bastidor a sua espera.

— Devia levar dinheiro com ele, e o mataram por isso — aventurava alguém.

— Mas, se o mataram, o que fizeram com o carro? Um carro não evapora na estrada,

Quase dez anos depois, a prima continuava o seu bordado e o menino não era mais menino. Um irmão dela, em campanha eleitoral no interior de um estado distante, atravessava a praça de uma cidadezinha próspera, quando topou com o cunhado. Como quem vê um morto de barba feita e com roupa distinta da que levou no caixão. O outro deu-lhe os bons-dias naturalmente, como se não tivesse havido entre este e o último encontro mais que um par de tardes. E convidou-o para um café.

Estava farto do casamento, ainda que este não contasse mais de três anos. E farto da prima, sua mulher. E farto de seu tempero, e da casa, e da

rua, e do bairro, e da praça, e da cidade, e da parentela, e do trabalho, e do acordar e do dormir. Naquela manhã, enquanto se vestia, tomara a decisão: ir-se embora de vez. Não apenas fugir: desaparecer. De vez. Mudar de nome, em vez da roupa ou do corte de cabelo. Fazer-se sonho. Voltar-se em outro. Lembrou-se de um navio de carga que desatracaria dentro de horas. Foi até o pontão, na praia. Tomou um escaler que devolvia ao vapor sua tripulação. Pagou a viagem a um oficial de bordo. E saiu mar afora.

— Mas o automóvel, homem de Deus? Como lhe deu sumiço?

— Chovia, naquela manhã. Não sei se você se lembra que chovia. Mas chovia, e muito. Só pelo almoço é que o tempo clareou. Toda a gente estava em casa, de janelas trancadas, a esperar que a água serenasse. Saí com o carro e o joguei onde o rio deságua no oceano.

Os passarinhos. Os passarinhos. Os passarinhos. Diariamente, havia que trocar a folha dobrada de jornal que lhes forrava as gaiolas, e pôr água nova nas cumbucas, e encher de alpiste os pequeninos cochos de madeira, e enfiar uma rodela de banana entre as grades de arame ou de taboca. E olhá-los: dançarinos; saltimbancos; acrobatas, entre um trapézio e outro; flores de cores gordas, dessas na ponta de uma haste comprida, fina e sem folhas, mas de bicos ligeiros, a limpar o debaixo das asas, no sem-fim da alegria, na alegriazinha da flauta, na doçura do pomar na garganta, de quando levantam a cabeça e, viajando, cantam.

Vai o menino, de mãos dadas com o amigo. Vai, guarda e pajem, manhã afora e feliz, rente às cercas de arame farpado cobertas de melões-de-são-caetano e de uma trepadeira de folhas pequeninas e pequeninas flores azuladas. De um lado e outro da rua, que se desmancha numa estrada de barro, os currais com o chão todo de esterco, e vacas e bezerros a abanarem as moscas, e as roças de milho, as matas de mamona, as copas balofas das mangueiras, os mamoeiros a se espicharem por detrás dos mocambos e da desordem do verde.

O pai fala, e a paisagem chega perto. O pai fala como quem canta e lhe explica o que é rima e metro. Metro e reto; certo e perto. Lamento e lento; e remo e vento. As palavras também caminham passo a passo, e podem ser ditas com os dedos no pulso. A voz do pai alonga-se: o nome de uma flor, que colhe. E ao menino mostra as sépalas e os estames, o pistilo e a corola.

Depois, o amigo se foi para longe do passeio. O menino puxou-lhe com força a manga do pijama, como a pedir que voltasse, que de novo desfizesse a flor e lhe repetisse os versos sobre “aquele que partiu no brigue *Boa Nova*”... Mas o pai também se havia ido e, durante todo o dia, nunca mais voltou.

A carroça, puxada por burro, desceu na casa do menino uma papeleira — dessas cuja parte superior apresenta um tampo inclinado que, inteiramente aberto, se transforma em mesa, revelando, no interior do móvel, vários escaninhos e pequenas gavetas. Na parte de baixo, fechada por duas portas, havia uma prateleira, e, para encher essa pequena estante, a avó deu ao menino os vinte e tantos volumes da *Biblioteca internacional de obras célebres*.

Os livros pareceram-lhe grandes, grossos e pesados, na encadernação em percalina verde, com a lombada muito mais escura do que as faces. O papel do texto era forte, branco e áspero; o das ilustrações, liso e nitente. Cada volume trazia, fronteira à página de rosto, uma estampa colorida. Na primeira que viu, reproduzia-se uma antiga miniatura persa, com homens enturbantados sobre elefantes e outros a tocar tambores. Da legenda, o menino jamais se esqueceu — “Oh, o longínquo rufar do tambor marcial...” —, como jamais lhe abandonaram os lábios os primeiros versos que leu noutro volume:

*É a última rosa
Do verão, sozinha;
Nenhuma outra resta
Formosa e vizinha.*

E o menino continuava, baixinho:

*Não quero deixar-te
Sozinha a florir:
Tuas irmãs dormem,
Vais também dormir.
Por isso eis que espalho
Tuas folhas no chão,*

*Onde as irmãs tuas
Já mortas estão.*

O poema era de Thomas Moore, e a tradução, de Fernando Pessoa. Findava assim:

*Caídos os que ama
No sono profundo,
Quem habitaria
Sozinho este mundo?*

De início, puseram a papelreira no corredor para o qual dava a porta do quarto onde dormia o menino. Depois, este alcançou a mudança para a sala de visitas, onde ninguém entrava e só havia um conjunto de sofás e poltronas, com suas mesinhas de frente e de lado. Daquele aposento, o menino fez seu nicho. Passava as tardes em que não tinha enxaqueca, de janelas abertas para o jardim, a desenhar e a ler. Se a cabeça lhe doía, ensombreadava a sala e ficava quieto, enrodilhado na poltrona.

Ali viu, com Rebelo da Silva, *A última corrida de touros em Salvaterra* e não entendeu a *Missa do galo*. Ali ajudou os liliputianos a amarrar Gulliver e saiu a cavalo na companhia de Ivanhoe. Ali conheceu a casa de Jacinto em Paris e a ilha de Robinson Crusoe, apostou em que Ben-Hur ganharia a corrida de carros, repetiu com o corvo o “Nunca mais!”, chorou com o poeta que ia ser enforcado, subiu as torres de Notre Dame e foi perguntar ao primo, que passava os dias sobre os livros de Direito, quem era a Pneumonia, assassina de Brás Cubas. Muitas vezes, sentia a enxaqueca chegar-lhe aos olhos, mas continuava a ler. E a reler os seus textos favoritos, nas páginas felizmente intermináveis da *Biblioteca internacional de obras célebres*: os apólogos do padre Manuel Bernardes, os contos de Poe, O. Henry e Jack London, o “Y-Juca Pirama” e as histórias de índios de Chateaubriand, Fenimore Cooper e Alencar.

Havia páginas como um copo-d’água, em que se entendiam todas as frases, quando não todas as palavras. E outras que o punham tonto, que lhe

amarfanhavam o entendimento, sujas de termos raros, embaçadas de referências esdrúxulas e de períodos longos e torcidos. Delas saía com um cansaço nas pálpebras e nas maçãs do rosto. Mas voltava a Vieira, a Gibbon, a Dostoiévski, a Fialho de Almeida, a Coelho Neto e a Euclides da Cunha, a perguntar ao dicionário, ao pai ou ao primo o sentido dos termos e dos parágrafos.

O sol batia nos jardins dos livros e era doce: não lhe cortava a pupila, como o do pátio da escola, o da praia e o da rua.

O primo que não largava os volumes de Direito vivia provisoriamente na casa do menino. Era um rapaz magro, alourado, de pele muito alva e olhos a se inclinarem para o azul. Tinha uma conta a cobrar à vida e, talvez por isso, parecia ao menino permanentemente iluminado de um ouro muito claro e de uma espera como as que se alongam nos sonhos.

O pai dele era irmão do avô materno do menino, do que se fora para o Amazonas e lá morrera. Instalara-se bem mais perto, em Granja. Coletor de impostos, gostava de política e militava na maçonaria. Uma tarde, ao sair de casa, foi abordado por uns desconhecidos, que o retalharam a facadas. Deixou mulher e nove filhos.

Ainda mais do que depois, naquela época, viuvez era sinônimo de pobreza. Se o marido tinha posses, estas geralmente o sobreviviam por pouco tempo: parentes e compadres juntavam-se à inexperiência da viúva para despojá-la da maior parte dos bens. Se salários ou comissões tinham sustentado em vida o falecido, a morte deixava mulher e filhos sem nada e à mercê da cruel caridade da família: só conheciam o montepio os dependentes de militares.

A tia-avó era acaboclada, forte, de pescoço grosso, olhar reto, boca voluntariosa, ainda que mostrasse a curva amarga. Refugiou-se numas terras que pertenciam a seu pai e com elas alimentou, vestiu e fez estudar todos os filhos. Não deixou jamais de contar na memória as feridas do morto. Nem os garotos esqueceram o pai apunhalado.

Na imaginação familiar, o estudante de Direito acabaria por punir os assassinos. Daí que o menino visse em todos os gestos do primo a marca de quem se vai cumprindo como desejam os deuses. O primo saía do quarto, em camisa, e era, para o menino, um Aquiles à procura das armas para vingar Pátroclo. Ainda que sem lágrimas, a assobiar ou a sorrir, carregava sempre consigo a morte do pai, como se estivesse vestido com as suas roupas.

Da sala que fora de visitas não se ouvia o quintal. Por isso, nas tardes de sábado, era o esconderijo de quem se desejava mouco aos ruídos de fora. Só desenhava e desenhava. Pois não conseguia concentrar-se na leitura. A pele ardia. Nas veias escutava o afiar da faca na pedra molhada, o cacarejar e a correria das galinhas no cercado — e, de outro tempo, longe, a voz da moça, linda, que as matava cantando. Queria abrigar-se do menor barulho. Mas acabava atento a um ciscar no jardim, a uma troca de palavras em voz baixa, ao pio de um passarinho, ao abrir da janela de uma casa defronte. Não fosse ele ouvir o grito rouco da galinha! Não fosse ele ouvir a aflição das asas! Não fosse ele ouvir a colher a bater no prato o sangue, no ritual da cabidela! Acabava por largar o lápis, as unhas das mãos a doerem como se presas na gaveta, os olhos prontos para o choro que não vinha, os ouvidos a pedirem uma surdez de quartzo, e todo o corpo, o despregar-se do agora. Quebrado por dentro e cheio de abandono e medo, não podia sair da sala, ir beber um copo d'água. Não fosse ele chegar à copa no exato momento em que se matava a galinha! Não fosse ele vê-la depenada! Pulava a janela: ia urinar no jardim. E de volta, encolhido no sofá, ou de cotovelos apoiados sobre a tábua da papelreira, as mãos a taparem as orelhas, imaginava-se a implorar à mãe que na casa não se matassem mais galinhas. E ela lhe respondia que nem galinhas, nem patos, nem perus, nem bacorinhos. E para ele, na brevidade de um bater do coração, a vida podia ser boa, com o pai curado, a mãe alegre e as aves livres da matança. As aves e os bichos pequeninos. Mas os olhos acordavam para a tarde de sábado. E o menino sabia ser inútil a súplica, porque os grandes não conheciam a piedade, nem sofriam no próprio corpo a degola e o estripar dos animais. A mãe ria, se ele lhe explicasse a dor dos sábados. A avó ria. Tinha de calar a angústia que o rasgava da garganta à virilha. Era ele o esfolado. Era sobre ele que se derramava o álcool, para queimar as sobras de pelo ou de plumagem. Eram dele as vísceras arrancadas. Era ele quem sentia o sangue a escorrer-lhe do rosto, quando o cobria com as mãos, no desespero dos sábados. Como perdoar à mãe por não atender ao que não sabia implorar-lhe? O que lhe restava era rezar à noite — venha logo! —, para que pudesse sair daquele

refúgio tão frágil e, sentado no chão ao lado da cadeira do pai, encostar a cabeça em seus joelhos e prever, em silêncio, a provação do dia seguinte: a mesa posta, com tudo o que era bom — o pão, a manteiga, o arroz, o feijão, o quiabo, a macaxeira —, e o ter de afastar os olhos do corpo da galinha, inteiro ou despedaçado, e o ter de reprimir o ódio aos que a mastigavam, e o horror e o nojo de estar ali com eles, de ser como eles, na forma e nos gestos da carne e nas entonações da fala, embora se recusasse a provar da comida cruel e até mesmo de uma batata que a tocasse. Ele pressentia que cada um de nós tem dentro de si uma exigência de pureza e que é preciso dizer-lhe sim, e sim, e sim, e muitas vezes, sim, e para sempre, sim, ou, no minuto da morte, não teremos de nós senão a ausência.

Todos esperavam por ela. No entanto, naquela noite de primeiro de setembro, a ouvir o rádio, ninguém escondia o espanto e o medo. A Alemanha invadira a Polônia, e a França e a Inglaterra tinham-lhe declarado guerra.

— É clara a agressão dos imperialistas contra a Alemanha — exclamara Seu Caboclinho. — O grande capital quer à força impedir o povo alemão de recuperar os seus direitos históricos e de cumprir o seu destino.

A discussão arremessou o grupo para fora da varanda. Alguns puseram o chapéu com raiva e foram para casa. Outros continuaram a esbravejar argumentos nas calçadas e no meio da rua. Houve gente que saiu de uma roda de cadeiras para outra, sempre a falar alto. Um moleque deu um viva à Alemanha. Na casa do médico, a senhora escancarou a janela, sentou-se ao piano e começou a tocar Chopin.

Sentado no batente de uma porta que dava para o quintal, o menino lia, quando ouviu um rumor forte e arrastado. Levantou-se, rápido, num pequeno pulo, mas não chegou a perceber a causa do barulho, pois o quintal se fez imóvel e quase branco, com finas linhas cinzentas a marcarem o contorno das coisas, antes de sumir completamente.

O mundo voltou-lhe, primeiro, em algumas vozes e, depois, no teto da alcova, com as ripas de madeira pintadas de branco. O menino viu-se deitado na cama, com a mãe, a avó, a tia e as irmãs à sua volta. A manhã passara e também um pedaço da tarde. E logo viria de novo o médico, para examinar-lhe as reações nervosas e tranquilizar a família. O menino não sentia doer-lhe o pequeno corte na cabeça, mas movia com dificuldade as pernas e os braços, que, como as costas, estavam machucados.

Um dos mamoeiros do quintal crescera mais do que lhe permitia o tronco esguio e fofo. Sob o peso dos frutos, tombara contra um fio da antena do rádio, e arrastara, na queda, uma das hastes que sustentavam o arame e várias telhas. Algumas derramaram-se sobre o menino, a quem acudiram como se morto, a cabeça ensanguentada.

Para ele, o sumiço de tudo não se assemelhara ao sono, quando o fechar dos olhos nos carrega do mundo para uma escuridão na qual podem mover-se as figuras do sonho. Sentira o branco a inundar toda a paisagem e, em seguida, mais nada. Sequer a impressão de treva. Deixara subitamente de ser, como se se apagassem, num papel, a escrita e o desenho.

O Natal punha em seus joelhos novos livros de Monteiro Lobato e o *Almanaque de O Tico-Tico*. O menino ia e voltava, como entre quartos da mesma casa, dos contos de Machado de Assis para as travessuras da marquesa de Rabicó, as invenções de Kaximbown, as trapalhadas de Lamparina e os cascudos de Chiquinho em Benjamim. Os bonecos de Belmonte, Storni, J. Carlos, Yantok e Luís Sá aliviavam-lhe as pálpebras, baixas pelo peso de um relato de Fernão Mendes Pinto, lido com dificuldade e insistência.

Arrumou os volumes cartonados na mala que levaria a Mecejana, onde, para fugir ao calor, a mãe havia alugado, nas férias das crianças, uma pequena chácara, com mangueiras, taperebás, abacateiros e outras árvores altas ou capadas. Numa delas, logo na primeira noite, o menino viu a gambá, com os filhotes de cabeça de fora, na bolsa da barriga. Parecia uma rata, à distância, embora tivesse cauda mais longa e fosse pouco maior do que um grande gato.

A mãe mandou chamar o caseiro, para que desse fim ao animal. Mas arrepiou a ordem, ante os rogos do menino. Não adiantou explicar-lhe que os cassacos fediam e matavam as aves e outros animais menores, para chupar-lhes o sangue.

— Está viva e tem filhotes. É sagrada.

À réplica do menino deu reforço a inquietação do pai. E para acalmar os dois, deixou-se a gambá seguir, lerda, galho acima e desaparecer na folhagem.

Esta era densa, por toda parte. O próprio caminho de barro que levava à casa estreitava-se entre árvores, arbustos, trepadeiras e moitas cerradas de bambu. Todo esse verde — e o vermelho, o amarelo, o azul e o branco que as flores a ele acrescentavam — fazia-se, de manhãzinha, molhado e brilhante. Bom de se cheirar. Bom de se ter nas mãos. Bom de se ouvir mover, com o saltitar dos passarinhos.

Bem cedo, o menino e o pai percorriam o carreiro até a vacaria. Cada qual com seu copo, para o leite mungido.

Junto ao curral, o menino retirava do bolso do macacão as moedas para a paga e as passava ao leiteiro, que, abrindo a cancela que separava as vacas dos filhotes, deixava entrar um desses. Corria o bezerro ao ubre da mãe e, mal começava a mamar esganadamente, já era puxado para trás e amarrado a uma das pernas dianteiras da vaca. O homem sentava-se, depois, num banquinho, bem perto das tetas, e, com um movimento para cima e para baixo de uma e outra mão, procedia à ordenha, o leite caindo em jorro forte, primeiro, numa vasilha de lata e, em seguida, nos copos que lhe entregavam o pai e o menino.

Os dois voltavam para a casa pelo mesmo carreiro. Calados e lentos. A repetirem o simples da beleza. Até que o pai, um dia, sem precedente e aviso, descruzou os braços e se pôs a cantar. Alta, a voz — sem alegria. Mas, na rouquidão do entoado, o canto foi afastando o matagal e expandindo o céu, como depois da chuva. O menino sentiu-se no colo de tudo, pequenino e senhor da menor das coisas e das grandes rodas de espaço e luz a se moverem, enquanto os êmbolos, as polias, os rolimãs, os martelos e as cremalheiras do ar e do chão, da flora e da fauna se repetiam nas gavinhas, nos brotos, no roçar do vento nas folhas e num bater de asas na ramagem, no partir de um graveto, na frutinha vermelha e na breve pereba de seu braço. Porque o pai cantava, tudo era movimento e de novo amanhecia. Só repousavam no barco os remos dos minutos.

No reinício das aulas, notou a ausência do companheiro de carteira. E no recreio, soube que se havia afogado, três dias antes, num açude.

O colega morto era comprido, magro e moreno, de cabelos lisos e negros, em tudo diferente do primo, que se sentava no banco logo atrás — alvíssimo, cheio de carnes e de pelo melado e crespo. Viviam no mesmo sobrado, com as mães, duas irmãs viúvas, ou separadas dos maridos, e que retiravam o sustento de uma pequena fábrica de doces.

O primo, de triste que chegara, foi-se animando de uma vaidade desajeitada, com o repetir da história do afogamento. Contava como o outro sabia de mergulhos e como o fundo do açude era lamacento e cheio de restos da mata que havia sido coberta pelas águas represadas. O garoto prendera o pé numa forquilha ou num cipoal submerso e não pudera completar a meia-lua do mergulho. Só subiria à tona nos braços dos agregados, que tinham passado a manhã, a tarde e uma outra manhã a procurá-lo. O primo descrevia o inchaço do corpo, mas ressaltava que os caranguejos não lhe haviam comido os olhos, nem os lábios, nem as pontas dos dedos e dos artelhos.

Não foi a imagem do afogado a que acudiu ao menino, quando a mestra convidou-os a um minuto de silêncio, mas a do vizinho de cotovelo, que lhe surrupiava lápis e borrachas, lhe dava, de surpresa, petelecos na orelha e lhe fazia o convite para, depois das classes, irem, com o primo, até a casa deles.

Esta ficava a umas dez quadras do colégio. Fizeram o percurso como se tivessem ido à esquina, entre passo e carreira, e mudando, perseguidores e perseguido, de papéis.

No caminho, um dos primos ensinou como mamar diretamente numa cabra, e o menino lhes disse que tomara, durante alguns meses, leite de jumenta, para ver se ficava menos mofino e amarelo. Uma tia-avó dera o conselho, mas não o animal, que vinha, de aluguel, todas as manhãs, ser amojado à porta do menino. Constava que leite de jumenta era mais forte que o de vaca, mas o menino nunca lhe sentiu diferença de sabor, nem se fez menos pálido ou mais gordo.

O sobrado dos dois primos tomava toda a esquina. A família morava nos altos, a parte baixa ocupada pela doceria, com mais de uma vintena de moças de gorro e avental brancos, a mexerem a massa das tortas, a colocarem as fôrmas nos grandes fornos de ferro, a cortarem em xadrez os bolos retangulares esparramados em amplos tabuleiros. Umas envolviam em papel celofane os quadrinhos de goiabada, bananada e marmelada. Outras protegiam com forminhas de papel as bases das cocadas, das bananas-passas, dos quindins e dos suspiros. E estas atendiam aos vendedores, molecotes descalços, a segurarem na mão a rodilha, enquanto esperavam que lhes enchessem de gulodices os vários compartimentos da grande caixa de madeira que levariam, a gritar e quase a correr, à cabeça. Se um freguês os chamava, desdobravam as quatro pernas da caixa e, atrás do pequeno balcão, recebiam o pedido. Aberta a tampa de vidro, punham na mão do cliente, com uma pinça ou uma espátula, o doce de batata ou de jerimum, o pé de moleque ou o pão de ló.

Desde a rua, sentia-se o cheiro enjoativo de açúcar — mais forte, do mesmo modo que o calor, à medida que se passava de porta em porta e de sala em sala, a caminho da enorme cozinha. Nos corredores, emaranhavam-se as vozes finas das doceiras, a conversarem sem parar, enquanto moviam sobre as mesas as mãos brancas de farinha ou morenas de melaço.

Manga, araçá, oiti, mangaba, graviola e ata, jaca e araticum, ciriguela, cajá e cajarana, mamão, jenipapo, sapoti, carambola, joá, pitanga — todas essas e outras frutas amadureciam atrás do muro alto que se alongava por mais da metade de um quarteirão. Era a chácara, de onde saíam, nas estações próprias, carroças de burros no rumo do mercado e rapazotes com balaios — Olha o maracujá! O murici madurinho! — para vender de porta em porta.

A garotada só esperava a sesta das três solteironas, donas da quinta, para saltar o muro e voltar à rua com as fraldas da camisa cheias do que fosse ou com apenas um abacate na mão. Se a bulha era intensa, logo aparecia na varanda, saindo do sono e de cabelos envolvidos num turbante, uma das velhas, gritando:

— Moleques desgraçados! Piores que passarinhos! Xô! Pra fora!

Recebia assobios de resposta. Ou, em coro, um “vá pra China!”, insulto forte, sem razão sabida. O menino compreendia que se considerasse ofensa mandar alguém tomar banho, lamber sabão ou para junto do diabo, mas se perguntava por que era xingamento exigir-se a partida para um país, nas gravuras dos livros, lindo e fascinante. Impropério pior, porém, naquele grupo de guris sem piolhos e lêndeas, era somente “merda!”, e este, se havia um adulto por perto, desembocava em ralhos, cocorote ou puxão de orelha.

Não adiantava as caritós se queixarem às mães dos garotos que lhes pulavam o muro: a excitação do furto das frutas vencia carões e ameaças de castigo, e ninguém pensava que saltar para dentro da chácara fosse pecado. As mães só se puseram enérgicas com a criançada e cheias de indignação contra as solteironas, depois que estas mandaram eriçar o alto muro de pedaços de vidros pontiagudos e cortantes:

— É um absurdo! Não sei como se pode pensar em tamanha malvadeza! Qualquer dia desses, vamos ter um dos miúdos ferido seriamente.

Até a descoberta de que se podia, com um cabo de vassoura e persistência, limpar o paredão dos cacos de garrafas, cessaram os assaltos

ao pomar das vizinhas. Quando recomeçaram, foi sem entusiasmo. A zanga das mães com as velhotas tirara toda a graça à brincadeira. Pouco importava que tivesse chegado o tempo das goiabas: era bom ser vilão, e não, ser vítima.

Blitzkrieg era a palavra que mais se ouvia: no rádio, nas rodas noturnas das calçadas, nas bodegas e na escola. Contra a aviação e os blindados alemães parecia não haver defesa, e suas tropas avançavam, quase a correr, pelos campos da Dinamarca, da Noruega, da Holanda e da Bélgica. Em breve, a fé na inexpugnabilidade da Linha Maginot também se esfarelaria, e, com lágrimas nos olhos, a mãe, a avó e o tio-avô receberiam a notícia da queda de Paris. O que mais os revoltava era a adesão aos invasores dos que se diziam, até a véspera, nacionalistas, mas punham o antissemitismo acima da repulsa ao boche. As noites de amargura prolongaram-se com as discussões sobre Pétain e a apatia ou pusilanimidade francesa, a que apenas De Gaulle e seus companheiros davam desmentido. A BBC era ouvida em silêncio e tristeza, silêncio e tristeza que só se rompiam com as palavras de Churchill.

— Ainda há esperança — dizia a avó. — Não importa a perfídia dos russos. Não importa o descalabro de Dunquerque. Apesar de todas as bombas sobre Londres, os alemães não vão conseguir desembarcar na Inglaterra. E, sem isto, não ganham a guerra.

Mal começara a aula, sentiu a comichão num dos dedos do pé esquerdo. Com vergonha de desatar o cadarço e tirar a botina para esfregar o artelho, apertou com força contra o bico do calçado a quina do salto do outro pé, exatamente em cima do lugar em que se concentrava, agradável e insistente, a coceira. Duas classes depois, tudo o que desejava era ficar descalço, pois a comichão se tornara insolente e chegava a queimar e a doer. O menino aumentava ou diminuía a pressão da sola de um sapato contra o outro, conforme a intensidade do prurido, doido para se ver em casa e pedir socorro.

Arrancou a botina, ao entrar na copa. No dedo, viu um pontinho minúsculo, menor do que uma cabeça de alfinete, cercado por um estreito anel alvacento. A ama disse logo que era um bicho-de-pé:

— Não coce, que inflama e pode virar ferida ruim! Temos de esperar que amadureça, para então tirá-lo. Bom seria, para passar a comichão, se tivéssemos mijo de vaca.

Não tinham, e ela, após lavar-lhe o pé, friccionou o artelho com água oxigenada e azeite. O alívio foi curto. Logo estava o menino com as unhas a rascarem o dedo avermelhado. Coçou e coçou, durante mais de um dia, o ponto negro. Tanto este quanto o anel branco ao seu redor haviam crescido e mais pareciam um olho arregalado no artelho do menino.

À noitinha, a ama pôs-lhe o pé num balde de água quente. Prendeu numa rolha de garrafa uma agulha de bordado e lhe fez arder a ponta na chama da lamparina. Passou éter no dedo do pé do menino e foi-lhe tirando, devagar e com cuidado — Não te mexas, para que não se parta ou arrebente! —, a pulga com sua bolsa de ovos. Doeu, mas pouco. E, a soprar sobre a pequena ferida, o menino adoçou como pôde o ardor do iodo.

Quando se formou o Governo de Vichy, Seu Caboclinho já mudara de casa. Fora substituído por novos vizinhos, com quatro filhos — um garoto e três gurias —, todos com nomes começando por *g*. Após quase uma semana de tenteio, com aproximações cuidadosas e desconfiados afastamentos, eles foram aceitos pela criançada daquele canto da rua e logo envolvidos por uma nova brincadeira: fazer teatro.

A ideia era pôr em cena um auto de Natal, uma espécie de presepe vivo, com várias estórias — as dos pastores, as dos Reis Magos, a de São João Batista — a se entremear com a de Maria e José. A mais velha das meninas em *g* distribuiu os papéis e desenhou o roteiro de uma peça sem texto, que se modificava ao sabor da improvisação dos figurantes, em cada um dos ensaios que se sucediam, todas as noites, na pequena sala dos vizinhos. Do lado de fora das janelas abertas, havia sempre público — outras crianças, meninotes, amas-secas, pais, tios e curiosos, que aparteavam os atores, sugeriam alterações nas cenas ou nas falas, reprovavam com muxoxos uma personagem ou a aplaudiam com o estalar de dedos.

Havia reuniões para desenhar figurinos, para decidir o preço dos ingressos, para resolver como pendurar o que seria o pano de boca e para fixar a data de estreia, mas tudo era apenas pretexto para os ensaios, para o jogo de inventar incessantemente novos diálogos, dos quais saíam novas situações, novas estórias e novos milagres.

Todos queriam fazer milagres e proclamá-los. Não só a Virgem Maria e São José. Não só cada um dos três Reis Magos. Mas também o empregado que lhes levava pelo cabresto o camelo. E também a pequena fingindo-se pastorinha. E também o molecote que cortava a cabeça do Profeta. Como cada qual se esforçasse para que seu papel, por mais secundário no esboço primitivo, ganhasse relevo, a peça foi crescendo de tamanho e perdendo, no correr das noites, quase tudo que a ligava ao Novo Testamento.

Foi então que as meninas maiores decidiram que não mais se representaria o auto de Natal, e, sim, uma outra história, e depois, quando

esta se esgotou por inchaço, uma outra, e outra, e um espetáculo de variedades, com danças, canções, quadros cômicos e palhaços.

Por pouco tempo trocou-se o palco pela arena do circo. A mais velha das irmãs do menino ganhara uns patins de presente, e logo, por contágio, a brincadeira de teatrinho foi substituída pelo deslizar das rodas nas calçadas, pelas voltas e rodopios cada vez mais elaborados e pelas competições de velocidade.

Não se montou o auto natalino. E disso todos tiveram remorso e pena, ao percorrerem, de quarteirão em quarteirão, as casas que exibiam, janelas abertas, nas salas iluminadas, os seus presépios. Uns chegavam a tomar todo o chão do aposento. Outros dispunham-se sobre grandes mesas. As imagens deste eram de barro esmaltado. As daquele, de papel machê. As da meia-morada, logo após a esquina, de madeira. Em nenhum, deixavam os donos de empurrar diariamente os Reis Magos e sua comitiva na direção da manjedoura onde dormia o Recém-Nascido. Nas lapinhas animadas por eletricidade, a estrela deslocava-se com lentidão e, depois dela, desciam passo a passo os dromedários, os cavalos e os burros de Gaspar, Melchior e Baltazar, marcando os dias entre 24 de dezembro e 6 de janeiro, enquanto, em redor, se misturavam épocas, climas e geografias.

O grande triunfo da imaginação e do engenho ficava no fim de uma travessa vizinha, de piso de terra e sem luz elétrica. O presepeiro cortava, todos os anos, novas figuras de pau, para acrescentar cenas ao seu intrincado sonho do mundo. Cada boneco media pouco mais de um palmo, era achatado e tinha atrás, a articular ao tronco a cabeça e os membros, uns arames grossos, que se iam unir, por baixo do cenário, a um complicado mecanismo de madeira, couro e metal, com roldanas, anéis dentados, correias e correntes, um mecanismo que colhia impulso e força de uma bicicleta sem rodas, presa ao solo. Quando o dono da casa ou um de seus filhos, sentado no selim, lhe pisava os pedais, na sala pobre, iluminada por lampiões a querosene, as janelas de tábuas a se abrirem na parede de sopapo, duplicava-se o mundo, dentro e fora dos séculos, em desordem e movimento, com o Menino Jesus a agitar os braços no leito de palha, o burrico e o boi a abanarem as testas, o príncipe a calçar o sapatinho de cristal na Borracheira, os pastores a conduzirem prado afora os seus rebanhos, o vento a bater nas asas dos moinhos e as águas a correrem pelas pás da azenha, um balão a contornar a Torre Eiffel, o Saci a pôr na boca o seu cachimbo e a moça a fugir com o noivo pela escada, enquanto vende o menino os seus jornais e lutam a tiros Corisco, Lampião e alguns macacos, e gira o carrossel de cavalinhos, e Cristo arrasta a cruz colina acima, e um

índio caça a onça, e um monge prega, e dois amigos seguem, cabisbaixos, a carregar o defunto numa rede.

Também nessa lapinha, vinham de longe, lentamente, os Magos. A pé e em festa, sob grandes guarda-sóis de cores vivas, cada qual a puxar pela brida o seu camelo, e precedidos de incontáveis músicos, e cercados de fâmulos com fardos à cabeça e mulas cobertas de ouro e pedrarias. Na noite em que chegaram finalmente junto ao Jesus Pequenino, a rua foi tomada por moças e rapazes de roupas cobertas de fitas vermelhas, amarelas, azuis, verdes e brancas, e chapéus de abas dobradas e cravejados de espelhos, a cantar e a dançar, acompanhados por violões, cavaquinhos, sanfonas, surdo e pandeiros. Ao passar pela porta do presépio, faziam o pelo-sinal e ajoelhavam-se, sem que a rápida contrição interrompesse o canto e os passos ritmados.

A mãe suspendeu a leitura e ordenou:

— Menino, vá correndo chamar a sua avó!

O jornal trazia a notícia do assassinato, na fazenda, do marido de uma tia. Ele cochilava na rede da varanda, quando o degolaram.

A mãe do menino, mal a avó entrou, foi logo dizendo:

— Só pode ter sido a titia quem mandou matá-lo.

O rádio, de tardinha, confirmou o palpite. A senhora comparecera ao juiz e confessara o crime.

Estava casada há pouco mais de sete anos. Ao engravidar pela primeira vez, o marido mudou-se, com uma rapariga, para outra fazenda, que tinham ao lado. Após o parto, voltara, amantíssimo, para junto da mulher. Nova gravidez, novo abandono e nova amásia. Como se tivesse asco da esposa prenha.

Ela pegara filho pela quinta vez. E estava recostada ao peitoril do alpendre, triste e linda — a mulher mais linda que o menino já vira, toda alva, o rosto de luz e lua, os olhos azuis e os cabelos castanhos muito escuros —, quando se aproximou um agregado e assim disse:

— Dona, eu sei do mal que a aflige. Se quiser, lhe dou fim ou conserto.

Ela entrou na casa e trouxe a faca de gume duplo e ponta:

— Quero.

O rapaz montou no seu burrico e amanheceu na outra fazenda dos patrões. O marido, enojado, preguiçava no terraço, uma perna para fora da rede.

A família estava por baixo na política e a tia foi condenada a cinco anos. Como, porém, a cadeia local não fosse própria para uma senhora — na realidade, não abrigava criminosos, mas bêbedos, débeis mentais, loucos e desvalidos, que passavam o tempo a fabricar e a vender gaiolas de passarinhos —, puseram-na presa numa casa que possuía na cidade, trancadas as portas e as janelas para a rua. Passou a ver o céu de seu quintal. E no encerro, acudida pelos parentes, que só podiam visitá-la aos domingos

e por algumas horas, deu-se aos filhos, sem remorsos, mas com saudades do morto.

Uma irmã do marido degolado era casada com um irmão da mandante do crime. Separou-se dele, mas a família do morto não a recebeu de volta. Tudo o que tocara na assassina estava manchado de ódio, até mesmo a cunhada, feia, de pele encardida, olhos pequeninos e mãos nervosas. Vivia em Sobral, na mesma rua e na mesma quadra que vários irmãos e sobrinhos do ex-marido e, excluída dos seus, acabou, sem qualquer gesto de rendição ou pedido, por ficar à soleira daqueles para quem tinha a obrigação do desprezo e do rancor.

Em pouco tempo, era novamente de casa. Os sobrinhos do ex-marido iam pedir-lhe a bênção e beber um fundo de cálice de licor, dos muitos que fazia, de laranja, limão, jenipapo, cajá, tangerina, mangaba, tamarindo e caju. Passava o dia nisto: a destilar álcool das frutas e a provar o resultado. Magra na roupa escorrida, cabelos em coque e gestos de desculpa, estava sempre rindo, em alada e bondosa alegria, os dentes desencontrados a empurrarem as gengivas para cima, toda ela sem arrumo e equilíbrio, só amparada pela felicidade das prateleiras cobertas de garrafas de licores e pelo terço que rezava, todas as tardes, com a mocinha e os dois rapazotes que eram seus filhos. De tão feia, mal se chegava perto dela, tinha-se vontade de abraçá-la apertado e de encharcá-la de beijos.

Nas férias de junho, a mãe levou as crianças a Sobral.

Não viajaram dessa vez em boleia de caminhão, como na ida a Viçosa. O irmão querido da avó, o que despachava os negócios na mesa de um café, havia, somando aos seus os dinheiros dela e os de um outro sócio, criado uma empresa de ônibus e jardineiras, que passara a ligar Fortaleza a várias cidades do interior.

O carro em que subiram, castanho-escuro, com uma faixa negra e outra branca a cortá-lo horizontalmente, possuía bancos acolchoados e de molas. Suas janelas fechavam-se com um vidro grosso, mas, durante toda a viagem, o calor as manteve abertas, o vento a banhar de poeira barrenta — nenhuma estrada era macadamizada — os cabelos, o rosto, as mãos e a roupa dos passageiros.

O ônibus deixou-os em frente à casa de um irmão do avô materno. A boa distância da porta. Isto porque a rua era larguíssima e, entre a calçada do tio e a faixa de laterita aplainada por onde passavam diariamente o ônibus da carreira, o automóvel do bispo, alguns caminhões de carga e várias carroças puxadas a burro, havia um amplo espaço de terra dura, sombreado em boa parte por árvores enormes. A rua afundava mais de um metro em relação ao nível das calçadas, e destas se descia por dois, três ou quatro degraus.

O tio-avô ocupava duas casas vizinhas, com um só quintal. Este, muito grande, era cortado por um muro com um grosso portão. Para a primeira metade, onde ficavam as árvores frutíferas, o tanque, o quaradouro e o forno, davam os alpendres, cujos tetos iam baixando até uns dez palmos do chão, protegendo os fundos das casas do excesso de luz e calor. Aberto o portão do muro, passava-se do terreno limpo, varrido e molhado todos os dias, para um piso grosso de esterco, pois ali se mantinham algumas vacas, para o leite.

Na casa maior viviam o casal, a meninada e a criadagem. Na menor, que era em parte depósito, o filho mais velho, já com emprego e bigode, guardava distância do resto da família. Só o viam na hora do jantar, por

volta das cinco. Entrava na sala quase sempre reclamando do pai, outra vez “daquele jeito”.

A tia ouvia o marido chegar e ralhava com ele, de mansinho, à porta da entrada. O homem atarracado, com tendência a gordo, de cabelos grisalhos e bochechas vermelhas, abraçava-a com espalhafato, dava-lhe um beijo barulhento e, após ligar o rádio, para ouvir as notícias da guerra, caía na poltrona. Os adultos evitavam fazer barulho e as crianças iam para o fundo do quintal, até a ordem de lavar as mãos e a cara, que a mesa fora posta.

Quando o tio estava em casa, a casa era dele. A mulher, que distribuía, durante todo o resto do tempo, encargos e ralhos com voz forte, não tinha maneira de falar mais baixo. O seu gosto pela disciplina, o marido o desmanchava, à mesa, dando maus exemplos às crianças, ao avançar, brincalhão, no prato desta por um pedaço de carne que dizia ser melhor que o seu, implicando alegremente com ela, contando às gargalhadas as histórias que ouvira nos botequins, entre o emprego e a casa. Se queriam vê-lo ainda mais feliz, era só falar mal do bispo, que mandava na cidade. A tia sorria, ainda no meio do te-esconjuro e do sinal da cruz. E lhe punha três diferentes tipos de sobremesa no prato.

Comia-se muito naquela e nas outras casas. Às seis da manhã, já se estava acordado para o leite mungido. Uma hora depois, vinha o café, com aluá de casca de abacaxi, coalhada, cuscuz de milho, macaxeira e batata-doce cozidas, tapioca quentinha com manteiga de lata ou de garrafa, broa, requeijão, queijo fresco e curtido, frutas e mel. Às nove, tomava-se um copo de leite morno, uma laranjada ou um suco de tomate ou de murici com bolachas. O almoço era servido às onze: arroz, feijão com toucinho, linguiça e casca de queijo ou caju — punha-se o caju na panela uns quinze minutos antes de servir —, farinha torrada, farofa de ovo ou paçoca e três a cinco pratos de carne fresca e seca, não faltando o bife sangrento, o picadinho com jerimum, maxixe ou quiabo e o acompanhamento de batata, pacova, inhame ou aipim cozido, frito ou em purê. Poucos eram os dias em que não aparecia na mesa, em torno da qual jamais se sentavam menos de doze pessoas, a terrina de macarrão. Por volta das duas horas, merendava-se: café ou chocolate com leite, pamonha de milho, pão, carne assada fria,

geleia e queijo. E mal batiam as cinco, a sopa dava início a um jantar com tantos pratos quanto os do almoço. Às oito horas, ceava-se: um caldo leve, torradas, uma asa ou perna de frango, um pedaço de rosbife no pão ou um ovo estrelado, um pratinho de canjica de milho verde, uma fatia de beiju e o que mais a imaginação e o apetite pedissem. Ao chegar à rede, para o sono, o menino ainda encontrava um copo de leite à janela. E nos intervalos dessas refeições regulares, os adultos beliscavam isto e aquilo, e a garotada se distraía com a mão cheia de cajás, um cacho de pitombas, uma tangerina, um pedaço de puxa-puxa, um saquinho de mindubi, um picolé, um pirulito ou um cone de pipocas.

O tio trazia, muitas vezes, da rua, pacotinhos de bala ou barras de chocolate, que as mulheres da casa tiravam das mãos das crianças, não fossem estas perder o apetite para o jantar. O tio ria e cobrava de um dos sobrinhos, um guri ainda mais magricelo do que os outros, filho da irmã de sua mulher, que acompanhasse a música do rádio.

Aberta a camisa, o garoto batia no esterno com o indicador e depois o sacudia, com força e ruído, contra o polegar e o maior de todos. Com as mãos em concha, fazia ressoar os lados da barriga. E estalava os dedos. E sovava as coxas descobertas pelas calças curtas. Todo o corpo, uma bateria, o que realmente não deixava a molecada fechar a boca era o baticum no peito. Por procurar imitá-lo, os primos tinham o alto do tórax dolorido e vermelho.

Não adiantava que este aqui fosse mestre em armar arapuca aos passarinhos, nem que o outro corresse mais depressa do que ninguém, ao empurrar com a vareta o aro de barril. Se um era bom no estilingue e aquele em subir até o alto das palmeiras, isto de nada valia diante do primo que tinha música no corpo.

Podia-se cantar, é certo. E também assobiar. Mas canto e assobio eram diferentes. Saíam de dentro, como o sonho. E ajudavam a imaginação a despegar do corpo um outro corpo, mais leve, indiferente à enxaqueca, capaz de correr descalço sobre o alto dos muros e de apoiar o rosto no ombro de um pai que não estivesse sempre enfermo e consigo mesmo sozinho. Dentro do menino, desatava-se aos poucos a alegria. Pequenina e curta, a acompanhar-lhe a cantiga, bem baixinho. Não fosse alguém ouvir e

ralhar com ele. Não fosse o chuvisco feliz se abrir em sol ardente e lhe doer a cabeça.

Atravessava a rua, modinha nos lábios, os bolsos cheios de caramelos, o tio-avô. A garoa mole nem sequer lhe ensombrecia o azul do linho.

Quando o tio chegou à casa com a notícia de que os alemães haviam invadido a União Soviética, o menino estava na rua, debaixo de um pé de tamarindo, baladeira na mão, fingindo uma caça aos beija-flores.

Havia sempre deles em torno da grande árvore, de copa muito aberta. Dos pequeninos, tão pequeninos que eram um nisco maiores que um moscardo. E dos que alcançavam o tamanho de um bico-de-lacre. O mais comum tinha o peito branco, as asas verdes e a cabeça e a cauda azuis, e o mais raro, a plumagem negra ou cinza-escura a arder em vermelho. Em esmeralda e vermelho. O que voava, agora, quase ao seu alcance, para a frente e para trás, para cima e para baixo, e parecia parar com asas invisíveis de tão velozes, era acobreado. E o outro, mais adiante, furta-cor, arco-irisado. Ou de papo de fogo. Ou verde e anil, com um colar amarelo.

O menino os perseguia com os olhos e simulava apontar contra eles a forquilha e esticar o elástico. Ainda que tentasse de verdade atingi-los, dificilmente o conseguiria: o voo das avezinhas, alvo já de si minúsculo, era rápido e desconcertante como um remoinho. Força era, porém, que teimasse em parecer que queria derrubá-las com a atiradeira, ou dele diriam os primos e os vizinhos que lá estava o maricas a olhar colibris.

Já bastava ter ele chegado a Sobral sem saber montar a cavalo. Uma ou outra vez, havia subido num jericó, mas este estava sob o peso de barris de água ou de jacás de frutas, e mal andava. Os primos, de início, mangaram dele, mas logo se dispuseram a lhe dar lições. Se havia um asno manso a prestar serviço à casa, lá o colocavam sobre a cangalha, com ordem de segurar firme no cabo que dela saía e na corda do cabresto. Tocavam o animal devagarinho. Um dia, sentindo que o menino ganhara confiança, açoitaram o jegue, que se largou num chouto. O menino manteve-se firme nas cangalhas, ainda que o trote miúdo e aos sopapos parecesse que ia, de um momento a outro, pô-lo abaixo.

Do jumento, passou ao cavalo. O genro do tio vinha sempre vê-lo num manga-larga lustroso, castanho-escuro e calçado de branco. O menino aprendeu rápido a diferença entre montar em sela de couro macio, com estribos que se regulavam à altura das pernas, e escanchar numa armação de

madeira e palha. O marido da prima, às vezes, o convidava para um passeio. Punha-se a jeito na garupa e, com as mãos a segurar as ilhargas do cavaleiro, banhava-se na alegria do galope.

Não se passou muito e sabia como se colocavam num animal o cabeção e os freios, a manta ou a esteira, a sela ou a cangalha. Não tinha dificuldade em montar sozinho num jerico, mas, para alçar as pernas num cavalo, precisava trazê-lo até junto à calçada. Uma tarde, o tio lhe trouxe de presente um par de esporas.

O cavalinho se empina
alto como o sol rosado
viaja na grama fina
campo de morangos ralo

o aipim com seus talos
empurra a face franzina
o mundo é o pequeno mato
em que buscava a menina

as lindas mãos estão sujas
o sol é baixo e a paisagem
tem formiguinhas azuis
e rosas em seu mormaço
(bebemos leite no ubre
das cabras) os seus joelhos
transpondo a cerca florescem
no olhar de um menino vesgo

se você me beijar disse
r i a
abelhas nos seus olhos
e as sossegadas florinhas
corriam sobre seu colo

se você a corça é lenta
a voz de chuva mansinha
tem gosto de pera fria
só não chove em nossos braços

chuvisco de sol macio
que a tarde é clara e arrebenta

*um caqui alaranjado
partido sobre o relvado*

Alguns dias após o regresso de Sobral, a mãe deu-lhe a beber um vermífugo. O remédio era inglês e de gosto adocicado e horrível, que o menino, adulto, associaria ao uísque. Na rede, ele sentiu a enxaqueca ir alinhavando, pouco a pouco, o enjoo e as cólicas ao sabor do chá, da maçã ralada e da banana cozida e às palavras que a mãe dizia, na copa, sobre as lombrigas e outros vermes que o menino com certeza adquirira ao rolar com os primos no chão, ao andar de sandália aberta nas estrumeiras, ao passar grande parte do tempo com as mãos na terra. Ela ainda falava, ao sair porta a fora, e falava, na volta, sobre o mesmo tema e sobre o alívio que lhe dava ser o filho avesso a andar descalço, pois era pela planta dos pés que entravam geralmente os ascárides no organismo, e continuava a falar, quando entrou no quarto, com vários embrulhos, e pôs sobre o peito do menino uma revista fina, de capa colorida e em papel de jornal.

Todas as páginas de *Mirim* estavam ocupadas por histórias em quadrinhos. Por histórias muito diferentes das de *O Tico-Tico*. Até mesmo naquelas, como a de Tereré na corte do rei Artur e a de Aninha, a pequena órfã, em que as personagens se alegravam em caricatura, havia um movimento que imitava a realidade ou que tornava realidade o que era imitação do passado ou previsão do futuro. Os desenhos de *O Tico-Tico* eram inteligentes e engraçados. Os do *Mirim* (e os do *Suplemento Juvenil*, do *Gibi* e de *O Globo Juvenil*) tinham vida: o menino sentia-se como que desenhado, com seu macacão e sapatos sem meias — ele não gostava de meias —, no meio das dezenas de cavaleiros e pajens que acompanhavam, a cavalo e a pé, de cabeça descoberta ou com capacetes inteiramente distintos uns dos outros, e com roupas de tecidos e cortes desiguais, cada cinto com sua fivela e cada espada com sua empunhadura, o Príncipe Valente a entrar na metade de uma página inteira da revista, com estandartes, trombetas e tambores. Lá ia o menino acompanhando Tim e Tom na África Oriental; subindo ao espaço com Buck Rogers, numa nave interplanetária inventada com todas as minúcias; e pilotando, como Jack do Espaço, um avião cujo painel de instrumentos era rigorosamente reproduzido nos desenhos. De um quadrinho a outro, podia-se sentir o tempo e refazer, na estreita faixa branca

que os separava, o gesto do mocinho: a corrida para o cavalo, o salto completo da janela, o impulso do soco que atingiria o bandido.

Desde o dia do purgante, o menino não mais largou as histórias em quadrinhos. As suas prediletas eram as aventuras alegremente irônicas de Li'l Abner e as perversamente mordazes de Dick Tracy. Para ele, um único herói se amesquinhou nos desenhos: Tarzan. Faltava amplitude à selva, e os grandes animais não conseguiam correr no espaço exíguo dos quadrinhos, cujos limites não se abriam para o expandir das árvores mais altas, para o voo dos flamingos e para os saltos do homem-macaco, de cipó em cipó, a percorrer a floresta. A história desenhada não conseguia receber das obras de Edgar Rice Burroughs, que a mãe ia comprando uma após outra, a luminosidade do mistério do jângal, o encantamento das linguagens em que se entendiam Tarzan e os animais, a emoção com que se viravam as páginas até o final de cada livro. O sentimento de que a selva se alongava para sempre e, contudo, o herói a conhecia como dono, como se ela pudesse caber nas suas mãos, o menino só reencontraria no cinema, no Tarzan que mergulhava do alto de uma escarpa, para atravessar o rio com as braçadas de Johnny Weissmüller.

— Começa hoje uma nova fita em série, anunciou um dos garotos da vizinhança. E, à noitinha, foram todos ao cinema; o menino, pela primeira vez na vida.

A sala transbordava de calor, e a gurizada fazia um barulho enorme, todos a falar ao mesmo tempo, de picolé, cone de amendoim ou saco de pipoca nas mãos. O menino mal conseguia sentar-se na cadeira de pau, aflito, e os companheiros aumentavam-lhe a ansiedade, dando-lhe piparotes e despenteando-lhe os cabelos. Só se aquietaram, quando a luz se apagou, a tela foi ocupada pelas grandes letras anunciando o jornal filmado e a sala se encheu de música.

Depois do noticiário nacional, com Getúlio aparecendo o tempo todo, das imagens da guerra, dos desenhos animados e de uma breve comédia, veio o que todos esperavam: o primeiro capítulo de *O guarda vingador*.

O herói, de chapéu claro, máscara negra a cobrir a parte superior do rosto, a boca e o queixo dissimulados por um véu, camisa cinza e calças e botas escuras, galopava num cavalo branco, de crinas longas, o Síilver. Seu companheiro, um índio vestido de camurça, tinha por montaria um tordilho. De súbito, o herói estava a pé, cercado de bandidos que iam aprisioná-lo, quando, ao grito de “Aiiô, Síilver!”, o corcel surgia não se sabe de onde e passava rente ao mocinho, que se punha, num salto, sobre a sela, salvo, veloz e a sumir no horizonte.

O cinema, pensou o menino, era como se ele, dormindo, estivesse se vendo a si próprio e os cenários do mundo a se comporem e desfazerem, em branco, cinza e negro, à sua volta. Também no sonho ele caía num poço, o grito em *close-up*, o rosto a ocupar todo o espaço, quase colado aos olhos. Assistiu aos primeiros filmes fascinado, mas sem assombro ou surpresa, como se tudo o que se passava na sala escura já lhe fosse desde muito conhecido. Só depois, e pouco a pouco, começou a interessar-se por seus segredos e a descobrir como uma sequência de pequeninas fotografias se transformava em dança e, por força das lentes, fazia de palco e paisagem a tela enorme.

Vinham pela rua, de vez em quando, burricos a puxar carrocinhas repletas de pedaços de filmes, que se tinham partido ou queimado. O menino corria atrás delas, recolhendo bocados de celuloide para seu cineminha particular. Retirava o bocal e os filamentos de uma lâmpada queimada e, ao enchê-la de água, tinha nas mãos a lente. Abria, em seguida, numa caixa de sapatos, um retângulo do tamanho exato do fotograma, e acrescentava dois cortes ao papelão, um acima e outro abaixo da janelinha, não mais largos do que a fita que por eles passaria. Na sala fechada e escura, deixava apenas uma linha do sol intenso das duas horas da tarde entrar por uma fresta da porta, bater contra a parte interna da caixa e lançar, pela abertura que nela havia, as imagens do celuloide contra a lâmpada cheia d'água, que as ampliava na parede.

Puxava rápido o filme, mas não o suficiente para dar movimento aos homens e aos bichos. O que se projetava no muro era uma série de imagens paradas e quase repetidas. Nem era preciso mais para embalar o entusiasmo da miudagem. E um dos garotos podia até pedir que o menino imobilizasse dois ou três fotogramas de todo o pedaço de fita, para ver melhor a mão enluvada do caubói a chegar-se ao coldre ou, atrás de uma porta, o focinho do cão prestes a entrar na sala.

A senhora insistia:

— É uma boa menina. Fique com ela. A mãe morreu, e o pai logo porá o pé no mundo. Faça esta obra de caridade. A mocinha poderá ajudá-la nos trabalhos da casa. É alegre. E a mais bem-disposta de todas as irmãs.

Alguns dias depois, chegava a menina, morena a puxar ao dourado, magrinha, de cabelos negros escorridos, olhos de índia e toda riso. O pai a dera à mãe do menino, a fim de ser criada para todo o serviço.

Só a muito custo calçou sapatos. Mas gostava de roupas novas e de enfaceirar-se. E punha tantas vezes a alma o mais longe possível da casa, que parecia não escutar o que lhe diziam. Ria, em vez de responder. Ria muito, suavemente, quase com delicadeza de bugre. A mãe do menino, a quem chamava madrinha, levou-a ao médico e confirmou as suspeitas: a mocinha era dura de ouvido, quase surda. As crianças passaram a tratá-la por Mouca.

Não se zangou com isso. Do mesmo modo que uma das outras amas, índia de verdade, nada a irritava. Tudo caía no colo das duas como florinhas. Tudo o que tocavam se amaciava. Era a terceira ama, a mais velha e filha de portugueses, quem impunha o banho com água fria, contra o qual o menino tinha manhas e esconderijos, e pastoreava a gurizada, o rallo pronto, assim como a ameaça do cocorote e do puxão de orelha. Suas mãos muito brancas não se fechavam jamais para os cascudos prometidos. Preferiam pentear carinhosamente os cabelos do menino. Ou catar-lhe lêndas e fazer-lhe cafuné. Sabia, contudo, impor-se, num agarrar de braço que não admitia desobediência. Sabia mandar, e mandava. As outras duas desfaziam-se, com as crianças, em chuveiro e arco-íris. Brincavam com elas, como se fossem da mesma idade. Jogavam pião. Pulavam amarelinha. Eram capazes de bater palmas, ao descobrir, no fundo do quintal, o camaleão, a inchar o papo, enorme, entre verde, azul, pardo e cor nenhuma, os olhos maus, a boca forte, a compridíssima cauda, a crista a levantar-se da espinha, com um sem-número de punhais pequeninos e curvos.

Uma das babás costurava, num canto, ou punha todo o capricho em seus bordados de bastidor. Outra dava pão embebido em leite ao papagaio.

A terceira compunha tranças numa das irmãs do menino, enquanto, sob os olhos da mãe, a caçulinha caprichava na caligrafia. Na cadeira do alpendre, o pai tinha um livro ao colo. A tarde, um muro ao sol, estalava de poeira e mormaço. E o menino fazia desenhos de uma luta entre cristãos e mouros, quando a cozinheira, os braços carregados de lenha, entrou na copa, a cantarolar. Do jardim, respondeu, quase um trinado, o eco — ou seria um grilo? Ou a cigarra?

De São Luís do Maranhão, onde passara as férias com os tios e padrinhos, uma das irmãs do menino trouxe assunto para muita prosa.

Até então, ele pouco sabia das linhagens paternas. Sabia que o avô perdera uma fortuna jogando pôquer e que a avó gostava de um cachimbo, após o almoço e o jantar, na cadeira de balanço do alpendre dos fundos ou recostada a uma das janelas, a olhar o outro lado do Parnaíba, com sua praia de areia fina, o perfil quadrado e azul-negro dos montes e a igreja branca a domar a cidadezinha de onde viera, com o casamento.

O rio era muito largo e por ele chegavam até mesmo vapores, para recolher algodão, maniçoba, açúcar e cera de carnaúba. Da porta da casa de um dos filhos, o avô podia ver os fardos de tecidos, os caixotes de louças, os engradados com móveis e os sacos de farinha de trigo serem puxados de arrasto ou empurrados sobre roletes pela rampa que prolongava a rua e ia dar nas águas. Um freguês que desembarcasse era logo seu hóspede: tinha para ele cardápio escolhido e rede de dormir na casa de muitas portas e muitos quartos, dividida em moradia, escritório, armazém e pousada.

O velho, nas muitas horas em que podia olhar o céu, pegava da faca e da sovela e se punha a trabalhar o couro. A fazer arreios e a se esquecer de compras e vendas, de lucros e perdas, de importações e exportações. Tecia, nas esquinas e nas salas dos amigos, a sua política. Ia, a cavalo, ver as plantações e a engenhoca de aguardente e rapadura. Tinha livros e recitava alguns poetas, entre os quais três de seus filhos.

Um deles, antes de partir para o Recife, também esculpira santos, pintara bandeiras de procissão, moldara máscaras de carnaval e cortara, no papel de seda, papagaios com formatos tão lindos como jamais se tinham visto ali na terra. Se lhe dava o desgosto da boêmia e do álcool, dera-lhe a alegria de encher todas as paredes da sala de jantar de um outro filho com paisagens, cavalos, homens, bois e um céu tão alto que perdia o tamanho.

Muitos anos mais tarde, a caminhar por Amarante, a avó lembrava os filhos mortos. Dois, ainda pequeninos. E o que fora estudar no Rio de Janeiro e voltara, nas férias, tuberculoso. Transmitira a tosse e a magreza a uma irmã, já casada, e a dois irmãos, que com ela se foram. Também lhe

morrera o mais velho, o filho padre. No seu fim de velhice, só lhe restavam a moça dentuça que se casara com um médico maranhense, o fazedor de sonetos e pandorgas, que era o pai do menino, e o rapaz de barbas que gostava de política.

Já se tornara saudade quem sentia saudades. E do longo intervalo de tempo entre os dias em que cortava em pedacinhos o fumo de rolo para o fornildo do cachimbo, a olhar da janela, na outra margem do rio, a cidade de sua infância, e estes, em que se regavam as flores que cobriam a sua cova, a irmã do menino trazia de São Luís muitas histórias, que a mãe desmentia, punha em dúvida ou confirmava.

Do tio-padre, por exemplo. Era o mais bonito dos irmãos. Bonito, numa família de gente feia. A promessa de um legado acentuara-lhe o pendor para o seminário. Uma irmã do avô, sem filhos, queria ter um sobrinho sacerdote e decidiu que faria herdeiro aquele que tomasse votos. Casara com um português endinheirado e partira com ele, de regresso à terrinha. De lá, mandava saber se por acaso algum dos moleques se decidira a pôr batina. Um dia, responderam-lhe que sim. E, noutro, o rapaz, já ordenado, tomou um navio para Lisboa. Durante um par de anos, disse missa na aldeia junto à quinta da tia. Mandaram-no, depois, para o Maranhão, de onde só saiu para voltar a Portugal, a fim de recolher a herança. Tornou-se um padre rico. E namorador — dizia uma sobrinha ao ouvido da outra. Talvez espichasse demais o olhar para as moças, mas cumpria com zelo as suas obrigações. Passava a semana a escrever o sermão de domingo. Com todo o esmero. A citar os mestres da Igreja e os mestres da língua, Santo Agostinho e Santo Tomás, Frei Luís de Sousa e o Padre Vieira, Camões e Manuel Bernardes. Lia e relia o texto até sabê-lo de cor. E não lhe cerceava a força da voz o pregar tantas vezes no mesmo templo que escutara Vieira. Com entusiasmo, doçura e arrebatamento, jogava para o alto o esplendor de sermos “bichos da terra tão pequenos”. Sua oratória deve tê-lo ajudado na carreira: ao morrer, com seus quarenta e dois anos, era cônego, monsenhor e governava o bispado do Maranhão.

A irmã dentuça não lhe fechou os olhos, mas lhe acompanhou o enterro. Não mais teria, quase todas as noites, a sua palavra ágil e feliz, a adoçar o cafezinho provinciano, durante o qual só se falava de política e

política, com uma anedota, que, contada por padre, podia ser picante, com uma estória tirada do Eça e outra do Machado, com um exemplo do Antigo Testamento, com uma descrição do Porto ou de Trás-os-Montes, com lembranças dos presépios de Machado de Castro, com três ou quatro versos de Gonçalves Dias, com um “azeite, vinho e amigo, o mais antigo”.

A casa da irmã do padre e tia do menino era de esquina, térrea, com uma dúzia de janelas. A porta principal fechava-se para uma praça que era da Alegria, mas fora da Forca Velha. Fechava-se não por temor do passado, mas, sim, do presente. Era preciso acautelar-se mais da polícia do que dos fantasmas dos condenados. Isto, porque a tia não interrompera, com o Estado Novo, o seu salão político.

Ela tinha na alma o gosto da controvérsia e do mando. E, se, quando o irmão-padre ainda era vivo, tentara empurrar o marido para eleições, continuou a agir, depois destas proscritas, como se estivesse em véspera de disputá-las: batizava todas as crianças que podia e não faltava a aniversário, primeira comunhão, crisma, casamento, enterro e festa de formatura; mantinha intensa correspondência com as comadres espalhadas por todo o estado; e, quase todas as noites, sentava o marido com os amigos nas poltronas e sofás de palhinha, para falar mal de 30, do Getúlio e da Polaca.

Lá pelas tantas, ela entrava com as criadas, trazendo o cafezinho e os biscoitos, e não mais ia embora. O marido repousava da função de mamulengo. Queria mesmo era estar no hospital, operando um doente. Mas — paciência — sem o seu corpo e o seu nome, a mulher não podia fazer política. Felizmente, no passado, ela lhe escrevia os discursos. E os manifestos. E as cartas para os chefes do partido. Felizmente, ela continuava a murmurar-lhe o que devia dizer em voz alta. E, estando presente, deixava-o distrair-se da conversa. Como naquela noite em que ele recapitulava no íntimo, disfarçando o alheamento, um artigo da revista médica recebida da Alemanha, quando alguém insistiu em que convinha falar mais baixo, não fosse lá da rua... — e cortou, claro:

— Que ouçam e que de mim reclamem! Estinho só anda por aí mandando porque lhe costurei os fundilhos, quando ficou pendurado nas lanças de uma grade que queria pular. Aliviei aquele outro de um inchaço nos testículos, mas não da falta de vergonha. E o mais gordo deles, o meu

colega, hoje não ostentaria a viuvez, se eu tivesse chegado a tempo de evitar que ele colocasse a mulher no caixão.

Aquele rompante podia ser um primeiro sinal de que estava tomando gosto pela política e o prenúncio de um futuro em que por ela trocaria o bisturi, não fosse já ter havido outros, com rima, imagem e métrica. Quem o visse a esgueirar-se desta ou daquela opinião, não contava decerto que ele, sem aviso, improvisasse uma quadrinha, a resumir, com ironia, mofa ou sarcasmo, a maledicência e o debate, ou a deformar os traços da vítima do momento.

De vez em quando, uma quadrinha ganhava pernas e braços e lá ia, primeiro a correr e depois a nado, para a outra banda do rio, onde um outro irmão do pai do menino, que politicava ao contrário e se tornara prefeito depois de 30, a acolheria, às gargalhadas, na toalha de felpas de um caderno de notas.

A lápis, o chefe da cidadezinha piauiense — e dentista, dono de farmácia e plantador de algodão — escrevia os seus versos. Mas não deixava que lhe vissem os sonetos. Diziam-no severo, o que os retratos, de olhar risonho e bastas barbas, desmentem. E também as histórias. Não aprovava a presença do clero e dos militares na política e dizia abertamente que padre era para rezar missa e ouvir confissão, e soldado, para bater continência e receber ordens. Viúvo, casara com a irmã da primeira mulher e de novo enviudara. Com ambas tivera filhos, que, sentados à mesa do almoço, só lhe dirigiam a palavra para responder o que perguntara. E ele perguntava sobre como lhes parecia o mundo, ele, leitor de Proudhon, Marx, Engels, Bakunin e Antero.

Os livros e o algodão florido eram a fuga ou o descanso para os seus olhos maltratados pela velhice suja e precoce dos caboclos, de cujas roupas em farrapos saíam pés e mãos disformes. Fazia política por pena e remorso. Sem esperanças de que fosse possível aos homens pôr a sorrir a vida. Não deixou, porém, de alegrar-se e comover-se, ao saber que a irmã e o cunhado, em São Luís, haviam substituído os filhos que não tinham pelos netos órfãos da cozinha.

— A garota é a predileta, contava a irmã do menino, mas o guri também vive no colo. Os dois vão à missa, vestidos como se fossem

gêmeos, de linho branco, luvas, meias soquetes e sapatos de verniz, e vão lindos, tão escurinhos e de cabelo pixaim, a chamar de mamãe a minha madrinha.

Muitas vezes, ao sair de manhã cedo para o colégio, o menino chamava o carneiro:

— Venha, Mimoso!

Punha-lhe o cabresto de couro, mas não precisava de levá-lo pela rédea. O carneiro, com sua cabeçorra e os chifres em espiral, caminhava a seu lado, amigo, a lhe fazer companhia.

De vez em quando, o menino lhe passava as mãos na lanugem espessa, só cortada no partir das chuvas, a fim de que o bichinho não sofresse demais com o calor. Para que sela, se de natureza era fofo o dorso do animal? Caso, entretanto, o montasse antes de atravessar a rua da esquina, Mimoso refugava e tornava desabalado para casa. Por isso, só no meio da outra quadra é que o menino subia no carneiro e se mandava num trotinho para as aulas.

Mimoso ficava no pátio da escola. Solto. Com o focinho dentro de um saco cheio de milho, para que não fosse mastigar o que os garotos deixavam dos arbustos, nem, na hora do recreio, os livros e os cadernos encostados aos muros. Ao tocar a sineta, lá estava ele, ao pé da escada, a esperar o dono, que descia os degraus, com os demais, às carreiras.

O regresso começava num andar preguiçoso, como se ao animal faltassem forças para carregar o menino magrinho. À medida, porém, que a rua se fazia conhecida, a marcha acelerava-se em trote, e o trote no que seria um galope, não se tornasse de supetão num veloz agitar de pernas, sem forma e compasso, e tão sacolejante, que o menino saltava do carneiro, para evitar o tombo. Corria, depois, atrás dele, sem conseguir alcançá-lo, a não ser já ao portão de casa, quando Mimoso dava meia-volta e vinha ao seu encontro.

O menino, num abraço, lhe dizia: maluco! E empurrava suavemente a testa contra a testa do carneiro, a perguntar-se por que um bicho tão lindo, um enfeite do mundo, não estivera presente, com o burro e o boi, ao nascimento de Cristo. Alguém de casa, devoto do santo, contou-lhe que São Francisco de Canindé também dera pela falta, e tanto, que, em homilia

diante de um presépio, não dissera Belém, mas balira a palavra, fingindo de cordeiro.

No estábulo, com Jesus, Mimoso estaria tão a gosto quanto no quintal do menino. Talvez desse os mesmos pinotes inesperados. E mordesse a roupa na corda. E marrasse repetidamente uma lata velha, a despertar a Mãe do outro Menino, que também dormia a sesta.

Começara, havia pouco, a sessão dos sábados do grêmio literomusical. Todos tinham cantado, a várias vozes, “A casinha pequenina” e ouviam um rapazola do ginásio dissertar sobre a ocupação do território brasileiro. Quando o colega, ao ponto final, ergueu os olhos do papel, o menino, do seu canto, reclamou o esquecimento, entre os bandeirantes, de Fernão Dias Paes Leme e perguntou se o deixavam falar sobre ele. Subiu ao estrado, meio arrependido, e começou a contar, primeiro com timidez e cuidado, e depois com solto entusiasmo, a história feroz da bandeira das esmeraldas. Falava alto e com a eloquência dos comícios. Comovido e arrebatado. Na ponta dos pés, que seus dez anos pareciam oito, tão pequeno era, e pálido, e franzino, e olheirento.

Fizeram-no, depois disso, uma espécie de orador oficial do colégio. Exibiam-no nas festas e nas solenidades, a dar-lhe à ultima hora o mote do discurso. Dele só queriam improvisos, que a memória desentranhava da *Biblioteca internacional de obras célebres*, da *Antologia nacional*, de Fausto Barreto e Carlos de Laet, da *Crestomatia cívica*, de Radagásio Tabora, dos livros de Lobato, Mário Sette e Paulo Setúbal e de dois álbuns em quadrinhos, publicados pelo *Suplemento Juvenil*, com biografias de grandes homens. Numa de suas páginas, viu Edison a acender a primeira lâmpada elétrica e, noutra, as paliçadas de Palmares.

Quando lhe pediam que falasse de um tema sobre o qual pouco sabia, o menino, sem falsidade, inventava. Não seriam esses os seus melhores discursos, mas tampouco os piores. Nunca havia visto uma catedral de verdade, mas desatava a palavra das pedras e dos vitrais, das torres e da nave, e lá ia, a imaginá-la, em clarões como os que lhe magoavam os olhos, a pô-la no centro do jardim e da cidade, a dar-lhe velame e remos. Cada palavra era um início de assombros. O súbito puxar de uma noite estrelada. Podia estender cada uma delas sobre a armação de varinhas de taquara e soltá-la, pandorga, ao sonho e ao vento. Ou dobrá-la, como folha de jornal, na forma que quisesse — boné, barco, pássaro, ventoinha e ventarola — ou como sobrecarta, para guardar segredo. Para ele próprio era causa de espanto a facilidade com que as ideias lhe vinham, à medida que falava:

mal dizia um vocábulo, outros logo chegavam para copar uma árvore. Tudo tocava outra coisa, com feição de infinito. Ao falar, era como se alguém rezasse dentro dele. O mundo tinha as mãos cruzadas e de palavras os dedos.

A mãe do menino: — Nem me falem nisto! Não vou deixar que me quebrem os ladrilhos e me escavaquem a copa, à procura de um tesouro encantado!

A primeira ama: — Mas, madrinha, há três noites que eu sonho com o frade, e ele me diz que enterrou, no lugar onde está a cristaleira, uma botija com moedas de ouro e prata.

A segunda ama: — Eu também, madrinha, eu também sonhei com um grande pote de barro cheio de ouro. Pode ter sido escondido debaixo da terra, na época dos holandeses. Temos de encontrá-lo, não só porque deve conter uma fortuna, mas também para dar alívio à alma do frade, que não encontrará repouso enquanto não for desenterrado o ouro.

A cozinheira: — Sobretudo se na botija houver alfaias de igreja.

A mãe do menino: — De jeito nenhum. Não vou esbandalhar a copa por causa de sonhos nem de pesadelos. E, por favor, parem com essas histórias, antes que a casa ganhe fama de mal-assombrada.

A cozinheira: — E não é?

A mãe do menino: — Não é o quê?

A cozinheira: — Mal-assombrada, ué! Daquela banda do jardim, quando faz lua, vem, às vezes, o choro de um menino pagão. Outro dia, e foi a Senhora mesma quem notou, cheia de medo, ouviu-se, por um tempão, um sapateado no forro. Na mesma noite em que morreu aquela sua companheira de sanatório, conforme a Senhora soube mais tarde.

A mãe do menino: — Isto foi outra coisa. Talvez um fenômeno mediúnico. Um aviso. E eu não tive medo algum. Fiquei apenas preocupada. Podia ser um vampiro. Ou um ladrão.

A primeira ama: — Mas que alguém sapateava lá em cima, sapateava. Não era barulho de morcego. A madrinha baixava de todo o rádio, e o baticum se interrompia. Punha de novo a música, e se ouvia de novo o ruído ritmado.

A cozinheira: — A morta dançava. Está claro que dançava.

A segunda ama: — Vamos continuar a ter o sonho com o frade ou receber algum castigo. Não se brinca com alma penada.

A primeira ama: — Veja a madrinha que o chão cedeu um bocado embaixo da cristaleira. É sinal de que o tesouro está ali.

A mãe do menino: — Com sinal ou sem sinal, não quero picaretas a me quebrarem a casa. Ainda menos de noite. Mandem rezar uma missa pelo frade. Eu pago.

(O filho da jovem senhora disposta a pagar a missa ouvia a conversa, cotovelos sobre a mesa, o lápis na boca, a pedir inspiração para o desenho. Se tivesse de pôr um fantasma no papel, não seria a sapatear ridiculamente nem a vir com histórias de tesouros que, enterrados em potes, moringas ou talhas, se transformavam, à luz do dia, em carvões. Por que seria que as almas, antes de se despregarem dos corpos, tinham pudor e inteligência, e depois só voltavam do além para fazer tolices, como empurrar copos, atravessar paredes e arrastar correntes? Não havia nada naqueles espíritos de que se falava na cozinha e na rua que os aproximasse dos que o menino via nas gravuras de Doré para *A divina comédia*. E não apenas os alados de luz, nas cenas do Paraíso, mas até mesmo os retorcidos de dor, no Inferno, a se mudarem em árvores ou sob o açoite dos demônios. O menino gastava-se com o grande livro no colo, a ver as almas que o vento ia arrastando em turbilhão, e as mergulhadas até a testa no grande lago gelado, e as que mal conseguiam erguer o torso de seus sepulcros em fogo. Eram assim as sombras dos mortos e não, gaiatas, em saltos de trapézios. Ou a propor-nos barganhas. Ou a pedir-nos missas e rosários. A morte devia limpar-nos de mesquinhas e enfeites. E devolver ao pecador e ao santo a beleza calada ou o falar só em versos.)

Todos foram dormir inquietos com a notícia do ataque japonês a Pearl Harbor. O tio-avô, ainda a ouvir o rádio, coçara a cabeça e dissera:

— Hitler perdeu a guerra. Pouco importa que os alemães estejam perto de Moscou e, com os italianos, a caminho de Suez. Eles não conseguiram domar a Inglaterra, cujo império continua inteiro, e, ainda que logrem chegar ao Kremlin, não terão fôlego para a ocupação de toda a Rússia. Os japoneses deviam servir-lhes de exemplo: há quatro anos atolam-se na imensidão da China. Agora, os americanos entrarão na guerra europeia, pois os nipônicos, embora lhes tenham destruído a esquadra do Pacífico, não dispõem de poder bastante para obrigá-los a concentrar todo o esforço bélico naquela parte do mundo.

De uma hora para outra, aumentara a galeria de vilões do menino. Hiroíto e Tojo punham-se ao lado de Hitler, Goering, Goebbels, Franco, Laval, Quisling e o Grande Múfti de Jerusalém. Mussolini, mais que um facínora, tinha cara e jeito de farsante e truão, e Stalin ia saindo pé ante pé da lista, e com um sorriso amarelo, porque fora forçado a trocar de amigos, pela traição dos alemães.

— Não sei como o Getúlio nos vai manter fora do conflito, arriscou um vizinho. A estudantada, amanhã ou depois, estará nas ruas, a pedir uma definição contra o Eixo.

Festejado o fim do ano, voltaram a Sobral. E, após uns dias na casa dos tios, seguiram para a fazenda de uma filha e genro deles, a menos de uma dúzia de léguas da cidade.

De madrugada, bem cedo, arrearam os cavalos. Os que levariam as mulheres, com uma sela própria, que lhes permitia a elas, em vez de escanchar no animal, montá-lo de banda, as saias compridas não lhes deixando à vista as pernas, a esquerda a envolver o arção, e a direita com o pé a apoiar-se no estribo. Para a criançada, sobraram os jumentos. Se os frangotes se encarapitavam nas cangalhas, os menores iam dentro de jacás, dois por jegue, um de cada lado.

Partiram num bom passo. Quando o trote dos jericos se amiudou, ao menino, dentro de sua cesta, pareceu que todo o corpo se desconjuntava. Procurou proteger-se, encolhido no fundo do balaio, mas este batia contra os flancos do jumento, a baixar e a subir, num balanço interrompido por arrancos e trancas, sacolejos e socos. À medida que atravessavam a manhã, a luminosidade e o calor lhe partiam a visão em pedacinhos, num prenúncio de enxaqueca, e a poeira lhe secava os lábios e tapava as narinas.

Mal conseguia manter-se em pé, ao chegarem. Estava cego e surdo. Esbagaçado por fora e por dentro. Vivo, porque sentia a dor feroz desde o alto da cabeça até os dentes, tendo por sol uma das órbitas. Apoiou-se na anca do animal e pôs o estômago para fora.

Uma estrada, por onde só costumavam passar boiadas, pequenas tropas de burros e jumentos, viajantes e vendedores a mula ou a cavalo, carroças, moradores com enxada às costas e lavadeiras a caminho do açude, cortava a fazenda em duas.

À margem do caminho, estendia-se, comprida e baixa, com um longo alpendre a dar sombra a quase toda a frente, a casa-grande, pintada de um amarelo desmaiado e cercada por amplo terreno, limpo de qualquer mata rasteira, um chão ocre cuja dureza só era vencida por algumas árvores altas e copadas, nas quais se amarravam as alimárias. Do outro lado da via, erguia-se uma outra casa, menor, a do administrador, com os cunhais, as molduras dos vãos e os rodapés pintados de azul, a interromperem um branco velho, manchado e encardido.

Na fachada da sede da fazenda, havia várias portas e numerosas janelas, janelinhas e janelões. O edifício inicial sofrera sucessivos acréscimos, cada novo recinto ou conjunto de cômodos a ligar-se ao resto da casa e a abrir-se para a estrada. Após as duas grandes salas e a série de quartos de dormir, enfileiravam-se as portas da selaria, das tulhas de arroz, milho, farinha de mandioca e feijão, da queijeira, do armazém de cera de carnaúba e do depósito de ferramentas, até a esquina, onde a parede se quebrava para o armazém, que fornecia de quase tudo aos moradores e à gente da vizinhança. Passadas as três portas da venda, a tomarem quase todo um lado do casarão, dobrava-se para os seus fundos por uma parede cega, a formar, por bom espaço, a traseira do prédio, até que este voltasse a apresentar as janelas dos aposentos de empregadas e outra ampla varanda, com um telhado baixo, a proteger da luz e do calor externo a sala de almoço, a cozinha e a copa.

A duas centenas de metros da casa-grande, ao longo da estrada, ficavam os currais. Vários. De alambrado e de pau a pique. O das vacas que davam leite e o de seus bezerras. Um para as reses prenhas e este para as novilhas. O de esteios mais fortes, fincados juntos e amarrados por arame com farpas, continha o touro, e noutros separavam-se os bois, as matrizes

de raça fina, as fêmeas brigentas e as xucas. Havia cercados, com telheiro, para os cavalos, as bestas e os jumentos.

As pocilgas e o galinheiro situavam-se atrás da casa. Só se guardavam, neste último, além dos perus, as poedeiras de raça e as aves de engorda. As outras ciscavam, livres, por toda a parte, iam pôr e chocar os ovos às escondidas, tomavam sumiço e reapareciam à frente das ninhadas. Soltos e sem outro cuidado que não o de jogar-lhes, de manhã e de tarde, da varanda traseira, mãos-cheias de milho, iam-se reproduzindo os capotes, os patos, os marrecos, as garnisés, as galinhas pretas e de pescoço pelado, as calçudas, as carijós, as vermelhas, as caipiras ou raceadas de americanas e umas tão nanicas que mal ultrapassavam o volume de um pombo.

Junto à sede da fazenda, havia outros pequenos prédios: a casa de açúcar, com moenda e alambique, a casa de farinha e a fábrica de cera. Espalhadas, desde quase o terreiro do casarão até o bem fundo dos carnaubais, levantavam-se as moradias dos agregados, de barro socado, cobertas de telha ou de palha, o chão de terra dura, as fachadas com porta e duas janelas, tendo, nos fundos e lados, pequenos mandiocais, roças de feijão, milho e pimentas, bem como, em alguns casos, um chiqueirinho ou um redil de cabritos.

Quem olhasse das salas da casa-grande, via, na outra margem da estrada, a ladear a residência do administrador, uma caatinga densa, baixa, feia e hostil. Para iluminar-se com a mistura de verde, castanho e azul de uma paisagem em que sobressaíam os mastros alongados das carnaubeiras, de palmas no alto a imitar cata-ventos, era preciso pôr os cotovelos no peitoril da janela, esticar o pescoço e volver o rosto para cada um dos dois lados. Nada parecia maior ao menino. Nem mais lindo. A não ser o mar. Mas por este, à tardinha, não voltavam as reses de pastos mais frescos, com os vaqueiros, a cavalo, a aboiá-las.

Abriam-se as cancelas dos cercados e, com uma habilidade que era quase dança, separavam-se vacas e bois por destino, antes de empurrá-los para dentro, às carreiras e aos tropeções. Custavam as reses a aquietar-se, movendo-se em círculo nos cantos dos currais. Depois, a calma as espalhava em pequenos grupos, uma que outra preferindo o isolamento. Esta parecia dormir em pé. Aquela, dobradas as pernas, acomodara o ventre

no chão de esterco endurecido, e, na noite ainda clara, o lápis do menino a desenhava, os longos chavelhos muito abertos, como se fora um grande bloco de pedra, tendo no alto a lua.

Sempre que lhes permitiam o uso dos animais, lá estavam o menino e os primos montados a cavalo. A trote, em frente de casa. A galope, quando se libertavam dos olhares dos adultos. Para o menino, o encarregado punha sela, brida e freio na mansidão de um cavalinho crioulo, branco chuviscado de preto, de crinas curtas e carreira macia. Era nele que o menino perseguia os primos, senhores de cavalos mais ariscos e velozes, como o tordilho alto, lindo de olhos e narinas, o alazão traiçoeiro e o murzelo escoiceador.

— Cuidado com os galhos baixos das árvores! — gritava um primo, deitando-se de lado.

— Cuidado com a lombá! — avisava um outro, e o menino prendia as mãos com força no arção da sela, os cabelos como asas, ensopados de vento, as pálpebras felizes, o corpo num salto que não findava em terra.

Se os cavalos não estavam disponíveis, lá ia a garotada em busca dos jericos. Punham neles apenas um cabresto de corda, antes de montá-los em pelo, para um passeio diferente, com atiradeiras nos bolsos e gaiolas e arapucas amarradas nos braços por barbantes.

Chegados a um lugar que pressentiam passarinho, peavam os jegues e dispunham as pequenas armadilhas em tocos e forquetas de árvores ou junto a moitas rasteiras e no campo aberto. Deitavam-se no chão, à espera, imóveis, pacientes, a adivinhar os pios e os trinados das aves, a pedir que lhes viesse comer o alpiste dentro da caixinha de vime um canário-da-terra, um sabiá, uma rolinha, um bem-te-vi, um papa-moscas, um bichinho qualquer de bico e asas.

Quase nunca usavam os estilingues contra as aves. Como não atiraram nelas, no dia em que o primo mais velho trouxe uma espingarda, dessas que se carregavam pela boca — primeiro a bucha de palha, depois a pólvora e, por fim, os chumbinhos. Socado tudo, e bem-socado, com uma varelinha que acompanhava a arma, firmou-se a espoleta no pino da culatra, onde, apertado o gatilho, bateu o cão. Saiu uma fumaceira da lazarina e as bolinhas prateadas chuveiraram no matagal em frente. Com o estrondo, não houve passarinho que ficasse na área, e os garotos voltaram para casa, macambúzios, de gaiolas vazias.

Nem sempre era possível conservar a avezinha caída na arapuca. Havia galos-da-campina que se acostumavam à prisão. Outros punham-se tão arrepiados de tristeza, sem comer e sem beber, que logo os soltavam. Um dia, na armadilha do menino entrou um pássaro grande, negro e amarelo, pouco maior que um corrupião. Disseram-lhe ser um xexéu e que não se resignaria ao cativo. O bicho não estranhou, porém, o exílio da gaiola. E se fez tão mansinho, que o menino lhe abria a pequenina jaula e ele vinha passear no seu braço. Nunca imitou os outros passarinhos, como em liberdade. De seu bico só saía o monótono “xéu”, o canto próprio e feio de um japim.

Os moradores utilizavam varas longuíssimas, algumas com mais de oito metros, tendo na ponta, muito bem presa, uma lâmina que se movia ao puxar de um cordão igualmente comprido. Com cuidado, eles cortavam pela base as hastes das palmas das carnaubeiras e as iam acumulando em pequenos montes. Uns rapazolas separavam com catanas o leque do cabo, punham as grandes folhas sobre as cangalhas dos jericos e as levavam para a fábrica de cera.

Nesta havia uma sala grande, de telhado baixo, com mais vigas do que exigiria sua sustentação. Das traves desciam, pendurados por duas cordas, os balangandãs, ou conjuntos de paus roliços, de madeira muito dura, atados uns aos outros, a formar uma espécie de placa, sobre a qual se dispunham, abertas ao meio, as palmas de carnaúba. Dois homens, um de cada lado, batiam no balangandã com porretes, a fim de despregar das folhas a pequena quantidade de pó que continham. De tanto em tanto, passava-se a vassoura no piso cimentado, para recolher o fruto da pancadaria.

Ao terminar a faina, sacudiam-se as roupas dos caboclos, que tomavam um banho rápido, sem sabão, numa espécie de chuveiro — uma lata grande em cujos fundos se tinham feito numerosos furinhos. A água do banho, escorrendo por um canaleta, ia dar num recipiente de cobre, que era posto ao fogo, até a evaporação total. Aproveitava-se, assim, quase todo o pó que saía das palmas, para comprimi-lo nos tijolos amarelo-esverdeados de cera de carnaúba.

O marido da prima acompanhava todas as operações. A produção de cera era o seu principal negócio. E esperava que viesse a ser também o de seus filhos. Por isso, saía fazenda afora a enterrar os bagos roxo-negros que pendiam em cachos das carnaubeiras.

— Vão se passar uns dez anos para de suas folhas sair cera — dizia, ao ver um broto novo. — Mas, se meu avô e meu pai não tivessem aumentado os carnaubais nativos, eu hoje não seria dono desse imenso palmeiral.

As folhas que secavam no pé, antes da fase produtiva, e as que eram sovadas nos balangandãs serviam para fazer esteiras, abanadores e chapéus. Sobretudo chapéus, que as mulheres entreteciam carinhosamente, sentadas no chão ou em tamboretas, à porta de suas casas e mocambos. Começavam do miolo da copa, dando os nós finais na curva exterior da aba, rematada com uma tira de pano. Do mesmo pano, algumas vezes gorgorão, era a fita com laço batido, que envolvia a base da copa. Pronto o novo chapéu, era ele enfiado num outro, do mesmo tamanho, a formar pilha de uma ou duas dúzias, que a mulher, metendo o de debaixo na cabeça, ia equilibrando até o armazém, onde os trocava por cupons equivalentes a mercadorias.

Umhas poucas dentre elas ajudavam na manufatura do queijo. Parte do leite que se ordenhava era vendido para fora, em grandes vasilhas metálicas, que um caminhão vinha buscar duas vezes por dia. A outra ficava na fazenda, não só para consumo da casa-grande e das crianças dos moradores, mas também para queijar.

Colocado numa grande tina de madeira, o leite recebia o sal e o coalho — uma coisa que ao menino parecia nojenta, meio saco de pano, meio víscera de boi. Quando o leite se tornava massa gelatinosa e se podia cortar à faca, colocavam-no em prensas, grandes blocos de madeira nos quais se tinham escavado formas cilíndricas, do tamanho desejado de queijo. Apertava-se um grosso parafuso vertical, também de madeira, e a sua base, uma prancha redonda, de diâmetro um nada menor do que o da fôrma, comprimia o leite coalhado, fazendo escoar o soro por um orifício. Pouco mais tarde, tornava-se a arrochar o que já era um quase queijo e que, dois ou três dias depois, se punha a descansar numa das várias prateleiras existentes nas paredes da queijaria, ou se levava à cozinha, para curar na fumaça.

Bastava abrir-se a porta da sala dos queijos, para ser banhado de mau cheiro. Um cheiro de pé sujo. Ácido. De dar engulhos. De todo diferente do odor enjoativo, adocicado, quente e oleoso da casa de açúcar, uma engenhoca da qual saíam cachaça, melado, rapadura e mascavo, tão somente para consumo da fazenda e oferta a varejo a vizinhos e passantes. Purgava-se também um pouco de açúcar branco, usado em confeitos e no chá de paridas e doentes.

Não menos fedorento era o aproximar-se do secador de carne de sol e seu anexo, onde os couros de boi e as peles de cabrito, carneiro e diversos tipos de lagartos esperavam a hora de serem curtidos. E malcheirosos, os arredores da cozinha, com os cortelhos dos porcos, onde se misturavam lama, comida e merda; e o galinheiro, que só recebia de mês em mês os açoites das latas-d'água, que não chegavam a lavá-lo de tanta plumagem e titica.

Já os currais dos bois, o menino não os tinha por assim tão fedidos. Parecia-lhe parte da felicidade da fazenda o odor que deles emanava, de sol a secar a bosta fresca, e a urina e o leite sobre ela derramados, e de vento a bater o feno, o farelo, o suor de pelos, a água velha e a poeira. Ao cheiro dos currais vinha mesclar-se, já no pátio em frente à casa e longe das cancelas, o aroma forte da mangueira carregada de frutos mais do que maduros e o sussurro do mastruço, da erva-doce, das florzinhas bobas e do manjeriço.

Contava o menino, sentado no batente da porta, as formiguinhas que sumiam por debaixo do degrau, quando o mormaço lhe trouxe o pai, que, longe, na casa da avó, talvez lhe perguntasse a ela, da cadeira de balanço, onde fora parar o filho, que não vinha pedir-lhe, neste início de tarde, um desenho, um cafuné, um abraço de colo. Depois, levantando-se contra o céu seco e amarelo — não chovia há muitos meses e o azul distanciava-se no excesso de luz e na poeira —, o pai veio caminhando, pelo pátio da fazenda, para perto do menino, os olhos fundos no rosto comprido, os cabelos cinzentos, os ombros muito estreitos e caídos, os braços cruzados e as pernas magras a se desenharem no pano do pijama. Subitamente, parou, olhando o chão e os currais vazios de bois, e foi-se para o distante alpendre, onde, com as flores no primeiro plano, era visto abaixando-se e recolhendo um barbante. O menino não queria retê-lo neste gesto repetido, o de enrolar um cordão e guardá-lo no bolso, nem se encostar, encolhido, aos pés do pai calado, ou a ler em voz alta para dentro de si mesmo — “*Quand je descendais les Fleuves impassibles*” — e para as oíças do menino, em quem as palavras floriam sem a cor do sentido. Nem desejava repetir o dia em que lhe pediu que lhe ensinasse o soneto, porque aos seus sempre faltavam ou sobejavam linhas, e o pai lhe replicou:

— Eu já não faço sonetos e nem escrevo versos, pois o que sobra do céu que me foi dado

*é este pouco de febre e aflita espera
de um instante em que o sonho se faz claro
nas pálpebras fechadas para a terra,*

*quando perco o que tinha, por herdado
de mim mesmo, a manhã que cobre a relva,
o galope do sol, o jogo raro
entre o que está e aquilo que em mim era.*

*Não vejo mais imagens repetidas
e a beleza recolhe as suas vestes.
Das palavras que digo, o que era vida*

*é simples eco. Mas espero, inquieto,
no roçar de um momento que me fira,*

sentir o rio que flui no mar aberto chegar-se a mim, como chegava antes. E ouvindo-o, a saudade pedia ao menino um pai que ficasse bom, que sarasse, que fosse como os outros, que vestisse o paletó, apertasse a gravata, pusesse o chapéu e saísse para o trabalho, as livrarias e os cafés, a sorrir como os outros, o pai que não sorria nunca e carregava o exílio e o cárcere consigo, que fazia o menino chorar o não ter sido e, pobre de pedir, o não ter tido, e agarrar-se aos seus joelhos, a implorar-lhes, ó meu pai, ó meu pai, um destino que fosse o avesso deste e não dilacerasse, ao negar-lhe a presença de quem ali presente, um frágil corpo, sozinho — se o pai não ria, deixara de ter lágrimas —, à espera da morte, da morte que talvez, há tanto tempo, estivesse com ele, sem completar o abraço.

Quer se entrasse pela porta da frente ou a da cozinha, passava-se do esplendor de uma luz dourada para uma ausência escura. Pela manhã e à tarde, a casa-grande permanecia quase toda fechada, para embalar e adormecer o calor, e só pouco a pouco os olhos começavam a distinguir, nas salas, as poltronas e o sofá de palhinha, a mesa de jantar e suas cadeiras, a fruteira sobre o aparador, os quadros do Coração de Jesus e do Coração de Maria e as manchas e rachaduras em paredes que não eram pintadas havia muito tempo. O chão da sala principal e o da alcova cobriam-se de tábuas corridas. Os demais cômodos tinham piso de tijolos e tão gastos, que era preciso, para controlar o pó vermelho que deles se soltava, umedecê-los, duas vezes por dia.

Toda a casa revelava um desleixo aseado. Na alcova havia uma cama de casal, um grande armário e um oratório cheio de santinhos. Nos outros quartos, quando muito, um guarda-roupa, cujas portas, se abertas sem cuidado, deixavam despejar-se tudo o que nele se acumulava sem ordem, roupas sobre caixas, caixas sobre sombrinhas, sombrinhas sobre outras caixas, e amarrados, e embrulhos, e toalhas, e bordados, e almofadas, e rolos de documentos, e sachês de perfumes conflitantes. As redes de dormir dependuravam-se, enroladas, dos armadores. E, nos cantos dos aposentos, havia, quase sempre, pilhas de baús, caixotes e caixas. Até onde alcançassem o espanador, a vassoura, o rodo e o varejão com plumas na ponta, tudo era limpo, varrido, lavado e areado. Sem que houvesse o menor gosto pela arrumação. Deixavam-se as coisas pelo caminho. Se alguém tinha de guardar um frasco de água de cheiro, abria qualquer gaveta de móvel e empurrava o vidro para dentro. No momento de procurá-lo, ao não acudir a memória, começavam os gritos, ordenando às criadas que revirassem tudo e trouxessem o que se queria.

O menino não estranhava o desmazelo na casa-grande, apenas um pouco maior do que aquele a que se acostumara na cidade. As pessoas eram donas de terras, gado, comércio, diplomas e um sem-fim de serviçais, mas as suas residências quase não apresentavam recheio e tinham a cozinha acanhada, a sentina e o banheiro muito escuros — em geral, e até mesmo

nas grandes casas, só havia uma retrete e um só quarto de banho —, com a única abertura lá no alto da parede e uma lâmpada no meio do teto. Contavam-se as moradias recém-construídas em que os banheiros seguiam o modelo divulgado pelos filmes norte-americanos: claros, azulejados, com vasto espelho e pia de banca de mármore. A moda das cozinhas-copas, amplas e bem-iluminadas, custaria ainda mais a pegar: não existiam na terra os limpos fogões a gás; cozinhava-se a lenha ou a carvão — a cinza, a fuligem e a gordura a enegrecerem piso, teto, portas, janelas e paredes e a porem ranço em tudo.

Os grandes luxos na casa da fazenda eram o chuveiro e os lavabos com água encanada. Retirava-se e suspendia-se a água do poço, com um cata-vento, até a caixa acima do teto. Na ausência de brisas, ou sendo estas muito calmas, recorria-se a um gerador a óleo, que raramente se ligava para iluminar a casa. Nas noites comuns, acendiam-se lamparinas, candeeiros e velas. Os adultos vinham para a varanda, conversar. As crianças brincavam no pátio ou contavam as estrelas.

O reinício das aulas trouxe uma surpresa: o menino fora, no colégio, promovido a tenente. Passou a usar talabarte e galões com uma fita azul nos ombros, e a responder pela disciplina da classe, o que não deixava de ser irônico, pois era o menor e o mais franzino dos colegas. Duas vezes por semana, depois do recreio, tinha de formar a turma, para os exercícios de ordem unida e para a instrução pré-militar, durante a qual um sargento exibia aos garotos vários tipos de armas e lhes ensinava como fazer um penso e imobilizar uma perna ou um braço partidos.

Só se falava na guerra. Um dos irmãos do menino tinha sido mobilizado no Rio de Janeiro. E um primo simulara surdez, para evitar o Exército. Tão bem fingiu, e por tantas semanas, que, após a dispensa, continuou mouco ou a ouvir quase nada.

Se alguns tinham medo, a maioria não poupava a indignação contra os alemães, cujos submarinos torpedeavam navios brasileiros. O menino imaginava os sobreviventes nos escaleres ou dramaticamente nadando até eles. E recordava o relato, tantas vezes repetido pela mãe, do naufrágio que sofrera junto com a avó, ao largo do litoral da Bahia, quando regressavam de uma viagem do Rio a Manaus.

Fora alta noite. As duas acordaram com os apitos do vapor e os brados de que o navio estava afundando. Saíram do camarote em camisolas, caladas de aflição, e correram até as escadas que conduziam ao convés. Os oficiais e os marujos procuravam manter a calma e orientar os passageiros para os botes salva-vidas, que, cheios, baixavam ao mar. O capitão tinha pressa em vê-los distantes do navio, por temer a explosão das caldeiras. E gritava as ordens:

— Remem para o mais longe possível! Cada tripulação é responsável pelos passageiros em seu escaler. E só por eles. Se alguma embarcação virar, os que vão nela que procurem agarrar-se ao seu casco e ali fiquem à espera de socorro. Não tentem nadar para outra baleeira, pois nenhuma delas pode receber um passageiro a mais que seja, e o oficial que a comanda tem o dever de atirar em quem tentar abordá-la.

A avó e a mãe começaram a rezar para que bote algum emborcasse ou fosse a pique. Já anteviam os marinheiros a bater com os remos na cabeça dos que se aproximavam, a implorar que os recolhessem, ou o oficial a matar a revólver os que, entre duas braçadas, pediam que os salvassem pelo amor de Deus. A noite não as deixava ver os outros barcos, e as vozes que deles vinham se foram embora.

Ao amanhecer, não viram senão o mar. Tinham água e bolachas para uns poucos dias. Mas nenhuma proteção contra um sol que lhes mostrava juba, mandíbulas e garras. A marujada e alguns passageiros revezavam-se nos remos, a conduzir o salva-vidas no rumo da terra. Com os olhos no céu, a temer as nuvens, o mau tempo e as ondas altas, remavam.

O crepúsculo não lhes trouxe a visão de praias. Sem elas passaram a noite, e a manhã seguinte, e o meio-dia.

Ia-se a tarde, quando avistaram uma linha verde. Velaram, abrigados na esperança. No avançar da madrugada, os remos, com pressa, foram aumentando o tamanho dos coqueiros.

Desembarcaram, com o sol no meio do céu. Exaustos. A doer de queimados. O couro cabeludo, as pálpebras, as narinas e os lábios como se estivessem em chagas. A mãe, a avó e as outras mulheres, de camisolas coladas ao corpo pela água do mar. Alguns homens, de pijama. Outros, de cuecas. Na praia, a buscarem a sombra dos coqueirais, onde se deitaram.

Ao acordar, souberam que um tripulante havia subido nas palmeiras, em busca de cocos. Reanimados, tiraram a sorte para decidir qual das duas direções ao longo da linha das ondas tomariam. E começaram a caminhar, sem ver um resto de barco, uma tapera, uma pegada. Só após dois ou três dias de marcha, deram com um aldeota de pescadores.

A mãe explicava que alguns dos sobreviventes dos torpedeamentos alemães poderiam ter ido parar naquele mesmo trecho de praia baiana, depois de terem experimentado o mesmo medo, a mesma angústia e a mesma estraçalhante esperança. Não era preciso a coincidência dos milagres, para que entre eles pudesse haver uma outra mocinha, a pensar na tristeza de morrer tão jovem e no seu piano novo, que afundara com o navio.

O rapazola, correndo, gritava:

— Estão quebrando todos os negócios dos alemães e dos italianos! Estão saqueando tudo!

Outro navio brasileiro fora torpedeado. Os jornais estavam cheios de relatos de passageiros e tripulantes que haviam visto o submarino alemão surgir à tona e recusar auxílio aos que, nadando, buscavam as baleeiras. A indiferença dos marinheiros nazistas, de pé sobre o casco negro, ante o desespero dos naufragos, tornou-se o principal tema dos discursos com que os estudantes, na véspera do quebra-quebra, pediram a guerra. O menino estivera no comício, de bandeira na mão, com um grupo de colegas. E só a custo se contivera e não subira ao palanque, para falar também.

Com tanto rodar da espora, o povo desembestou. Mal começara o dia, a rapaziada, reunida em frente às empresas alemãs, deu início às vaias. Alguns estabelecimentos tentaram fechar as portas. Os manifestantes reagiram com a invasão e o saque. Logo, todo o centro da cidade viu-se tomado pela violência e a festa, com grupos a cantar o Hino Nacional e outros a correr atrás de alemães e italianos, que a polícia acolhia, não sem aplicar-lhes, de passagem, um, dois ou três bofetões. Cobriam-se os passeios com papéis das gavetas esvaziadas pelos populares, e queimavam-se nas ruas as bandeiras da Alemanha, da Itália e do Japão e retratos de Hitler e Mussolini, arrancados das paredes. Os bombeiros tiveram de apagar uns poucos inícios de incêndio. De muitas lojas não restaram sequer as prateleiras.

O menino, sentado no muro de casa, assistia ao desfile de gente com pacotes de remédios e de brinquedos à cabeça, com caixas de sapatos debaixo dos braços, a empurrar bicicletas e a trazer de arrasto trouxas cheias de quinquilharias. Passaram mulheres com cadeiras, e dois moleques carregando uma escrivaninha. Um senhor de idade, engravatado e de chapéu, trazia, abraçadas, duas máquinas de escrever. Outros vinham de mãos abanando, mas com o ar feliz de quem havia infligido um corretivo e tomado vingança.

O quebra-quebra não deixou de atingir quem não tinha nada a ver com a Alemanha ou dela fora até mesmo vítima. Ter um nome arrevesado na tabuleta ou pintado na parede bastava para convidar ao ataque. A multidão arrombou e pilhou negócios de uns poucos suecos, holandeses e polacos e de vários judeus asquenazitas — os sefardins usavam nomes de gente —, entre os quais o coitado de um vizinho do menino, que conseguira evadir-se da Europa ocupada.

À noite, ele apareceu, para ouvir rádio, com uma grande estrela amarela aplicada ao bolso do paletó. Não queria que o confundissem com alemão. Era judeu e, pronto, pela primeira vez usava a estrela para proteger-se e como emblema de honra. Se chegara consternado com os prejuízos, as notícias da guerra logo o alegraram: os russos pareciam ter conseguido conter a nova ofensiva nazista, os chineses reagiam, os britânicos bombardeavam a Alemanha, os australianos opunham enorme resistência aos japoneses na Nova Guiné. Tudo isso compensava os avanços dos boches e dos italianos na África do Norte e as vitórias dos nipônicos nas Filipinas, em Java e na Birmânia.

Na casa da avó, além da jovem tia solteira e da priminha órfã, passara a viver uma outra prima, filha daquela senhora que gastava os dias a fazer e a provar licores. Também a mãe do menino assumira os cuidados de um guri de menos de um mês, cujos pais não conhecia, e de uma nenenzinha que a lavadeira lhe confiara, antes de falecer. A família fora, além disso, aumentada de uma casa em frente, para a qual se mudara, vinda do Amazonas, uma filha de criação da avó.

Essa moça deixara o marido por não concordar em dividi-lo com uma segunda mulher. Saíra de casa sem decisão judicial e sem arranjos no papel, com seus dois garotos, de dez e oito anos de idade, pelas mãos. Pequenina e suave, nem mesmo esse rompimento com as normas de seu mundo faria prever a força determinada com que se recusou à renúncia da paixão da juventude. Contou os anos como se fossem dias. Sem sequer mencionar o nome do marido. Certa manhã — tinham-se passado quase trinta anos —, soube que ele adoecera, que estava grave, que ia morrer. Tomou um avião de volta à terra. Pôs-se à espreita. E, ao receber a notícia de que entrara em agonia, correu ao juiz, com documentos e testemunhas, e disse-lhe:

— O meu marido acaba de falecer na casa da amásia. Sou a esposa legítima e quero recuperar o corpo.

Levou-o do quarto da mulher com quem, à distância e em silêncio, em segredo e com rancor, jamais deixara de disputar o seu homem. E fez-lhe o enterro, de luto fechado.

Lá vêm as mocinhas de bicicleta! Seis, oito, dez. Os cabelos longos, no ar, a bater contra os ombros. O movimento das pernas a pôr sombras nas saias coloridas. Vêm em grupo, velozes, um bambuzal ao vento.

Junto aos canteiros da praça, deixam de pedalar, descem dos selins e, com as mãos nos guidons, lindas, a rir e a conversar, conduzem a pé e de lado as bicicletas, cujas rodas lhes acompanham, girando, o ritmo dos passos. Nesta e naquela, as florinhas do vestido estampado continuam o jardim. Uma outra parece sair da escola, de blusa branca e saia marinho. E a que usa um chapéu de palha fina, preso por uma fita ao queixo e caído da cabeça para as costas, veste amarelo.

Uma delas, de frente-única axadrezada, encosta a bicicleta a uma árvore e corre para o homem que vende algodãozinho. Fora a primeira a avistá-lo e quer ser a primeira a fingir que morde a nuvem de açúcar. A vaia a acompanha na carreira. E ela, em resposta, a simular outra intenção e rumo, vai para junto do menino, que as contempla, sentado num banco, prende-lhe o rosto nas mãos, morena e sorridente, e o beija na boca. Depois, rápida, entre aplausos, corre de volta para junto das companheiras, e lá se vão todas avenida afora. A última do bando quis olhar para trás e, ao voltar-se, tira uma das mãos do guidom e a põe no selim, tal qual, na lembrança do menino, ia a bem-amada sobre o touro, a mão esquerda a apoiar-se no seu dorso e a prender-lhe com a direita, firme, o corno.

Ele podia sentir o focinho molhado do auroque da gravura. E recordar as palavras que a explicavam, num poema antigo. Perdera, entretanto, as feições da mocinha do beijo, do quase mordisco breve e leve, mansa ternurinha irônica e cheia de felicidade. Teria querido, antes, o beijo da outra, a de chapéu de palhinha e vestido amarelo, ainda que fosse no rosto e não como aquele, na boca, e tão insosso pela surpresa, que teria de refazê-lo no coração, em sonho.

Trouxe-as de volta, as gurias de bicicleta, a remarem contra o ar, cabelos e saias esvoaçantes, cantando o riso e o movimento. E as fez partir de novo, com ele a pedalar veloz, levando no guidom, sentada, a menina de amarelo, que deixava cair para trás a cabeça, linda de alegria.

Havia as estações do caju, do cajá, da manga e do murici. Uma ou outra árvore podia dar frutos fora de época, mas era tão incomum como um grupelho de garotos a jogar cabiçulinha, enquanto todos os demais empinavam papagaios de papel. Ao verão das rodas de barril seguira-se o inverno da peteca, e a este, a quadra dos patins, até que, de súbito e sem explicação, toda a meninada os descalçara, cheia de vontade de andar de bicicleta.

Um dos vizinhos tirou do quarto de guardados a que nele tinha, esquecida, e pôs-se a dar lições aos companheiros. Em menos de uma semana, o pedaço de rua contava com meia dúzia de ciclistas, cujo número teria aumentado, não houvessem a avó e a mãe do menino resistido às pressões da garotada. A bicicleta, além de cara, era um perigo. As crianças saíam pedalando para longe das vistas dos adultos, a seguir a tentação do asfalto ou dos trilhos, e podiam ser atropeladas por um bonde ou um automóvel. Bom era ter a miudagem perto, e ruim, dar-lhes asas ou rodas. Enquanto os de casa tivessem que andar em bicicleta emprestada, pouco passariam dos limites do quarteirão.

A mais velha das irmãs do menino sofreu o seu bocado com a recusa materna. Ele, nem tanto. Se aprendeu a montar em bicicleta, não se afeiçoou a isto. Nem se sentiu diminuído por não ter uma em casa. Quando queria dar sua voltinha, sempre havia quem lhe cedesse o selim. Não fosse ele o único a quem se permitia fazer acampamento no quintal, com tenda e trempe para a cozinha.

A meninada fincava no chão as varas grossas, estendia as cordas e punha sobre elas o pano forte. Erguida a barraca e coberto o piso com esteiras, chegava a hora de juntar lenha, trazer água, prender o fogo e fazer comidinha, o picado de carne e jerimum com paçoca. Esta pedia tempo: pisava-se no pilão farinha torrada na manteiga, carne-seca, castanha de caju, ovo frito, cebola, coentro e sal. O menino fechava a cara se alguém sugeria, só por implicância, tripa de galinha em vez de carne-seca.

De vez em quando, um adulto aparecia na porta dos fundos ou espiava pela janela da copa, a fim de apreciar o comportamento da dúzia de

garotos e garotas que brincavam de acampar. A mãe ralhava, se via meninos caminhando sobre o muro, mas a zanga era em vão. As paredes grossas, em geral com mais de palmo de espessura, a separarem os terrenos, convidavam ao passeio, que quase podia alongar-se de um extremo a outro da quadra. Alguns garotos chegavam a correr sobre o muro, e outros fingiam, de braços abertos, ser precário o equilíbrio. O menino não era dos piores: subia de sapatos, enquanto os demais o faziam de pés nus.

Do muro, agarrando-se ao cano que ia dar à caixa d'água, o menino grimpava até ela. Após breve respiro, esticava-se para o telhado e ali se detinha por muito tempo, enviando com um espelhinho avisos a um amigo, este também com a mania de gastar as horas na crista de sua casa. Se não tinha com quem se comunicar à distância, o menino reparava ao redor, encantado com os triângulos, os trapézios e os losangos de telhas, cujo avermelhado se entremeava de copas de fícus, mangueiras, eucaliptos e abacateiros. Acompanhava também o voo dos urubus, a brisa nas roupas dependuradas nas cordas, o rodar dos cata-ventos. Seus olhos escolhiam entre os azuis do céu e viajavam.

No sonho de terras distantes, a praia era o quintal. Via, sentado no telhado ou no batente da porta da cozinha, os paturis e os marrecos, o pombal, o balde ao lado do poço, o carneiro num canto, ruminando, e um pedaço de tábua pintado vivo de laranja. Vinha o pai, de dentro de casa, com um livro na mão, e, quase em solfejo, dizia para tudo aquilo, para as coisas e o menino: "*Ces nymphes, je les veux perpétuer...*" E o menino, que começava a compreender ser mais fácil existirem muitos deuses que um só Deus, ouvia-os a dobrar e a desdobrar a tarde enorme. "*Aimai-je un rêve?*" — a voz do pai. Ou o eco.

Em grupos de três ou quatro, eles começaram a aparecer nas ruas, os soldados americanos. O que logo neles chamava a atenção eram os uniformes: amplos, de golas abertas e mangas curtas, sem talabartes, galões e perneiras. Em vez de quepe ou capacete, o bibico. Uma coisinha de nada, fita ou estrela, quase a não distinguir oficiais de praças.

A todos espantava a rapidez com que os americanos construíam os prédios da base aérea e as pistas de pouso para as grandes fortalezas-voadoras. Trabalhavam todo o dia e a noite inteira. Sem domingos e dias santos. E deram-se ainda mais pressa, depois da batalha entre sua esquadra e a alemã, ao largo das costas do Nordeste. O mar abafou os estrondos da luta, mas a notícia de que a guerra chegara tão perto, que estava ali, à soleira de suas casas, pôs, na alma dos locais, brio e medo.

De muitas bocas saíam previsões de um ataque alemão às bases que os americanos construíam em Fortaleza, em Natal e no Recife, pois não se ignorava que seriam plataformas para a ajuda aos franceses livres da África Equatorial, para uma nova tentativa de tomada de Dacar e para a invasão de Marrocos, dada por certa. Um irmão do menino fora mandado do Rio de Janeiro para Fernando de Noronha, onde as baterias antiaéreas estavam — ninguém o ignorava — de prontidão permanente. Começaram na cidade os ensaios de *black-out*: ao tocar estridente das sirenes, todas as luzes se apagavam.

A guerra não trouxe somente apreensões. Trouxe também novidades. Para o menino, a principal fora o *ice-cream*, o doce-gelado, tendo por base o leite, e que iria, por algum tempo, desbancar o sorvete de frutas. Mal os primeiros soldados americanos desceram na cidade, abriu-se a primeira loja de *ice-cream*, e logo outra, e mais outra, e outra mais. Uma, próxima à praça central, tinha três portas e mesinhas e cadeiras na calçada. Além de gelados de creme, chocolate, baunilha e flocos, vendia *hot dog*, *hamburger*, *milk-shake* e *popcorn*. Com exceção das pipocas, o resto, até aquele momento, era coisa de cinema. Do mesmo modo que as garçonetes de vestido cor-de-rosa e aventais e toucas brancas. Nos rádios, os tangos e a música francesa cediam o tempo aos *blues* e ao *swing*. E nas farmácias e

perfumarias, novos remédios, sabonetes, cremes e dentifrícios substituíam os produtos alemães e de Paris.

Quando não estavam de uniforme, os americanos usavam, para fora das calças, camisas amplas e coloridas, em contraste com o engravatado dos homens da terra, na sua maioria sempre de terno branco, cinza ou azul-claro. Não demorou muito para a rapaziada aderir à moda, embora, em geral, com camisas mais discretas, de um só tom pastel ou de risquinhas. Houve gente também que passou a mostrar, pendurado no cinto ou no chaveiro, um pé de coelho, o talismã dos gringos.

— Eu estava, você sabe, na sala de visitas da vovó, relendo *O guarani*, quando aquela prima da mamãe chegou mais o rapaz. Fechei o livro, com o dedo a marcar a página, e fui atrás da vovó. O rapaz vinha todo nos trinquês, de chapéu e tudo; a moça trazia um vestidinho caseiro, desses de ir comprar um novelo de lã ou uma caixa de maisena à esquina. Quando a vovó entrou na sala, o rapaz levantou-se, nervoso, e gaguejou umas palavras sobre tirar a moça de casa e trazê-la para abrigo e proteção. A prima da mamãe derramou o balde de lamúrias e queixas sobre a vovó. A chorumela toda: que ela amava o rapaz, e os pais o odiavam, só lhe fazendo desfeitas, a última a de proibir que se falassem à porta do cinema e até mesmo que ele a visse da calçada pra janela, tudo a fim de impedir que ela fosse feliz. E pediu à vovó que arranjasse o casório. A vovó perguntou, então, há quanto tempo a moça havia fugido de casa. Há meia hora, se tanto, ela respondeu. Aí, a vovó recomendou ao rapaz que fosse para o trabalho, que deixasse a moça onde estava e não aparecesse sem receber aviso. Instalou a prima num dos quartos, vestiu-se para sair, de luvas e chapéu de véu, e foi até a cunhada, aquela que lhe comprou a fazenda e mora na casa que tem, ao lado da escada que sobe para a varanda, um canteiro redondo, muito grande, entupido de roseiras. Ao voltar, a vovó contou às meninas (a prima fujona continuava trancada no quarto) que passara pela residência do monsenhor, seu amigo de rádio, a fim de ajustar a data do matrimônio. A mãe da moça ainda não se tinha dado conta do que se passara com a filha. Julgava-a na casa da vizinha. Você conhece a vovó — sabe ser clara e incisiva: “Está comigo e comigo fica. Só sai de minha casa para a igreja.” Insistiu com a cunhada que uma filha não se punha de lado, não se perdia, e que o melhor para ela e o marido era aceitarem as coisas, a começar pela visita dos pais do futuro genro, para o acerto do casamento. Que fizessem a festa! Afinal, não estavam morrendo de fome. Antes, pelo contrário, podiam, com suas boiadas, encher a rua desde a casa até o centro da cidade. Foi um deus nos acuda, mas, após demoradas acusações à filha de leviandade, sonsice e ingratidão, tudo acabou acertado. “Como tinha de ser, com a cerimônia marcada para daqui a quinze dias”,

acrescentou a vovó. Ela já começa a acostumar-se a isto. É o terceiro casamento com roubo de noiva que arruma. E são umas fugas bestas, sem qualquer romantismo. A moça jamais pula da sacada para a garupa do cavalo do namorado, nem este some a galope, perseguido pelos irmãos dela. Nada disso. A moça simplesmente sai de casa, na moita, caminha dois quarteirões, dá o braço ao sujeitinho e vem em passo apressado para a casa da vovó. Esta, antes de fechar-se, agora mesmo, no quarto com a sobrinha, para resumir-lhe a embaixada, ainda nos disse, em voz alta, para ser ouvida lá dentro, que os da família do nosso avô eram assim mesmo: ninguém era bastante bom para casar com eles. Parecia até que tinham vindo das nobrezas de França, e não das leivas do Minho. Você sabe o que quer dizer “leiva”? Vou buscar o dicionário.

A cozinheira convidou o menino para andar com ela ao Areal, onde morava. Foram. O Areal era uma centena de mocambos, quase todos de palha, numa praia enorme, coberta de coqueiros. Para ir-se do início da areia branca até a linha do desmanchar das águas, caminhava-se meio quilômetro, os pés a empurrarem com dificuldade a areia fofa.

A cozinheira ia levar comida, roupa lavada e dinheiro para o seu homem, a quem só via nos fins de semana. O rapaz não trabalhava, a menos que se chamasse trabalho buscar um peixinho no mar e assá-lo na brasa, ou o bota-abaixo, de vez em quando, de uns cocos. Estava na rede, quando chegaram, e teria ficado na rede até as despedidas, se não se tivesse lembrado de mostrar o coqueiral ao menino.

Cada palmeira tinha gravadas no fuste as iniciais ou a marca do dono. A praia era do governo, isto é, de ninguém, explicou o rapaz, mas os coqueiros pertenciam a quem os tinha plantado. Eram como bois em pasto aberto: sabe-se do dono pelo ferrete ou pelo corte desenhado da orelha. Explicou que aos proprietários não importava que a gente do lugar derrubasse cocos para lhes beber a água ou comer a carne. Com colheitas contínuas e abundantes, não davam pela falta do pouco.

O piso dos mocambos era a areia da praia. No único ambiente (só em alguns raros casebres havia parede de esteira a dividir o espaço em dois), dispunham-se as redes, o pote e as quartinhas d'água, a arca, as panelas de barro e o fogareiro. Nas palhoças das lavadeiras, via-se também um ferro a carvão e a mesa de passar roupa. Tudo quase tão nuzinho quanto os pequenos que caminhavam agarrados às saias das mães ou se enchiam de luz, ao transporem, gatinhando, as portas das cabanas.

As crianças aprendiam a fazer as necessidades no mar. E no mar jogava-se o lixo. Dentro e ao redor das palhoças, as mulheres encurvavam-se para varrer a areia com uma vassoura de cabo curto, feita de gravetos. Havia panos a corar por toda a parte. E as coisas responderiam a esse gosto de limpeza, se não fossem tão pobres e tão gastas pelo uso, pela brisa marinha carregada de sal e de umidade, pelos ventos de terra que doíam de areia, pelo sol excessivo, pela fuligem do cozinhar dentro de casa, pelo

lavar e o esfregar de cada dia. Escuros, queimados, desbotados, rugosos ou com manchas, lanhos e arranhões, mostravam-se o metal, o barro e a madeira, a corda e o couro, o algodãozinho, o caroá, o zuarte e a chita, os cabelos, as pálpebras, os lábios, os sabugos das unhas e a pele das pessoas. Até as galinhas, a ciscarem na base dos coqueiros e nos tufo de verde que apontavam na praia, pareciam encardidas. Os cães eram também tristes e feios.

Se o menino mudava de banda o olhar, em vez das cubatas e dos coqueiros, via a larga e longa faixa de areia, a que se seguia a imensa barra de mar verde, um verde que se acabava, de um fim ao outro fim da terra, num inesperado risco, a partir do qual as águas se faziam de um cinza profundo até a linha do horizonte, de onde o céu subia num azul forte, que o sol lentamente clareava. As ondas, desde o longe e até a arrebentação e a borda d'água, mais que um ofego, pareciam o respiro suave da paisagem.

Tudo ficaria assim, imóvel à distância, apesar da brisa e do mover do oceano, se não viessem da foz de um riacho próximo, pela franja de terra que o mar molhava, uma, duas, três, quatro, cinco lavadeiras, com trouxas à cabeça. Na tarde grega, levavam, enxutas e envoltas em lençóis, as roupas dos clientes. Conversando e rindo, caminhariam uma boa hora, antes de chegarem às casas onde as esperavam o ferro de engomar, o abano e o carvão.

Alguma iria primeiro direto a seu mocambo, pois as peças que levava eram de um estudante de quarto alugado e tinha de entregar-lhe a roupa pronta. Depois de passá-la, arrumava sobre uma tábua as camisas, as cuecas, os pijamas e os lenços, envolvia-os numa colcha e, com o todo à cabeça, lá se mandava pela praia — e o menino a chamou, em voz alta, “Nausicaa!”, devolvendo-lhe ela um olhar em que o tinha por doido —, lá se mandava pela praia, uma das mãos a suspender os cabides com dois ternos de linho.

Santo Antônio falando aos peixes — era isto o que o pai desenhava para o menino, a folha de papel de embrulho estendida sobre a mesa da copa. O santo, de bordão, no alto de uma rocha, dirigia-se aos peixes, que, à esquerda do papel, punham, às dezenas, a cabeça fora d'água, para ouvi-lo. O pai traçara o pregador e seu auditório com a mão canhota, como lhe era normal. Porém, ao começar a encher de passarinhos o espaço atrás do santo, mudou o lápis de mão e continuou o desenho com a direita. Sem que se alterasse a precisão das linhas.

O menino calou a surpresa. E esperou alguns minutos, antes de perguntar ao pai se também escrevia com a mão direita. Escrevia. E, para prová-lo, pôs com ela, embaixo do desenho, título e assinatura. Em seguida, sem sorriso e como se fosse a coisa mais comum do mundo, pediu ao menino que prendesse firme o papel, tomou dois lápis e escreveu ao mesmo tempo as mesmas palavras com as duas mãos. O talhe das letras era idêntico, mas não o tamanho: da direita saíam caracteres um pouco maiores do que os da esquerda.

À noite, o menino transmitiu o seu espanto ao grupo que ouvia pelo rádio as notícias da guerra. A mãe sabia ser o pai ambidestro, mas ignorava que pudesse duplicar a escrita. O irmão da avó já ouvira falar de um caso desses: o do médico e escritor Afrânio Peixoto, que podia emitir concomitantemente dois originais da mesma receita, um de cada mão.

Não conseguiu o menino que o pai, nos dias seguintes, repetisse o feito. Ao ouvir o pedido, se o ouviu, o pai perguntou de volta:

— Você sabia que as asas dos colibris só param de girar quando se banham na chuva?

Em junho, voltaram à fazenda. Tudo ao redor estava ainda mais amarelo, entre amarelo e castanho, entre palha e ouro sujo. A estiagem continuara pelos meses que deviam ser de inverno. Não chovera em janeiro, nem em fevereiro, nem no dia de São José, em março; e sem um só chuvisco passaram-se abril e maio.

Alguns vaqueiros tinham levado boa parte do gado para a serra. Mas as reses que ficaram na fazenda davam trabalho em dobro: força era mudá-las diariamente de pastagem, conduzi-las para distintos pontos do açude, aumentar as rações de milho, frutos de carnaúba e farelo. Havia que redobrar a vigilância sobre os bois e também sobre a criação miúda, pois começavam a passar pela estrada os que fugiam da seca, a caminho de Sobral. Não se queriam furtos e, muito menos, saques. Providenciava-se descanso para famílias inteiras, que recebiam, sentadas sob as árvores, não só a refeição do momento, mas água, farinha, rapadura, carne de sol e avoante seca, para o continuar da viagem.

Com o aumento da labuta, ninguém se dispunha a encilhar cavalo para folguedo de criança. Nem se pensava sequer em ir buscar as chaves para abrir o quarto dos arreios. Os garotos punham um cabresto no animal e o montavam em pelo ou sobre uma simples manta. De início, com certo cuidado. Depois, com a afoiteza do costume.

Uma tarde, os primos chegaram a cavalo perto da casa do administrador, onde a tia-avó estava hospedada. Traziam pela rédea um tordilho, para tentar o menino. Esse, logo que os viu, precipitou-se para a varanda e, do alto da calçada que cercava a casa, saltou sobre o lombo do bicho. O cavalo, espantado, saiu a galope, o menino a segurar-lhe o pescoço. Com o casco, o animal deu-lhe numa das pernas e o jogou ao solo. Não lhe pisou o corpo ou a cabeça, porque não quis o dia.

Acudiram o menino. A ponta da unha do animal arrancara-lhe um naco da canela. Embora pouco profunda, a ferida era extensa. A tia-avó limpou-a com água oxigenada e a cobriu de pomada e gaze. Depois, fez a todos a recomendação de que não mencionassem o acidente a mais ninguém, não fosse a mãe do menino proibi-lo de andar a cavalo. Para

ocultar o ferimento, o menino passou a só vestir calça comprida, e assim por quase uma semana, pois a carne não fechava.

Um dos vaqueiros que o socorrera recomendou que se aplicassem cinza e mel de abelha quente, após ver recusada a sugestão da bosta fresca de vaca. E foi ele quem trouxe de dentro da caatinga uma velhota molambenta e magricela, de nariz e olhos de pássaro, que mandou o menino sentar-se num banco e, ajoelhada diante dele, com um pedaço de pano e agulha e linha nas mãos, fez o pelo-sinal e entoou:

Carne trilhada,

Nervo torcido,

Tudo isso eu coso

Com a graça grande

De São Francisco.

Deu ordem ao menino para rezar o credo, levantou-se, recebeu a paga e se foi de volta para as suas brenhas. Dois dias mais tarde, a ferida amanheceu cicatrizada.

Nem a queda do cavalo nem o súbito retorno a Sobral interromperam os ensaios do bumba meu boi. Sair da fazenda tornara-se inadiável. Não parecia justo que estivesse ali de recreio toda aquela parentalha, quando se impunha poupar água e até mesmo alimentos, para dar de beber e de comer aos moradores e aos retirantes.

Os primos levaram para a cidade a caveira de um boi espácio. E o tio-avô, que findava as tardes “naquele estado”, fez com que a montassem numa armação bojuda de vime, que as meninas cobriram com um estampado. Debaixo dessa espécie de canoa ao contrário — o corpo do boi — metiam-se dois garotos, para dar-lhe movimento. Com talos de carnaúba, papelão, cestas, tecidos baratos, espelinhos, guizos, contas e fitas de cetim ou gorgorão fizeram-se, além dos corpos da burrinha e da ema, chapéus, capas, cintos, peitorais, perneiras, saiotos e espadas para o mestre e o contramestre, os vaqueiros Mateus e Birico, a pastorinha, o marinheiro, o doutor, as damas e os vários papangus. Um dos primos ensinou aos outros e aos vizinhos os versos que sabia de cor e marcavam os momentos mais importantes da brincadeira. As demais falas eram improvisadas, a seguir um enredo fixo.

Na manhã da véspera de São João, a gurizada mandou aviso a alguns tios e primos de que se preparassem para receber o boi. Os que iam ser visitados armaram um semicírculo de cadeiras na calçada e na rua, à frente de suas casas. E acolheram com vivas a trintena de garotos:

Aqui vimos cantar

Como se canta na corte.

Minhas senhoras, senhores,

Deus lhes dê uma boa noite!

As melhores palmas guardavam-se para a entrada do boi — Meu boi bonito! Boi alegria! —, que baixava os chifres diante do dono da casa, antes de começar a dançar, a pular, a correr contra figurantes e assistência. O

menino era Mateus e, ajudado por um primo que fazia de Birico, coube-lhe matar com sua espada o boi. Os atores e a plateia então cantaram:

— *O meu boi morreu.*
Que será de mim?
— *Manda buscar outro,*
Ó maninha,
Lá no Piauí!

Seguia-se a venda das partes do boi, os donos da casa e seus convidados pagando com chocolates, pés de moleque, balas de frutas e rebuçados de mel:

— *O lombo e o filé*
São de Seu José
— *Costela e patim*
São de Seu Joaquim.
— *E esta rabada*
É da moça levada.
— *Quero os mocotós!*
Não os vendo nem dou.
São dois de vovó
E dois de vovô.

A parte mais divertida era a receita do doutor para desmorrer ou ressuscitar o boi: um clister. Lá saíam todos, mestre e contramestre, vaqueiros, damas e demais personagens, a perseguir um molequinho, que era metido, debaixo de gargalhadas, por uma abertura no traseiro, na barriga de mentira.

O menino sentia-se feliz como Mateus. Mas não deixava de ter uma ponta de inveja do companheiro que fazia a burrinha e que estava em toda a parte, a girar alegremente. Esse dançarino levava uma canastra sem fundos

presa à cintura e recoberta por um tecido de muitas cores. De outro pano, preto ou muito escuro, havia, sobre esse corpo fingido, uma sela, na qual o garoto parecia estar montado, com as pernas falsas, enchidas de trapo, a balançarem nos estribos. Do arredondado da cesta, saía, de talo de carnaúba, a cabeça da mula, arreada de espelhos e flores. E o menino cantava:

*Minha burrinha come milho,
Come palha de arroz.
Arrenego desta burra
Que não pode com nós dois!*

*Minha burrinha come milho,
Come arroz com feijão.
Só não come carne fresca
Sexta-feira da Paixão!*

Punham-se colares de flores de papel crepom no boi ressuscitado, e, depois das despedidas, lá marchava o grupo, cantando, na direção de outra casa. Na que deixava, acendia-se a fogueira e tinha início a segunda parte da festa, com macaxeira, batata-doce e milho verde assados na brasa, quentão, aluá e parati.

Dos homens que fugiam do sertão ressequido para as cidades, muitos alistavam-se no Exército da Borracha. O menino os via passar, de dólmã e calças de brim azul, alpercatas de couro e chapéu de palha clara, prontos para os seringais da Amazônia. A ocupação japonesa de Java, Sumatra, Cingapura e Birmânia cortara os fornecimentos de borracha do sul da Ásia para a Inglaterra e os Estados Unidos, que voltavam, no aperto da guerra, a recorrer ao Brasil.

— Coitados desses homens — comentava a avó. — Antes fossem para perto dos canhões. A malária, a disenteria e sobretudo a ganância dos seringalistas acabarão com eles. Se, ao menos, o governo ou os americanos lhes fornecessem os meios para começarem sem dívidas o seu trabalho...

Ela contava como o retirante, antes de se embrenhar pela primeira vez na floresta, recebia a crédito, no barracão do seringal, as armas e os utensílios necessários ao ofício, bem como mantimentos para os dias de mato. No regresso, nunca trazia bolas defumadas de látex suficientes para pagar a maior parcela da dívida, devendo de novo adquirir fiado, e a preços escorchantes, a comida e tudo o mais de que necessitava. Após muitas entradas na floresta e já desiludido de poder algum dia saldar um débito que se tornava crescente, era avisado pela jagunçada de que estava proibido de sair do seringal, até que liquidasse a conta no barracão. Se fugia, caçavam-no, e era trazido de volta, humilhado ou morto.

— No Pará e no Amazonas — acrescentava a avó — ainda há escravaria, não se fez a abolição. Esses caboclos, de roupa nova tão bonitinha e que mais parece farda, estão sendo recrutados para cativos, com tronco, rebenque e tudo.

Chegou o menino da escola, com o seu carneiro. Deu-lhe alface, milho, água e, sabendo-o distraído em comer e beber, fugiu depressa do quintal para a rua, não sem antes apanhar as pernas de pau encostadas ao muro.

Tinham quase duas vezes a altura dele, e os estribos ficavam a uns cinco palmos do chão. Para subir nelas, sentava-se primeiro na mureta do jardim, punha um pé no ressalto de uma das estacas e a apoiava reta e firme sobre o solo, trepando em seguida, da mesma forma e com um pequeno impulso, na outra.

Os amigos da vizinhança já se perseguiam entre si, do alto das suas. Alguns quase corriam, a apressar o ritmo dos toque-toques sobre o cimento das calçadas. Muito mais altos do que os adultos, este e aquele podiam até mesmo, estendendo a mão para cima, sentir as pontas dos telhados.

Brincar de pernas de pau cansava depressa. Após meia hora de fingir de seriema, eles desciam das andas, sentavam-se no meio-fio e se punham a papear sobre mil coisas: a reação russa contra a *Wehrmacht*, as dificuldades da raiz quadrada, os *maquis* na França, os bombardeios americanos sobre o Japão, os exércitos clandestinos gregos e sérvios, a última fita de Tarzan, os ressentimentos saxões contra os normandos e outros enredos de livros que, como *Ivanhoe*, circulavam de empréstimo entre eles, e as novas estampas do sabonete Eucalol, com uniformes militares do Império, e os exercícios de ordem unida, e as surpresas e os pormenores do namoro de uma empregadinha do lado com um soldado de polícia, que faziam, espremidos contra um muro, o que era de uso na rede ou na cama.

Durante vários crepúsculos, o menino contou aos pedacinhos um filme que vira em Sobral, sobre a construção de uma estrada de ferro, Oeste adentro, a caminho do Pacífico. Nessa fita havia quase de tudo — madeireiros a cortar árvores para fazer dormentes, ataques de índios e de bandidos, caubóis de camisa negra que atiravam com dois revólveres, bonitas moças a apanhar água e a ralar o milho, carroções puxados a mula, diligências, locomotivas, manadas de bisões e rebanhos de bois, canoas a subir corredeiras, travessias de florestas e desertos, abertura de túneis em montanhas e lançamento de pontes sobre rios —, e o que não havia o

menino acrescentava com peta atrás de potoca, patranha, engodo e lorota, a cavalo e a galope. A história arriscava não ter fim, pois em ninguém era bocejo ou fadiga.

Mas, um dia, acabou. E outro garoto deu início à sua, de rapazolas que formavam, num bairro, uma milícia, a fim de enfrentar arruaceiros e criminosos. À medida que ele ia desnovelando o filme, nos ouvidos dos camaradas cochichava a ideia de também criarem um grupo fechado, com senha e juramento, para proteger aquele trecho, de duas quadras, da rua. A ideia vestiu-se, nas conversas, de uniforme. Este ficou, porém, em desenho no papel, sem chegar à costura do pano, por não ter a vaquinha promovida pelos guris alcançado a importância necessária para mandar fazer o traje, antes de passarem a outro entusiasmo. Entretanto, sem esperar pelo uniforme, eles começaram a cumprimentar-se com a mão esquerda, batendo no ombro com a direita, e a reunir-se todos os fins de tarde, para treino em vários tipos de luta.

A milícia da rua parecia chocha. Sem alvo. Naqueles quarteirões jamais passava nada. Uma única cena de violência esgarçara-lhe a tranquilidade. No auge de um mormaço, a mãe do menino fechava as janelas da sala de visitas, quando viu, na calçada em frente, um homem a agredir um meninote, um baleiro. A caixa da pequena mercadoria e a bolsa de moedas já estavam no chão, e o rapazola procurava defender o rosto com os braços. De repente, ao recuar dos sopapos, o baleiro tropeçou e caiu, sobre ele logo se lançando, de punhal, o agressor. A mãe do menino saiu correndo pela porta, atravessou a rua e, aos gritos de “Não faça isto! Não se desgrace!”, prendeu com as duas mãos o braço armado. Já lhe arrancara a faca, quando uma outra pessoa chegou para ajudá-la. O homem mais velho estava possesso, mas a mãe lhe desfez em pranto a ferocidade, com uma forte bofetada.

Nenhum dos guris contava com a repetição da cena. As patrulhas em que se revezavam não viam senão portas abertas para casas sem medo, algumas com o gato na soleira. Ocorreu-lhes, então, mandar mensagem à garotada da outra rua: que não passassem em grupo de mais de três por aquele território que era deles, pois se considerariam invadidos e em guerra justa. A embaixada trouxe resposta. A outra malta lhes vedava o acesso à

rua paralela e propunha, em caso de luta, que esta fosse sempre a corpo limpo, sem pau, canivete, soco-inglês ou pedra. Entre os de cá formou-se uma minoria que pregava a entrada desafiante nas terras inimigas, mas essa facção foi sempre controlada pelos que conheciam, do colégio, alguns dos moleques da outra rua e sabiam da força de seus murros e da rapidez de suas rasteiras. Os de lá teriam informação semelhante, de modo que as linhas fronteiriças permaneceram intocadas, até serem desfeitas pelo esquecimento.

Durante esse tempo, as batalhas em terra foram substituídas pelos encontros no ar entre papagaios de papel. Se um dos bandos soltava uma pandorga, lá vinha outra, da rua adversa, dar-lhe combate. Vários metros do cordel eram mergulhados em cola com pó de vidro e punham-se fragmentos de giletes nos laços do rabo da pipa, para que, ao se enrolarem no embate os fios das arraias, o do adversário se cortasse, e lhe fugisse pelo ar a sua maquininha de flecha e papel de seda. Às vezes, levantavam-se no céu, e o enchiam de bandeiras, esquadrilhas de pandorgas — losangos e hexágonos de muitas cores e variados tamanhos, a se buscarem para os lados e em rápidas ascensões e súbitos mergulhos.

O menino era mestre em dirigir o voo da arraia. Nas lutas e nas acrobacias, lograva, calmo, com breves e sutis movimentos da mão, fazer até mesmo com que a pipa, serpeante como, num tanque, girino ou larva de mosquito, desse voltas completas no espaço. O que não conseguia era fazê-la subir ao ar. Acompanhava, cuidadoso, os companheiros: metia o dedo na boca, para umedecê-lo de saliva e poder sentir a direção do vento; punha o papagaio deitado de borco, com o cabresto contra o solo e o rabo estirado, ou pedia a um colega que o erguesse o mais alto possível, e saía correndo, a lhe puxar o cordel. Por força da carreira, a pandorga elevava-se a pequena altura, para logo, num cair de folha seca, descer ao chão. O menino tinha sempre, por isso, de rogar a um outro que lhe empinasse o papagaio e, só quando o via no alto, tomava nas mãos o novelo de fio.

Nunca tinham sido tão grandes as festas pelo aniversário de Vargas. Alguns jornais traziam praticamente toda a primeira página com o retrato do chefe da nação. No colégio do menino e em todos os demais, os alunos foram arengados sobre as virtudes do prócer. Houve desfiles e concentrações populares, para as quais os professores conduziam a criançada, de bandeirinha na mão. Um mês e tanto depois, as revistas que chegavam do Rio pelo vapor estavam cheias de fotografias das comemorações, país afora. Até mesmo as revistinhas infantis e juvenis dedicaram número especial à vida de Getúlio. Uma vida que, em quadrinhos, parecia ao menino bastante insossa. Bonitas mesmo eram as histórias do Caramuru, de Raposo Tavares, de Frei Caneca, de Luís Gama e de Castro Alves. Linda era a história de Zumbi, a saltar do despenhadeiro, para morrer em liberdade.

Um desenho enorme de Vargas, de topete e a rir, estava, bem alto, atrás do palanque de onde as autoridades assistiram ao desfile do Dia da Raça. Para um primo do menino, estudante de odontologia, devia ser o Dia das Raças — assim, no plural —, pois, na parada das escolas, passavam brancos e falsos brancos, caboclos, cafuzos, índios, mulatos, pardos, semipardos e um que outro negro:

— Essa história de enaltecer a raça no Brasil é ressaibo de fascismo. Não é de admirar que venha junto com a exaltação do *Führer*.

O menino não viu o desfile, porque marchava nele. Fardado de tenente. Com a cruz vermelha num dos braços, a comandar a enfermaria, e tendo ao lado Mimoso, que se distinguia dos carneiros do resto do pelotão, por acompanhá-lo livre, sem rédeas ou cabresto. O público, nas ruas, aplaudia. E ele marcava o passo ao ritmo do surdos, das caixas e dos taróis da banda do colégio, feliz com o sol, a tuba e os clarins.

A mãe mandou a criançada mudar de roupa. Iam ver uma tia dela, que se mudara do sertão para a cidade. Três de seus filhos tinham chegado, um ou dois anos antes, para continuar os cursos na capital, e permanecido várias semanas na casa da avó do menino. Era praxe os parentes da cidade acolherem os do interior, até que se instalassem em pensão ou república de estudantes.

A tia veio direto para a casa alugada à distância. Com os demais filhos, mas sem o marido. Deste falava-se pouco e em voz baixa: ao descobrir-se leproso, mandara os seus para longe e permanecera na fazenda, com meia dúzia de moradores solteiros, a fim de assegurar o sustento da família. O menino o imaginava, do alto do cavalo, chapelão na cabeça — via sempre os morféticos com abas largas, para ocultarem o rosto —, a dar ordens e a conduzir o gado, ou, à tardinha, na rede do alpendre, iluminado de silêncio, mas a querer a noite e também o dia escuro, não lhe fossem dar os olhos em qualquer parte do corpo.

Viveu assim mais de dez anos, até que um dos filhos, médico — quase todos os outros vieram a trabalhar com farmácias e remédios —, ao concluir a especialidade em lepra, foi ter com ele, entre os bois e os camaradas fiéis, e verificou, em prantos, que o pai sofria de uma outra moléstia, não contagiosa, que, além de deformar mãos, pés, joelhos e cotovelos, praticamente impedia os dedos de moverem-se. Trouxe-o para a casa da cidade, para junto da mulher. Mas o velho — porque entretanto se fizera velho —, o velho, ou por vergonha do que nele podiam ver, ou por temor de que as gentes duvidassem do diagnóstico do filho, ou por ter aprendido a alimentar-se na solidão, preferiu o regresso à fazenda e ao quarto sem janelas e espelhos.

Cada casa passara a ter o seu aparelho de radio. Nem por isso acabaram-se as rodas nas calçadas e nas varandas, para ouvir e comentar as notícias da guerra. O grupo da mãe do menino até crescera, a irmã de criação dela fazendo-se acompanhar por uma jovem professora que vivia em sua casa e namorava um americano.

Era malvisto, na cidade, namorar americano, porém a maioria das moças não se importava com isso. Não só eram quase todos altos, espadaúdos, louros, corados e sorridentes, em contraste com a rapaziada local — baixa, franzina, amarela, de cabeça chata, pescoço curto e rosto cheio de espinhas —, mas estavam também semidivinizados pela vizinhança da morte. Sobretudo os aviadores. As moças acompanhavam, emocionadas, nos jornais cinematográficos, os rapazes feridos nas carlingas dos aeroplanos em chamas ou a saltarem de paraquedas em território inimigo. E corriam ao lado dos fuzileiros navais cortados pelas metralhadoras ou espatifados pelas granadas, nos desembarques no Pacífico. Olhavam nas ruas para aqueles rapazes que mais pareciam arcanjos e os viam, tão alegres, mortos. Com eles entravam num mundo heroico. Ou eram conduzidas de jipe para dentro das fitas de cinema, a ouvir *blues* e a dançar *foxes*, a falar inglês, a usar meias de náilon, a mascar chiclete e a comer, em família, na cozinha clara de uma casa sem muros e com gramado em frente.

O namorado americano da professorinha não parava de assombrar o tio-avô de olhos azuis do menino. Vinha da Califórnia, era republicano em política e criticava duramente o Presidente Roosevelt, numa roda onde ninguém se atreveria a fazer, ainda que em cochicho, o menor reparo a Getúlio Vargas. Isolacionista, queria ganhar a guerra. E mal escutava o rádio falar de Hitler, não se continha, em seu português cheio de estática:

— Temos de levá-lo ao tribunal! Temos de levar todos eles aos tribunais!

Ver Hitler, Tojo, Hiroíto, Mussolini, Goering, Goebbels, Laval e o resto da quadrilha julgados por um júri popular, semelhante ao de sua cidadezinha, parecia-lhe próximo: os russos contra-atacavam em

Estalgrado, os japoneses eram vencidos em Guadalcanal, os ingleses batiam Rommel em El Alamein, e tinha havido o tão esperado desembarque em Marrocos.

Deste, o menino tivera, sem o saber, indícios. Certa manhã, a caminho da escola, deu com meia dúzia de oficiais que não eram americanos. Com boinas escuras. Ou quepes. E fardas cintadas por talabartes. Alguém lhe disse que eram britânicos e franceses livres, a caminho da África.

Em novembro, começavam a aparecer os vendedores de perus. E as famílias percorriam os sítios da redondeza, para selecionar bacorinhos, que ficavam lá mesmo, à engorda. Já os perus, estes eram postos no quintal e cevados à força. A cozinheira prendia a ave entre os joelhos e lhe socava a comida goela abaixo. Nas pausas, o bicho sacudia o ponto de interrogação que tinha sobre o bico e tentava, com força, abrir as asas. Mal se via liberto, fincava desajeitadamente no chão os pés grossos e cascudos, cabeça e pescoço ainda mais encaroçados e vermelhos, eriçava as penas do peito e do dorso, abria em leque a cauda e punha-se a girar, áspero e lento, arrastando contra o chão uma das asas.

Matavam-no, bêbedo de cachaça. Na antevéspera do Natal. No mesmo dia que os leitões. O menino refugiava-se na sala de visitas, com algodão nos ouvidos. O rosto metido num livro, tentava voar para longe dos uivos dos porcos, desfazer a angústia que o ia amarrando por dentro, cegar-se para o que não via mas teimava em colar-se a ele, a aflição e o remorso por todo o sangrar, depenar, pelar, esfolar, escachar, estripar, decapitar e esquartejar dos animais, cidade afora.

Na ceia, comia somente as passas, as nozes, as castanhas, as avelãs, os figos secos e as rabanadas — tudo aquilo a que a avó chamava saudades de Portugal. A mãe dava-lhe um cálice de vinho, para marcar a noite, naquela casa onde não costumavam entrar baralho, cigarro e álcool. Depois, saíam todos para a missa do galo, a única, além das de defunto, de que participavam a mãe e a avó.

Não que não rezassem. Rezavam. Havia, num dos quartos, um oratório, mas raramente alguém se punha de joelhos diante dele. As preces davam-se ao pé da rede. Antes de dormir — a mãe ensinava — fazia bem dizer

Com Deus me deito,

Com Deus me levanto,

Na Divina Graça

Do Espírito Santo.

O sono era leve, na noite de Natal. Nenhuma das crianças mais velhas acreditava em Papai Noel ou no Vovô Índio, personagem de um livro de Cristóvão de Camargo, que os patriotas exacerbados e os renitentes do integralismo propunham, com seu cocar e aração de penas, como substituto, no calorão brasileiro, do velho de capote de lã vermelha e golas e punhos de arminho. Com crença ou sem crença, todos faziam o jogo da carta com pedidos e esperavam, de manhãzinha, encontrar os embrulhos de presente. Estes estavam do lado dos punhos da rede, para não se molharem com algum xixi noturno.

A garotada tomava bem cedo as ruas, para exibir, até o cansaço, os presentes. À tarde, o patinete havia perdido uma roda, o livro estava rasgado, a boneca tinha um rombo na cabeça, a bola de couro esvaziara e partira-se a corda do carrinho de lata. Porém ninguém tinha tempo para entristecer-se, pois logo, como em toda a semana anterior e até o 6 de janeiro, passavam os grupos de pastorinhas e reisados, as portas e janelas de muitas casas se abrindo, para exibir os presépios nas salas iluminadas. As crianças iam em grupos visitar as grandes lapinhas das igrejas, e estas mostravam-se ao menino menos feias, com tantas luzes e velas acesas.

Ele acostumara-se a ver gravuras e fotos das igrejas de Veneza, Florença e Roma, de Chartres, de Notre-Dame, dos Jerônimos, das catedrais de Rheims e León, e procurava em vão, na cidade, um só templo bonito, uma igrejinha que fosse, e um único altar com uma escultura que se parecesse com as dos livros, e não estivesse coberto de toalhinhas de croché e flores de papel crepom e pano. Corria a vista ao redor, e tudo chegava-lhe desgracioso e desbotado. Só o teatro, com sua estrutura metálica e seus vitrais, e os canteiros floridos das praças públicas, e a calçada a alongar-se à beira-mar não buscavam convertê-lo à feiura e ao desleixo.

O menino não aprendera ainda a beleza pobre dos pardais e, por isso, não abria os olhos para as casas, geralmente modestas, em cujas portas e janelas em arco, ponta, ogiva ou canga de boi, os mestres de obra haviam colocado molduras de granito e bandeiras com caixilhos em forma de pétalas e vidros coloridos, além de esferas e vasos de louça branca nos

frontais, e balaústres de ferro nas sacadas, e conchas, máscaras, medalhas, festões, vinhas e volutas, a se agitarem em relevo, nas fachadas. Por desmazelo, em quase todos esses prédios, quer sobrados ou casinholas, a pintura descascava, perdia a vida, punha-se cheia de manchas, não permitindo que se apreciasse por inteiro o jogo frequentemente imprevisível entre superfícies e faixas de coloração diferente, o amarelo a perseguir o roxo ou o vermelho, o azul a conter o castanho, o laranja a conjugar-se ao marrom e ao branco, e este ao verde-escuro, e o verde-escuro ao rosa.

A igreja do bairro estava sempre caiada de novo, mas só nas noites natalinas ou nas novenas marianas, quando se acendiam os cordões de lâmpadas que lhe acompanhavam os contornos e se suspendiam entre as árvores e os postes do adro centenas de bandeirolas, o menino se alegrava diante dela. Parecia, então, esses peixes que, no cesto do pescador, são cinzentos, mas ganham, dentro d'água, ouros, corais e pratas.

As pessoas desciam-lhe os degraus iluminados, à saída da missa do galo, quando deram com os rapazes, dois com violão e o terceiro a dedilhar um cavaquinho. Cantavam modinhas com ar de vilancicos, nas quais se mesclavam saudades e recados amorosos com loas a Nossa Senhora e ao Recém-Parido:

*Hoje nasce o Menino,
E eu morro de amores.
Quem me pôs como espinho
No seu berço de flores?*

O menino acostumara-se a um oceano ainda mais cruel. A um mar muito mais verde. A ondas mais altas e mais violentas, enrolando-se como enormes conchas. Não que ali o mar fosse sereno: apenas mordida mais lentamente e quase sem raiva as grades da praia.

Camocim era a terra da mãe do menino. E lá mandava, com nome de rei e jeito de rei, um tio dela. Um irmão da avó. A bater, sempre que sentado, com a tala nas botas de cano alto. Tinha olhos claros e mansos e uma voz baixa, de comando. Não disputou jamais qualquer cargo eletivo. Era dono dos votos, mas não para ser prefeito, deputado ou senador. Nem antes, nem depois de Vargas.

— Quem manda não se elege; elege.

Punha o chapéu, vestia o paletó sobre a camisa sem gravata, mas com o colarinho abotoado, e, com a mão presa à do menino, ganhava a rua, a abraçar todo o mundo. Diante de cada porta de loja, botequim, farmácia ou barbearia, detinha-se um minuto — o tempo para perguntar pela comadre, pelas crianças, pelos negócios. Era difícil um cristão que não tivesse filho batizado por ele, embora só a mulher, na igreja, rezasse o Credo. Mais difícil ainda era encontrar quem não lhe devesse este favor ou algum dinheiro. Exceto os do outro partido, os que já tinham sido opositores de seu primeiro sogro e da linhagem dele, desde o Império, quando a família passara baixo, por ter apoiado a Revolução de 24.

O coronel José Terceiro caminhava devagar até a praia e punha no mar olhos de dono. Ia até a beirada do cais, trocava pilhérias com um canoeiro ou um estivador, escolhia uma lagosta ou um dourado do samburá de uma jangada, e lá estava de volta pelo mesmo caminho por onde viera. Em casa, escanchava-se na rede da sala e pedia um café negro numa chávena grande, de café com leite.

A cozinheira, que viera no dote de sua primeira mulher e ficara com a segunda, dele não se apartando durante os anos de viuvez, apressava-se em pôr no fogo o bule de água quente. Essa criada era alta como uma porta e baiaca de gorda. Nunca punha calçado, porque tinha alguns artelhos a cavalgarem nos outros. Mas o que dela o menino não separava era o cheiro

intenso com que enchia as salas, e que não era apenas de roupa suja ou de suor engordurado. Nela misturavam-se, conforme o dia, esses odores a outros — ao de queijo ardido, ao de couro molhado, ao de fritura de sebo e ao de urina velha. Mal ela entrava, o menino corria atrás de um jeito de sair para longe e, se uma ou outra coisa o mantinha obrigado na sala, eram quase certos o engulho e a dor de cabeça.

Talvez tudo se passasse ao inverso. Talvez fosse a ameaça de enxaqueca o que lhe aguçava o olfato, e a pobre da mulher — quem sabe? — até não fedesse tanto. Tinham recommçado, para o menino, os banhos de mar diários, que tanto mal lhe faziam, e a casa deixava entrar pelas janelas sempre abertas, além da brisa oceânica, a luz forte de todas as horas do dia. Machucado por tanta claridade, o menino tinha as pálpebras doloridas e sofria até mesmo com o melhor dos perfumes.

Estranho e paradoxal — ele amava o dia! Era descer da rede e começar a assobiar, feliz. Partia com a atenção dos olhos uma flor, uma borboleta, um caramujo, uma nódoa no degrau de pedra, um papel dobrado ou o espichar da perna de um passarinho, para acolher na alma o apenas de um ponto, o risco mais escondido, a sutileza de um matiz ou de uma sombra e o mais breve dos meneios. Ou abarcava de uma só vez todo o jardim, e a rua a afunilar-se, e as ondas que baixavam do céu e subiam, escuras, verdes, douradas, pela praia.

Estava atento a tudo o dia inteiro. E era só à tardinha que se punha a esmorecer, que se inclinava para fora da vida. Não queria o sol a lhe bater no rosto, mas precisava do estímulo das grandes superfícies claras, para contra elas olhar os seres e as coisas. A luz que incidia sobre esses planos tinha, porém, de estar domesticada pelas copas das árvores, pelas varandas, pelas janelas e seus postigos.

Falou ao tio do incômodo que lhe causava o eriçar do sol. E o tio comentou, risonho, que talvez ele trouxesse essa ojeriza no sangue. Que pelas suas veias talvez corresse a memória dos cinzentos céus normandos. E do frio, e da neblina, e da garoa. — Viemos para longe dos nossos — disse. E, fechando os olhos, deitou a cabeça na rede, não sem antes bater com o rebenque no calcanhar da bota.

O menino desenhava uma história em quadrinhos, mas não perdia as vozes da cozinha.

— O difícil na roça é que nunca se acaba de pagar ao patrão.

Quer se corte cana, quer se desça carnaúba, sempre se está pendurado no armazém do dono da terra. O ganho é miúdo, e as necessidades, grandes. Feita a primeira compra de caderneta, sem estender o dinheiro no balcão, o tipo está perdido. Fica escravo, por dívida. Por uma dívida que não diminui nunca.

— Melhor é cuidar do gado. Pelo menos, a gente se torna dono de um bezerrinho em seis ou dez, e os nossos bichos crescem na pastagem do amo e comem de seu farelo.

— Mesmo assim, não se sai da pobreza. Para ser remediado, já não digo rico, é preciso nascer branco.

Quem assim falava era um arrieiro do tio-avô do menino. Claro de pele e de cabelos melados, não tinha pinta de índio ou negro. Mas não nascera branco — e isto o menino começava a compreender, de tanto que ouvia as conversas ao pé do fogão e da capoeira —, porque ser branco dependia pouco da cor da pele: branco era quem usava as mãos dos outros. Uma das babás do menino era filha de portugueses, mas branca era a vizinha de frente, ainda que acafuzada, porque mulher de médico e senhora de muitas terras de massapê. Os brancos não eram todos iguais: havia os grandes, que tinham com eles a força do governo, e os pequenos. Uns e outros, porém, descendiam dos antigos proprietários de escravos. Eram, mesmo se de patrimônio modesto, donos de obediências.

O menino já sabia que nada se tinha por assim tão simples. As palavras mudavam de sentido conforme a ocasião e a boca de que saíam. Aqui, ser branco era não ser pobre. Mais adiante, ser branco era não ter traços fortes de africano ou índio. De um grande, o interventor federal, dizia-se ser negro, nas rodas das calçadas. A um chamavam-lhe cabra; a outro, sarará; àquele, mulato. Sempre em voz baixa e pelas costas.

Pretos de verdade, e retintos, eram um capitão do Exército e sua mulher. Mal chegaram do Rio, um dos melhores clubes mandou-lhes, como

fazia com todos os novos oficiais, o convite para que o frequentassem. O coronel e a esposa acompanharam-nos ao primeiro baile e a alguns outros, na tentativa de tornar natural o que aos sócios do clube causava espanto. Depois, com a partida do coronel para o sul, passaram o capitão e sua mulher a sentar-se sem companhia. Dançavam um com o outro, da primeira à última música, ela sempre a sorrir. E, a sorrir, despediam-se, estes e aquelas a acenar-lhes polidamente com a cabeça.

Havia a tia solteira do menino acabado de contar isso, quando alguém na roda beliscou a mãe com o argumento de que cada um devia ficar no seu lugar.

— E não é aquele o lugar dele, um oficial do Exército? — perguntou a mãe, indignada. — Queria ver era fazerem desfeita semelhante ao interventor, em vez de disputarem o seu lado na mesa. Antes de meu marido ficar doente, alguns de nossos melhores amigos eram homens de cor. O dr. Elpídio Boamorte, que foi chefe dele por tantos anos. O dr. Juliano Moreira. O professor Basílio de Magalhães. E o pobre do Hermes Fontes. Aqueles, sim, é que eram gente! No Rio Grande do Sul, a rapaziada clarinha, alguns até ruivos e de olhos azuis, só queria ouvir falar do Cruz e Sousa. O Cruz e Sousa era negro. E o Gonçalves Dias, mulato. Vocês já olharam bem para um retrato do Rui Barbosa? E para o meu marido? Será que ele é algum ariano?

E arrematou:

— Estamos em guerra é com os arianos. Não com os pretos e os pardos, que são dos nossos.

De cascavel, dizia-se que sob a cidade repousava, enrolada, uma enorme serpente. Se lhe perturbavam o sono, ela sacudia os guizos ou alargava a rodilha, propagando-se o movimento pelo chão que a continha. A terra punha-se a ondular e a tremer, e do chão subia um ronco forte, enquanto algumas paredes rachavam e os vidros se partiam. A gente, refugiada no meio da rua, temia que a cobra grande se esticasse: aquela parte do mundo viria abaixo.

— Só espero que não haja sismo enquanto eu estiver lá — foi o que disse a avó do menino, ao subir no ônibus que a recolheu à entrada de casa. Ela ia, com a filha solteira e a netinha órfã, passar algumas semanas no sítio do irmão juiz de direito. Dispensou, por isso, as empregadas e deu a chave da porta à sobrinha, que estenderia a rede num quarto da mãe do menino, sem desfazer os armários onde tinha as suas coisas.

Diariamente, um pouco antes do jantar, a moça, que já se via freira, dava um pulo à casa da avó, para buscar o traje da manhã seguinte. Não demorava nisto mais que o tempo de abrir e fechar o guarda-roupa ou as gavetas da cômoda, somado, uma vez que a avó tirara os fusíveis do quadro elétrico, ao acender e ao apagar da lamparina que levava. Bastaram, porém, esses poucos minutos para o menino entrar, sem ser percebido, até a cozinha, de onde pretendia mal-assombrar a prima.

Foi dele o assombro, ao ver-se trancado nos fundos da casa, sem acesso ao salão da frente, pois a moça passara o trinco na porta que ligava a sala de jantar ao corredor. O menino pressentiu que dificilmente os seus gritos seriam ouvidos, mas berrou como pôde. Vendo sua aflição não ter resposta, conformou-se em passar a noite ali, na sala de jantar, sozinho e no escuro.

Sentado na cadeira de balanço, pôs-se a olhar o negrume. Em pouco tempo descobriu que as formas, na treva, não se apagavam de todo. Era-lhe possível reconhecer blocos mais negros do que outros, e fustes de breu com persistências de vermelho, e a floração de pequeninos dourados em que adivinhava as molduras dos grandes quadros a óleo com paisagens do Amazonas. Via riscos da noite, mais clara do que a sala fechada, pelas

frestas da telha-vã e pelas frinchas das duas portas, a cujos trincos, lá no alto, não chegava. Também a escuridão tinha um sol — invertido. Também o negror possuía superfícies e volumes, opacidade e brilho, nitidez e embaçado, manchas, raias e grandes pétalas.

A repassar com os olhos cuidadosamente a sala e suas muitas gradações de treva, como se fosse um jardim escondido, não cuidava dos passos curtos das horas, que acabaram por conduzir os outros até a sua ausência. Às oito e meia, chamaram a criançada para a rede. Como ele não viesse, saíram a procurá-lo nas casas da vizinhança. Embalde. Não tinha sido visto por ninguém. Em parte alguma. Apressaram a busca. Gritavam, nervosos, o seu nome na rua e o murmuravam junto aos poços e aos muros. O menino podia ter tido um ataque, estar ferido, morto ou sem memória. Alguém, desalentado, sugeriu que se chamassem os bombeiros. E a polícia. Foi quando — a mãe já se rendera às lágrimas — a prima que ia ser freira lembrou-se de um calmante na casa da avó. Passava pela sala de jantar, com o candeeiro na mão, e gritou, espantada: cansado da contagem das estrelas escuras, dormia na cadeira, encolhido, o menino.

Os alemães iam sendo expulsos da União Soviética e os americanos e ingleses assenhoreavam-se do Norte da África, mas ainda se falava de Estalingrado. Para a roda da varanda que ouvia a BBC e a Voz da América, o Eixo ali perdera a guerra — ali, em Estalingrado, e não em El Alamein ou Guadalcanal. As histórias dos bombardeios, do cerco, da resistência rua a rua, praça a praça e beco a beco, da perda e da reconquista por cima dos destroços, ressurgiam na conversa, como se destinadas à repetição infinita, com a mesma sede, o mesmo frio, o mesmo sangue, a mesma fome, o mesmo heroísmo, o mesmo medo, a cada avanço na direção da Sicília, a cada descida numa ilha do Pacífico. Citava-se Estalingrado ou um discurso de Churchill, e acabava a discussão.

Certa noite, virou-se de bruços o mapa da guerra e todos esqueceram Estalingrado. Desembarcara na cidade um primo da avó, de quem não se tinha notícia havia quase quinze anos. Ele se sentou numa cadeira que puxaram para ele, vestido todo de azul-claro, com um dólmã de gola revirada e quatro grandes bolsos. E falou da China, de onde acabava de chegar. Da Grande Muralha. Das montanhas sem árvores. Dos juncos, dos campos de arroz, das sedas, dos monges de amarelo e dos riquixás. Das atrocidades japonesas. Dos tigres-voadores. De Chiang Kai-Shek. De Mao Zedong. E do Tibete, onde rezara.

A pergunta que a todos ocorria, porém ninguém ousava fazer-lhe, era a de como se sustentara tantos anos na China, de que ofício ou comércio vivera. Saíra de casa, sem dinheiro e sem dizer nada a ninguém, e embarcara o desgosto amoroso num navio britânico. Chegara a um cais chinês como marinheiro, mas de onde tivera, em seguida, o arroz, a roupa e as sandálias fez segredo. Andara por tantos e incontáveis quilômetros, que se cogitava pudesse ter mercadejado com ópio ou armas. Não tinha cara de pedir esmolas, mas bem podia ter sido barbeiro, especializado em rapar cabeças, deixando apenas a raiz do rabicho. Isto pensava o menino, os olhos presos aos pés, nodosos de calos e viagens, do primo que descalçara as alpercatas.

A surpresa ou encanto maior, para o menino, ainda estava por vir. Certo fim de manhã, na casa da avó, o primo de azul pediu-lhe um pincel da caixa de aquarela e um vidro de nanquim, e começou a explicar-lhe como era a escrita chinesa. Não devia conhecer mais de duas dúzias de ideogramas. A graça e a rapidez com que os desenhou sobre o papel, a explicar o significado de cada breve conjunto de traços e como se compunham para dizer outra coisa, parecia, no entanto, parte desses sonhos em que as portas se abrem para outras portas interminavelmente. Naquela escrita, como que se somava a metade de um assobio a outra, para fazer um trino, como que se uniam, qual num quebra-cabeça lógico e sutil, árvore, caminho, gramado, cerca, andorinha e nuvem, para formar a paisagem.

O menino voltou a Viçosa e a Sobral. Ele tinha a certeza de que tão cedo não lhe seria dado de novo montar a cavalo. A mãe já se encontrava no Rio de Janeiro, a procurar casa. E para lá, ele, o pai, as irmãs e as amas seguiriam pouco depois das férias. Grudou-se ao selim. De manhãzinha, logo após o leite mungido, já saíam, ele e os primos, a cavalo. E mal, à tarde, o sol diminuía de intensidade, estavam de novo entre passo, trote e galope.

Um dia, bem antes do almoço, a garotada pendurou os arreios e tangeu os cavalos para dentro da cerca. Os primos entraram em casa, mas o menino ficou no terreiro, a olhar o tempo e os bois. No primeiro dos currais, só havia vacas mansas, ruminando o calor e aguçando os chifres nos mourões. Bateu no menino a vontade de entrar no recinto, para ver bem de perto o focinho molhado de uma vaca prenha. Abriu a porteira. E não teve um minuto para de novo fechá-la, antes que uma novilha o jogasse de lado e saísse estrada afora.

O menino desabalou atrás dela. Quanto mais corria, mais se distanciava a garupa sacolejante e desconcertada da vaquinha. O coração batendo e a cabeça a queimar sob um sol que endurecia, o menino viu-se a alonjar-se, cada vez mais, do curral. Estava ainda em terras da fazenda, mas a perseguição acabaria por levá-lo para fora delas.

O ofego curto obrigou-o a sentar-se à beira do caminho. E, para sua surpresa, a novilha reduziu a carreira e parou. O menino resolveu ficar quieto, como à espera, naquele diálogo de pernas, do que lhe diria o animal. E este veio voltando, passou por ele e tomou a direção dos currais. O menino seguiu-lhe o conselho, à distância. Só lhe passou à frente, enroupado de suor, para lhe abrir a cancela.

Fora assim, contara a avó. A prima deixara os dois filhos, um de três e outro de cinco anos, a brincarem de vaqueiro, no quarto. Estava à porta da rua, a conversar com uma vizinha, quando ouviu os gritos. Correu para dentro. O caçula ardia em chamas. Jogou-se sobre ele com a toalha arrancada da mesa, para abafar o fogo. Mas este já consumira os cabelos, o rosto e o peito do garoto, que morreu logo depois.

O mais velho fingira ser o menor um bacorinho. Matou-o de mentira com uma pequena régua e com ela brincava de lhe raspar os pelos, sem tirar-lhe a roupa, como se esta fosse parte do couro. Imaginou, então, o bom que seria poder completar o trabalho da limpeza, queimando o restinho de penugem fina, curta e rala, como vira fazer aos leitões abatidos ao lado da pocilga. Trouxe do armário da copa um vidro de álcool e, da cozinha, uma caixa de fósforos. Derramou o frasco nos cabelos, na camisa e nas calças do irmão e ateou-lhes fogo.

Saíram bem cedo para o aeroporto. O pai, de gravata, com um jaquetão bege dependurado no corpo magro. Era como se seus ombros, com a doença, se tivessem estreitado e descaído ainda mais: as mangas não só cobriam inteiramente os punhos duplos da camisa, mas também a metade das mãos. Um dos tripulantes iria tomar conta dele. Do menino e suas irmãs cuidariam as duas babás.

O menino conhecia, de muito ver, os aviões. Não só os militares brasileiros, pequeninos e curiosamente vermelhos, como para chamar a atenção no voo, mas também os norte-americanos, camuflados com manchas de vários tons de cinza, azul e verde, e alguns enormes, as fortalezas-voadoras. Era a primeira vez, porém, que entrava num aeroplano e o aparelho pareceu-lhe estreito e abafado.

Amarrou-se à cadeira. Trouxeram-lhe dois chumaços de algodão para os ouvidos. E também uma caixinha de chicletes, com o conselho de que os mascasse, tão logo o avião desse partida. O menino sentia um calor de queimar as veias, dentro de um suéter que a avó lhe tricotara. Tinham-lhe dito que fazia frio durante o voo e se quisera prevenido. Por ora, sofria o sol contra o metal da fuselagem.

Um rapaz, em terra, fez girar com a força dos braços a primeira hélice. E, depois, a segunda. Os motores pegaram com estrépito e sacolejo. E o aparelho começou a correr, a escoicear para os lados, como a partir garrafas. Ao soltar-se do solo, o menino lhe acompanhou a subida, olhando, lá embaixo, as praças, ruas e casas a diminuírem de tamanho. A praia e o mar foram-se fazendo em grandes nódoas, até que umas nuvens envolveram o avião e desmancharam o interesse pelo que se via da janela.

À tarde, baixaram no Recife. Era ainda claro de rasgar os olhos. O menino foi para o hotel — sendo a primeira vez que entrava num hotel, estranhou a dezena de portas a se abrirem para o corredor — e caiu logo na cama, com um lenço molhado sobre a testa, para espantar a enxaqueca.

Sonhou com o carneiro que havia deixado para trás, que a mãe mandara vender, como mandara vender todos os móveis da casa. Os soins, o macaco-de-cheiro, o papagaio, os marrecos, a jaçanã que não era jaçanã, os

periquitos, os passarinhos e o cachorro tinham sido dados a tios, primos e amigos. Os gatos e os pombos não saíram da casa, ficaram com o inquilino. A sorte de todos era certa, mas não a de Mimoso. Iria ele servir de sela a um outro garoto, que aprenderia a querer-lhe bem? No sonho, o menino lhe via a cabeça cortada, sobre a mesa do açougue. Tinha o focinho seco e a cicatriz das lágrimas a descer dos olhos fechados.

O menino acordou em prantos, cheio de remorsos. Era impossível trazer com ele o bichinho — bem o sabia —, fosse de navio ou de avião, mas o argumento não bastava para apagar nele a saudade e a culpa. A mãe queria que ele viesse a ser um grande homem e, por isso, o levava para o Rio — mas como compensar a ausência do amigo, com a lã que lhe acarinhava as mãos e o rosto, os grandes chifres espiralados, a testa que fingia marrar com a sua testa?

O menino viu do Recife apenas os rios, as pontes e o caminho até a cama. De Salvador, só teria mantido a lembrança das ladeiras, ao chegar na tarde do dia seguinte, não fora a chuva que começara a cair à noitinha. Da janela do hotel — um hotel cheio de cortinas e sofás de veludo escuro —, ele pôde acompanhar o chuvisco voltar-se em aguaceiro. E ainda chovia forte, quando, pela manhã, desceu da jardineira, no aeroporto. Esperaram algum tempo, tripulantes e passageiros, a ver se o tempo abria. Depois, voltaram para o hotel.

Mal estiou um pouco, o gerente sugeriu às amas que levassem as crianças para ver as igrejas. A do Bonfim. A Catedral. A dos Jesuítas. A do Convento de São Francisco. E nesta, ainda mais que nas outras, o menino pensou ter entrado num livro. Em vez da estampa achatada e quase sempre em branco e negro, ele via o espaço aprofundar-se em ouro e azulejos. Do banco que lhe acolheu o pasmo, voltava a cabeça para os púlpitos e os altares, aturdido de sombra e dourado, tonto de voltas, volutas, laços, conchas e ramagens, a enquadrarem anjinhos de bochechas vermelhas como pintadas de ruge, e santos, serenos, extáticos ou trágicos, com grandes panejamentos escarlates, rosados, castanhos, azuis, brancos e verdes. Os arcos, que dentro da igreja conduziam o olhar a outros arcos, enfileiravam-se no claustro coberto de azulejos.

O menino sentiu vontade de rezar a um deus em quem não estava certo se ainda acreditava e que, no fundo de um túnel de intensa luz amarela, se deixava abraçar, misericordioso, pelo mais simples dos santos. Soube, de dentro, que aquela, como as outras igrejas que acabara de visitar, eram as primeiras em que reconhecia o trabalho do homem com as mãos do espírito. Nunca, antes, tinha chegado pertinho de uma obra de arte, visto algo parecido com os poemas que seu pai declamava. Agora sabia o que eram coluna, pilastra, fuste e capitel.

Do lado de fora, ficou olhando como na fachada se alternavam a pedra e a alvenaria, como dançavam calmas as portas verdes de almofadas e as cornijas das janelas, e ondulavam os frontões, e subiam as torres, e repousava o coração. Apagou-se no menino a inveja de outras igrejas, vistas no papel. Ele passara a compreender como era o altar-mor de La Caridad, em Sevilha, e até mesmo a colunata de Bernini, diante de São Pedro. As imagens a que se acostumara nos livros ganhavam, de repente, volume, cor, textura e movimento. O que ainda não podia trazer para o outro lado da rua era o Alhambra, Chartres e um templo grego.

Voltou para o hotel com os olhos cantando. Dormiu sem sonhos. E, na tarde seguinte, desceu no Rio de Janeiro.

O menino jamais tinha visto um prédio de apartamentos. Felizmente, aquele em que foram morar tinha apenas dois andares e oito endereços. Parecia um casarão, com muitas sacadas e janelas. Embora os cômodos fossem grandes, o menino sentiu a vida apequenar-se, ao perder para corredores estreitos os amplos espaços da casa que deixara, na qual podia, se quisesse, andar de patins ou bicicleta. As novidades maiores eram os banheiros e a cozinha — claros, revestidos de azulejos brancos, com aquecedores e fogão a gás. Onde pôr as gaiolas dos passarinhos? Onde amarrar os saguis e os macacos-de-cheiro? Não havia sequer armadores para as redes...

Aprendeu a dormir em cama. E o pai tomou para si uma cadeira de braços, a olhar a porta da sala, e, de pijama e pantufas, pôs-se a ler ou a fingir que lia. Sem ter de distribuir água e alpiste, sem caminhos com grandes sombras de mangueiras e sem vacarias a cujas cercas arrimar-se, perdeu a pequenina ocupação e o gosto do passeio. Saiu meia dúzia de vezes pela mão do menino, mas aborreceram-lhe o passar dos automóveis e o ruído dos bondes. Encostou-se no espaldar de sua cadeira de braços e foi esquecendo outros movimentos que não os de cruzar e descruzar as pernas, de volver as páginas de um livro ou abri-las com uma espátula. Só de raro em raro se levantava, cada dia a distanciar-se mais para o interior de si mesmo.

Morava no mesmo prédio uma escritora, Marisa Lira. Ela veio cumprimentar o pai do menino e oferecer à mãe o conchego de vizinha. Era folclorista e conversou alguns minutos sobre cajus e suas canções, mezinhas e nódoas. O pai lembrou-se de Juvenal Galeno e de Humberto de Campos e disse que, criança, também plantara, como este último, um cajueiro. Depois, calou-se, e enfunaram-se as velas de seus olhos.

No Rio, viviam três irmãos do menino. Filhos do primeiro casamento do pai, dois deles tinham ficado sob a guarda de cunhadas solteiras, na casa da sogra: o mais velho, advogado, estava há meses, em Correias, a ver se curava uma tuberculose boêmia; e o mais novo, a guerra o empurrara para junto de uma bateria antiaérea, em Fernando de Noronha. O do meio, entregue à irmã do Maranhão e a seu marido médico, foi o único a esperar o pai.

Era um rapaz bonito, com uma noiva ainda mais bonita, muito branca e de cabelos negros. Viera de São Luís cursar a Escola Naval, mas, reprovado nos exames de vista, passara à de medicina. E já era doutor. Chegou perto do menino quase a despedir-se: mais alguns meses e estaria de partida, como voluntário, para os campos de batalha da Itália.

Antes, levou-o, com as irmãs, para conhecer a avó e as tias dele. Viviam numa casa assobradada, dos fins do século XIX, com muitas janelas, porão alto e uma escada externa de ferro trabalhado. A velha enviudara no Porto, onde o marido fora cônsul-geral, e dizia-se que guardava dessa época de diplomacias o hábito de só dormir de madrugada e acordar depois das doze. Almoçava à tardinha e punha a mesa para o jantar quando os vizinhos já iam longe no sono. Com ela moravam um irmão, inteiramente surdo, e duas filhas, uma também a pôr-se mouca e ambas sorridentes, franzinas e desajeitadas, sem um único fio da rara beleza da primeira mulher do pai do menino.

A casa mostrava cortinas pesadas e cadeiras rococós com forração de veludo. Só causou ao menino menor estranheza que outra, a de um primo de sua avó, Clóvis Beviláqua, a quem fora ver tão logo chegara. Nesta, desde a entrada até quase a cozinha, todas as paredes cobriam-se de livros, as encadernações custosas contrastando com o desmazelo e até mesmo a sujeira das salas e dos quartos. Uma galinha despencou-se, a bater asas, da estante em que estava empoleirada. Outra, com todo o jeito de choca, saiu debaixo de um armário. Quem sabe se ali não tinha ovos?

— Tinha, com certeza — afirmou um parente de Viçosa. — As aves andam livres pela casa e fazem ninho onde querem. O Clóvis não deixa que

se mate ou se enxote sequer uma barata.

O pó cobria tudo, até a mesa de trabalho do dono da casa, baixo, de cabeça chata e bigodes mongólicos. A mulher — comentava-se em família — sempre fora aloprada, e o primo, um são-francisco. Com a idade, nela se acentuara a insânia, e, nele, a mansidão amorosa. Murmurava-se que o jurista escrevia os romances publicados com o nome da mulher, mas a seguir fielmente os enredos coxos que ela lhe ditava. E alguém afiançou que, nas recepções do Itamaraty, o ministro rogava aos diplomatas jovens que a cercassem e ao seu chapéu de plumas altas — d. Amélia de Freitas mordida-se por ser cortejada — e a impedissem de falar a quem mais que fosse.

D. Amélia recebeu o menino carinhosamente. E saiu com ele, despenteada, de robe e em chinelos, para o quintal, a fim de mostrar-lhe uma enorme jaqueira. Também a avó torta lhe falara de árvores. E, terna, quase o pusera no colo com um sorriso.

Os bondes do Rio eram maiores que os de Fortaleza e geralmente traziam um segundo carro de reboque. Pintavam-se de outra cor — de verde-escuro em vez de amarelo. Mas nem todos, porque amarelos e menores eram os bondes de segunda classe, os taiobas, nos quais se podia entrar de tamancos ou descalço e com grandes embrulhos, amarrados, caixas, caixotes, trouxas e cestos. Alguns deles eram fechados; outros, não. Fechados eram sempre os de carga, que traziam, sobretudo de madrugada, engradados de legumes e frutas para as quitandas e os armazéns, rolos de tecidos, móveis, fardos, sacos, feixes e tonéis, com todo o tipo de mercadoria, e até mesmo mudanças inteiras de escritórios ou famílias.

Ninguém estranhava uma sequência de dois, três ou mais carros elétricos, com reboque, a transportar um colégio inteiro ou um clube de futebol e sua torcida. Fretavam-se também bondes para matrimônios: os assentos eram forrados de branco, como os das linhas que levavam, à noite, as famílias para a ópera e as récitas no Teatro Municipal, mas, além disso, traziam um cortinado da mesma cor, a separar o motorista dos convidados, e flores por toda a parte. Testemunhou o menino a passagem de um só desses bondes: noivo e padrinhos iam de fraque, e todos sem cartola.

O menino nunca viu um enterro de bonde. Não o teria pasmado mais do que assistir, no Carnaval, à viagem sobre trilhos de verdadeiras salas de baile. A companhia retirava alguns bancos dos carros. E estes enchiam-se de foliões, do fantasiado ao sujo, com surdos, violas, tamborins, pandeiros, reco-recos, cavaquinhos, agogôs, trombones, trompetes, clarinetas, garrafas, latas e tudo que pudesse virar som, batida e ritmo. Quando um bonde passava por outro, as serpentinas, os confetes e os lança-perfumes eram as armas do encontro. Alguns rapazes desciam do carro para subir num outro. E, nas paradas, os pendurados nos estribos baixavam dançando e, se havia botequim por perto, iam nele tomar, apressados, um ou dois dedos de cachaça, para, em seguida, sair correndo atrás do veículo.

Nos dias comuns, vinha-se de bonde, lentamente, do centro da cidade para casa. As senhoras, de chapéu, com as compras sobre o colo. Os homens, engravatados, a ler os jornais. Enquanto se passava pelas ruas

ensombreadas de árvores, todos ficavam sabendo que os aliados tinham desembarcado na Sicília e bombardeado Roma, que Mussolini fora destituído e preso, e que Badoglio buscava a paz em separado.

Para o menino recém-vindo da província, a duplicação de trilhos durante todo o percurso e as repetidas bifurcações e cruzamentos eram motivo de perplexidade ainda maior do que o grande número de bondes a deslizar pelas ruas. Escapava-lhe a ordem de tudo aquilo: não havia choques; nenhum dos bondes seguia pelo trilho errado; e ônibus e automóveis os ultrapassavam sem problemas.

Dizia-se que o tráfego ficara mais fácil com a guerra. O racionamento de gasolina reduzira o número de ônibus e de veículos particulares. Muitos destes foram obrigados a recorrer, como os táxis, ao gasogênio. As adaptações dos motores tinham-se por imperfeitas e, por isso, não era incomum ver-se um sujeito com o paletó pendurado na antena do carro, a cabeça e as mãos, sujas de óleo e fuligem, mergulhadas no capô aberto, a amaldiçoar o gasogênio.

O racionamento de combustível fizera também com que os táxis passassem a percorrer trajetos predeterminados. De início, se o primeiro passageiro ia para o centro da cidade, o chofer indicava isto num cartão preso ao para-brisa e recebia outros clientes para o mesmo destino. Não se sentiu o tempo, e a maioria dos taxistas traçou para suas viagens roteiros precisos, e deles só se desviavam em caso de emergência. Havia táxis que faziam de um bairro ao centro ou de uma praça a outra, mas podiam alongar a viagem até um hospital ou o cais do porto. Em breve, também os particulares indicavam o destino no vidro da frente do automóvel. Aqueles que o tomavam sabiam que tinham de ratear o custo da gasolina do percurso, surgindo naturalmente, e naturalmente se impondo, taxas que não se sabia quem calculara, mas que a ninguém pareciam injustas.

O racionamento de leite, carne, ovos e outros gêneros era também novidade para o menino. Coisa que só conhecia de cinema. Do mesmo modo que as filas diante das leiterias e dos açougues, cada pessoa com os cupons que indicavam os litros ou quilos a que tinha semanalmente direito, de acordo com o tamanho da família. O pão deixara de ser branco, por ao trigo misturar-se milho ou mandioca. O azeite de oliva desaparecera das

mercearias ou era vendido a preços exorbitantes. E começara a haver carência de habitações, porque se interrompera o fabrico de casas novas.

Soldados americanos não passeavam pelas ruas, nem se ouviam as sirenes dos exercícios de *black-out*, como em Fortaleza, mas a guerra se chegara ainda para mais perto do menino. Parecia ter as mãos em todos, como se fosse a mestra de um teatro de mamulengos. À noite, ninguém se despregava do rádio e cada um seguia, nos seus mapas, os avanços e os recuos dos exércitos. Não mais se viam os montes da vitória, nos quais se acumulavam, para serem reciclados, pedaços de metal de todo tipo, mas coletava-se dinheiro para a França Livre. Ninguém tinha a vitória para breve e sequer por certa. Temia-se um súbito desforço alemão, uma nova virada no conflito. Falava-se de novas armas, terríveis, que Berlim já tinha em provas. E a hipótese de serem os suprimentos de gasolina e óleo interrompidos pelos submarinos do Eixo ardia por baixo da pele de todos.

A mãe matriculara o menino num colégio de irmãos maristas. Foi recebido com risos e troças pelos colegas, por seu sotaque de arataca, cantado e com as vogais muito abertas. O massacre de gargalhadas deu-se, porém, no seu segundo ou terceiro dia de aula, quando o professor lhe pediu que lesse um pequeno texto em inglês. E ele leu:

— Xe sau some bigue Cristímas três in te fiélde tó-dai.

Pouco depois, não se revelou menos cômico na classe de francês. E sentiu-se confuso e aflito na de latim.

Era agosto e o ano letivo já entrava na fase final. O menino saíra de Fortaleza na terceira ou quarta declinações e sem compreender bem para que serviam acusativo, dativo e ablativo, e encontrava a sua nova turma a traduzir o *De Bello Gallico*. Tinha ano e meio de francês contra quatro e meio dos novos camaradas de curso. E apenas seis meses de um precariíssimo contato com a língua inglesa. Sentiu as pálpebras pesarem de desânimo: não ia poder acompanhar a classe.

A coragem voltou-lhe, passados dois dias, quando o professor de história, que era o mesmo de inglês, mandou-o, de pé, dizer o que sabia sobre os déspotas esclarecidos do século XVIII. E ele soltou-se, fluente, desembaraçado e cheio de entusiasmo, a falar de Frederico da Prússia, da imperatriz Catarina e do marquês de Pombal. Olhou em volta e viu a atenção dos colegas a abraçá-lo: havia conquistado o seu espaço de respeito. É verdade que o marista lhe retocou a imagem de Pombal, mas não sem antes lhe elogiar a eloquência. Pois ele fizera, em vez de uma exposição, vinte e tantos minutos de discurso em praça pública.

Depois do recreio, o professor de português, que também lecionava latim, possivelmente informado do que se passara, resolveu, também ele, pôr a teste o menino. Mas de maneira indireta: deu à turma uma redação. Na aula seguinte, anunciou que a melhor de todas fora a do novo aluno, tão atrasado em latim, em francês e em inglês. Chamou-o de parte no intervalo e disse-lhe:

— Aplique-se, que você passa de ano.

O menino entregou-se com afinco aos estudos. Em vez, porém, de retomar do princípio as lições de idiomas e de preencher o buraco que tinha em matemática, concentrou seu esforço em decorar o que se dava em classe, ainda que dos textos não entendesse a metade. Guardava de cor regras de sintaxe latina, sem saber direito a primeira conjugação dos verbos. Desconhecia os mais simples usos da gramática francesa, enquanto aumentava o número de palavras que era capaz de traduzir, mas cuja pronúncia quase sempre lhe saía equivocada. Levantava-se da mesa de trabalho derreado e zozzo. E ainda tinha de lutar, frequentemente, contra a enxaqueca, contra as lâminas de luz e sombra que se sucediam sobre as páginas do livro, um lado da fronte esfolado de dor, a ler com um olho só, que o outro se fora para longe de seu rosto.

Saía-se mediocrementemente nas provas dessas matérias em que tentava correr atrás da turma. Caminhava com ela em todas as outras, ainda que tivesse de virar pelo avesso muito do que até então aprendera. Alguns dos heróis de suas leituras eram semivilões para os maristas, e vice-versa, como lhe mostraram os reparos feitos à imagem que tinha de Pombal. Viu-se obrigado a esquecer Darwin e a evidência do pitecantropo. Pôs na sua gaveta de coisas íntimas o fascínio por Buda e Açoca, pelo *Cândido* de Voltaire, pela Revolução Francesa, por Alexandre Herculano. Só não encontrou força para desenhar como os “padres” desejavam. Seria trair as mãos do pai dedicar-se a sombrear lenta e meticulosamente berinjelas e maçãs, em vez de iluminá-las com a rapidez de um traço.

Do outro lado da rua em que morava o menino, havia uma vila de casas pequeninas. Era uma espécie de beco, que saía da calçada, os dois renques de habitações idênticas, com porta e duas janelas, a se olharem frente a frente, de perto.

Vivia ali uma gente triste, que falava, quando falava, embrulhado, os homens em geral de barba e chapéu, vestidos de negro ou cinza. Um dos garotos, magrinho e fosco, explicou ao menino que era judeu, que escapara com os pais da Polônia para o Brasil, ajudado pelos franciscanos. Fora frei Pedro Sinzig, do convento de Santo Antônio, quem arranjava para o avô e para o pai o primeiro trabalho. Agora os dois compravam e vendiam coisas usadas.

De início, os judeuzinhos não aceitavam a comida que lhes ofereciam, nos intervalos dos jogos, as mães dos outros gurus da vizinhança. Explicavam, com simplicidade, que não era feita segundo as prescrições religiosas deles. Depois, a acompanhar a rapidez com que foram perdendo a pronúncia arranhada, passaram a receber com um muito-obrigado um pé de moleque e a provar sem hesitação uma taça de abacate com leite. Com os seus, desistiram do silêncio e da tristeza. Só os mais velhos guardaram o chapéu, a roupa escura e a gravata. As moças puseram-se sorridentes nos vestidos estampados, e os rapazes apareciam na calçada em camisas de mangas curtas.

Para o menino, tudo se passava como se, nos vizinhos, o sábado se tivesse imposto sobre os outros dias. O sorriso e a roupa clara limpavam da pele a tristeza encardida. Certo brilho de medo, constante no olhar, foi-se fazendo raro. E as mulheres deixaram de falar baixinho.

Da boca do guri, ele jamais tirou a história das perseguições e da fuga. Como se houvesse fatos que não deviam nunca mais voltar à lembrança ou ao sonho. Às vezes, o amigo parecia, apesar do calor, agasalhar-se. Punha-se todo encolhido, a um chuveiro frio que lhe vinha de dentro. E, num certo entardecer, contou ao menino que parecia estar sempre em viagem e tinha no coração alguma coisa de pássaro, mas de um pássaro

que houvessem levado numa gaiola para bem longe e solto numa terra onde até as árvores lhe fossem estrangeiras.

— Você também não sente que está numa vida que nunca foi a sua?

O colégio começava às onze da manhã e ia até as cinco. Exceto às quintas-feiras, quando os alunos saíam desabalados, a um quarto para as duas, a fim de pegar a primeira sessão de cinema.

Na praça, eram cinco as salas de espetáculos. Uma delas cobrava menos da metade das outras, por não dispor de ar-condicionado, ter cadeiras de pau em vez de poltronas estofadas e exhibir filmes já velhos, dois em cada programa. Graças a isso, o menino pôde ver, mais de uma vez, no “poeira” — o cinema de cadeiras de pau —, antes ou depois de uma película de guerra, *Branca de Neve e os sete anões*, Buster Keaton em *O homem-mosca*, Greta Garbo como *Ninotchka* e uma fita em que Simone Simon, de olhos rasgados e maçãs do rosto muito largas, virava, certas noites, uma pantera negra. Na ponta do banco, quase a puxar pelo paletó o namorado que dela poderia ser mais uma vítima, ele os acompanhava na visita ao zoológico, e suas mãos gelavam, quando, ao roçar as grades, um outro felino, preto e brilhante, reconhecia, num rosar entre irado e amoroso, o seu igual sob a forma de gente.

Noutro dos cinemas, havia, aos domingos, a sessão juvenil, a que o menino não faltava, não tanto por Tarzan, o Gordo e o Magro ou os Três Patetas, mas pelas fitas em série — a de Dick Tracy e seus bandidos de rostos deformados, a de Flash Gordon, a de *O império submarino*, com as grandes redomas que cobriam, sob as águas, as suas cidades e as protegiam dos homens-peixes.

O que mais o apaixonava num filme em série era o virar pelo avesso da cena final de um capítulo, no início do episódio seguinte. Algo que se mostrara como indiscutivelmente real tornava-se num engano dos olhos, incapazes de ver que, se na tela o trem corria por sobre o corpo da mocinha desacordada, do outro lado da locomotiva galopava o herói, para salvar, na rapidez do instante, a jovem loura e sardenta. O menino punha toda a atenção nas imagens, em busca das pedras ou das raízes que deteriam a canoa do caubói, a despencar cachoeira abaixo. Debalde. Para ele, não havia mais que o entrechoque das águas. Passava a semana com a imaginação pulando corda, mas sem sair do lugar, para, no outro domingo,

descobrir que não surpreendera, mal o rio começara a agitar-se, o salto do vaqueiro para a margem, nem vira que, desde há muito, ia a piroga vazia.

Talvez, do lado de fora da sala de projeção, na calçada, sob a sombra das árvores, as coisas também só existissem quando alguém as olhava. Talvez ele próprio não fosse um meninote a caminhar para casa, na tarde ensolarada, se um outro não lhe visse o corpo e o mover dos passos. E esse outro, será que viveria, se ele agora o não imaginasse? Sentiu, de súbito, que o passar do seu tempo também podia inverter-se como no cinema e não mais contar os dias, um após outro, porém, ao revés, de viagem da morte para o nascimento, em vez do nascimento para a morte, pois isto de estar vivo era apenas um intervalo entre duas escuridões e entre dois silêncios, uma pausa no nada. O mundo apequenou-se dentro dele — não só o canguru passava a ser um sonho, como o fora o unicórnio, mas também era um sonho o canteiro florido, e de um deus ocioso. Ele fechou as pálpebras, com dó de si mesmo, abandonado no absurdo de um minuto que duraria anos de pulsações inúteis.

Quando de novo abriu os olhos, a claridade do céu baixara sobre um banco do jardim, com a pintura dos pés de ferro a descascar-se e o assento e o encosto de madeira roídos, porém, ali, sobre o saibro, junto à grama, belo como a alegria, na nitidez de seu contorno e no fluir de cores da matéria que se gasta. O zarcão e a ferrugem que afloravam das mágoas do banco como que lhe diziam não ser ele, o menino, uma sombra imaginada, mas real e feliz no jardim vespertino.

Tudo isso o menino deve ter segredado em voz baixa, porque, ao chegar à casa, encontrou a mãe aflita. Uma vizinha apressara-se em contar-lhe que vira o menino, ao sair do cinema e ganhar a praça, gesticulando e falando sozinho:

— Leve-o ao médico, depressa. Só há um sinal pior de ir-se em doido: escrever versos.

O menino tranquilizou a mãe. Há vários meses — disse-lhe — não escrevia versos; só desenhava. Quanto a falar sozinho, isto lhe vinha do gosto de sentir as palavras na boca, claras como traços no papel. E saiu, rindo, para esconder-se no quarto, e imaginar em quadrinhos a sequência do filme em série que acabara de ver. Logo nas primeiras cenas, esboçou um

velho barco, machucado pela praia, com as linhas que recolhera do banco de jardim.

Foi no fim do ano que se sentiu estrangeiro. Pelas ruas não passavam os pastoris nem os reisados. As casas não tinham lapinhas, e, nas das igrejas, a paisagem não se estendia além da Galileia. Faltava felicidade àqueles presépios castanhos, sem o giro das rodas-gigantes e patinhos a nadarem em lagos de espelhos. Nada de guardas atrás de ladrões. Nada de zepelins e de misturas de séculos. Nas vitrines das lojas, piscavam, como no cinema, as luzes das árvores de natal, e nisto se esgotavam a novidade e a alegria.

Deu-se conta, então, de que a sua casa havia mudado de roupa e ritmo. Desde o despertar, quando, em vez de se enrolarem as redes, se estendiam os lençóis e as colchas das camas. O próprio café da manhã se empobrecera. A falta do cuscuz e da broa de milho, da tapioca e do beiju compensava-se, porém, ao almoço, com legumes e verduras que o menino, até há pouco, só conhecia das revistas: a cenoura, as abobrinhas, a beterraba, o nabo, a couve-flor, o rabanete. Não se punha mais, em todas as refeições, a farinha sobre a mesa. E havia outras comidas que entravam no cada dia, como salsichas, mortadela, presuntada, salame e polenta, que se podiam pedir ao armazém da esquina, pelo telefone. O aparelhinho negro, pendurado na parede, substituía os moleques de recado, a troca de bilhetes e algumas viagens curtas de bonde.

Nunca mais o menino vira as amas de cócoras ou na posição do socó, com um dos pés, o esquerdo, no chão, a planta do direito contra a parte interna da coxa. Era assim, a fazer um quatro, que as encontrava, dantes, a ensopar na caneca de café com leite o pão amanteigado. Haviam também dito adeus ao hábito de ir à porta descalças, quando, em vez do bater de palmas, soava a campainha.

Não era certamente a menina do lado. Esta não tocava o timbre nem pedia licença, ao entrar pela porta da cozinha e ir até o quarto do menino, interromper-lhe a leitura. Vinha, leve, alourada e mansa, e, mais de uma vez, lhe empurrou do livro e da mesa o corpo e a cadeira, para sentar-se em seu colo. Às vezes, chegava por detrás e o beijava na nuca ou lhe desmanchava os cabelos.

Era feiosa a menina. Ou talvez estivesse a meio da travessia desengonçada entre a beleza da infância e uma outra beleza. Tinha o rosto redondo e de aparência achatada, pelo nariz pequenino e os olhos muito apartados um do outro. Sentava-se à beira da cama, no seu vestido de florinhas quase desbotadas, e se punha à espera de que o menino fechasse o livro para lhe dar conversa. Enquanto isso, esfregava o bico das sandálias no soalho encerado.

Pois deixara-se de lavar o chão com areia da praia. E de varrer a casa, que agora se aspirava. Dos antigos ritos de limpeza, sobrara o jogar água sobre os ladrilhos da cozinha e depois enxugá-los com o rodo, o lavar ruidoso dos copos e dos pratos, o esfregar da palha de aço nas panelas. Não se coravam mais as roupas, que recebiam, nos arames, o pouco sol que passava apressado pela área de serviço.

O menino sentia a falta, aos domingos, dos rapazes, com banjo, violão ou cavaquinho, que vinham tocar para o pai ou cantar-lhe versos. Nunca mais apareceram os poetas, como aquele caboclo jovem e acinzentado, de orelhas enormes e acabanadas, que disse chamar-se Aluizio Medeiros e, numa tarde de calor, em Fortaleza, leu para o pai e o menino todos os poemas de seu primeiro livro. A ausência maior, porém, era a da porta vizinha da casa da avó, com o tio narigudo a pagar o cafuné com as moedas do sorvete.

Via-se logo que era irmã da avó. Além do mesmo perfil e do mesmo talhe fino, mostrava a mesma elegância descansada no andar, como se usasse sandálias de sola rasa. Tinha também olhos azuis. Só os cabelos eram diferentes: alourados em vez de pretos.

O menino, na subida de automóvel para Teresópolis, examinava-a com a ponta do olhar. Notou logo, atrás da serenidade de grande senhora, um nervosismo entranhado: uma de suas pálpebras piscava constantemente, detendo-se algumas vezes, por um instantinho de nada, sobre a pupila. Falava de modo lento, com um sotaque de cearense que mais de trinta anos de Rio de Janeiro não tinham conseguido atenuar. Parecia até que o buscava defender com teimosia, acentuando o arrasto das palavras e o cantar das frases. Não ocultava a voz baixa e serena a firmeza do mando, mas mandava como quem pede. Carinhosamente.

Ia o menino passar um mês de férias na casa de verão da tia-avó. Uma casa na qual, apesar do frio, se dormia em rede e em cujo jardim cheio de hortênsias havia um quiosque de base redonda, onde, à tardinha, se servia o chá.

O principal assunto das conversas, nos primeiros encontros no quiosque, seria sempre o grande desastre acontecido um ano antes: as rodas dentadas de um trem, ao subir a serra, não se haviam ajustado, em certo momento, à cremalheira, e a composição, descarrilada, precipitara-se para trás, os carros a se engavetarem uns nos outros. Cada um dos presentes tinha sua história sobre mortos e feridos que ajudara a recolher. E apontava os lugares da casa que se tinham transformado em enfermaria.

A uma pessoa a conversa ensanguentada incomodava; e esta pessoa começou a puxar um outro assunto, em voz baixa, com o menino. Falou-lhe de sua paixão: o cinema. Não perdia uma só fita, fosse boa ou má, esse primo franzino. Ele próprio filmava. Tinha a vida de seus filhos em celuloide e registrava as festas da família, as geadas, a colheita das laranjas e das peras. Sua ambição era fazer um filme com enredo. Contentava-se, por ora, em produzir pequenos desenhos animados, num estúdio que improvisara em casa.

— Em preto e branco, claro. Mesmo assim já custa muito dinheiro.

Sua mania de cinema era sustentada, com paciência e afeto, pelos irmãos e cunhados. Enquanto estes se ocupavam com ações, bancos, indústrias, lojas de departamentos, empreendimentos imobiliários, fazendas e granjas modelos, ele se afligia com a saúde de gatos e cachorros e vacinava cavalos, carneiros e novilhos. O primo, na verdade, respirava como poeta: se o cinema, para o menino, era um convite à viagem, para o outro era uma forma de chegada.

Com o primo veterinário tornavam-se fáceis as confidências, a começar pela mais difícil. Disse-lhe sem disfarce o que vinha buscando esconder de todos, a vergonha de estar, desde que chegara à serra, noite sim, noite não, urinando na rede. Deixara de tomar água após as seis da tarde e, já deitado, afastava por muito tempo o sono, com quatro, cinco ou seis idas ao banheiro. Inútil. Lá pelas tantas, acordava a sentir um molhado quente, que logo em seguida esfriava. Batia-lhe uma preguiça imensa, mas levantava-se, enxugava o chão com a roupa suja da véspera, forrava com o cobertor a rede e nela se envolvia, encaramujado. De manhã cedo, antes de a enrolar no armador, punha ao sol da janela, por alguns minutos, a parte úmida da rede.

Não enganava, contudo, a tia-avó. Esta lhe disse, quase num sussurro, que ele devia, na volta ao Rio, consultar um médico, para descobrir o porquê das dores de cabeça e de certas coisas que lhe passavam e eram coisas de criança pequenina. E ela sorria com todo o rosto, como se, em vez de um ralho dissimulado em conselho, lhe estivesse oferecendo o pêsego mais maduro do avental cheio de frutas.

Um dos filhos da tia-avó era casado com uma inglesa e tinha um garoto que andava pelos seus doze anos e logo se tornou grande amigo, naquelas férias, do menino. Os dois raramente jogavam bola ou peteca, ou corriam no grande relvado que cercava a casa de verão do primo; preferiam ficar à sombra de uma árvore, sentados na grama, a discutir os livros de viagens que estavam lendo, sobre a China, a Arábia e as ilhas do Pacífico, e a confrontá-los com as histórias de Júlio Verne.

Para o menino, entrar na casa do primo pela porta da frente era pôr os pés dentro de fita de cinema. O vestíbulo, com a escadaria que levava ao pavimento de cima, o salão, a sala de jantar e a biblioteca — tudo coberto de lambris de madeira escura — pareciam chamar à vida personagens de uniformes bordados em ouro, de casacas com peitos rendados, de turbantes indianos e fardas de gala, de longos vestidos de brocado ou *voile* de seda, a beberem à saúde do rei. O pai da prima como que trouxera a casa da Inglaterra, intacta, quando o medo da tuberculose o expulsara do frio e da umidade de seus pagos.

No dia em que lhe disseram para vestir-se direito, pois um conde vinha tomar chá em casa, o menino sonhou-se em Londres. Ainda mais, ao ver que armavam um pequeno pavilhão de lona no jardim, com mesas e várias cadeiras de ferro branco, para o que seria um pequeno *garden party*.

O menino jamais vira marquês, barão ou conde. Este que subia o jardim, de braços dados com a prima, aguava qualquer curiosidade. Moreno arruivado, mais para baixo do que para alto, de cabelo quase à escovinha e bigode grosso cortado rente, usava botas de cano curto, calças de lã cinzentas, paletó de *tweed* com reforços de camurça nos cotovelos e gravata preta sobre a camisa azulada. A roupa parecia, porém, ter nascido com ele, e era tão impecável sua elegância, que o menino, poucos anos mais tarde, quando começou a ler Proust na tradução espanhola de Pedro Salinas, puxou-o da lembrança pelas mãos, para melhor compor a imagem de Swann.

Falava mal o português, o conde. Perto dele, a música da voz da prima não mostrava a menor entonação estrangeira. Ela não tinha sotaque;

apenas delineava com nitidez cada palavra; e de um jeito manso, que ia bem com seus cabelos castanhos quase negros, com sua pele muito branca e com seus olhos escuros, ainda que azuis.

A conversa no jardim derivou, num certo momento, para o que se faria, após a guerra, com os colaboracionistas e os mornos. O conde, que era francês, pedia, andando de um canteiro a outro, o ostracismo para escritores e artistas que tinham demonstrado indiferença, como Valéry, à ocupação alemã e à ignomínia do regime de Pétain, e castigo para os que confraternizaram com o invasor. Como Maurice Chevalier.

O menino enterrou-se na cadeira, à espera de uma discussão que não houve, quando a tia-avó reclamou ser uma pena que os estragos da guerra se prolongassem na paz e se deixasse de ouvir as canções de Chevalier, cujo sorriso lhe fazia tanto bem. E acrescentou:

— Não há nada nem ninguém que se pareça mais com a França do que ele.

O conde polidamente parecia guardar as armas, com um assentir da cabeça, mas grunhia:

— Na covardia e na falta de vergonha.

O menino olhava para o broche com que a prima pregara a gola da blusa. E, de repente, o dourado começou a mover-se, contraindo-se e expandindo-se. A louça do bule com que se servia o chá fez-se em espelho batido pelo sol, e todas as coisas foram sendo envolvidas por uma luz feroz. A náusea dominou o menino, enquanto a pálpebra esquerda se rasgava com uma dor afiada, que ganhou a face e se estendeu até a narina entupida. Zonzo e de boca seca, o menino sentiu chegar o bater insistente do martelo sobre a metade da cabeça, com uma violência contra a qual não tinha forças. Pesava-lhe o peito, e todo o seu corpo passou a ser bicado por aves que não via.

Fugiu para dentro de casa e, no banheiro, vomitou o vazio do estômago. Sem alívio, conseguiu deitar-se no quarto, antes que começassem a repetir-se, entre o torpor e a vigília, as mesmas imagens de céus a se abrirem em abismos luminosos. Delirava, em prantos, quando vieram acudi-lo. Os rostos da prima e da tia-avó multiplicavam-se, deformados, no espaço, e em seu ouvido moviam-se incessantemente as mesmas frases.

O médico aplicou-lhe uma injeção na veia, e o menino dormiu por mais de duas horas. Essa fora a enxaqueca mais forte que jamais tivera — explicou, depois, a todos os que se encontravam na sala, ao redor da lareira —, mas, graças à injeção, não se alongara além do acordar, ao contrário daquelas a que estava acostumado e que o afligiam durante todo um dia e atravessavam a noite e os pedaços de sono.

Chovia. Talvez por isso o interior do palácio parecesse ao menino tão escuro, apesar das luzes acesas e dos mármore e cobres que as refletiam. Era a primeira vez que ele ia ao Catete. Para fazer uma visita a Getúlio Vargas.

Um contínuo de dólma escuro e botões dourados acompanhou-o, escada acima, até o amigo do pai, um homenzinho de cabeça grande, de óculos e estrábico. Foi ele quem lhe abriu a porta para a sala onde, de pé, quase a encostar-se na mesa pesada, estava um gorducho baixo, sorridente, de testa ampla e sobrancelhas grossas, óculos sem aros e jaquetão de gola larga. Getúlio tinha ao lado dois homens esbeltos, altos e bem-vestidos. Um, moreno, de cabelo ondulado e cortado curto, e o segundo, de rosto longo e nariz forte, com as melenas como a se repartirem pelo meio e a caírem sobre as orelhas.

— Este é o filho do poeta — apresentou Getúlio, após apertar a mão do menino.

— Sou Múcio Leão — disse o moreno.

— Olegário Marianno — falou o outro.

De Olegário, o menino havia lido *O evangelho da sombra e do silêncio*, *Água corrente* e *Cidade maravilhosa*. O pai sempre lembrava o nome do amigo de mocidade, não sem invariavelmente acrescentar-lhe um epíteto, “o poeta das cigarras”. E quando, aos domingos, o menino trazia para casa o jornal *A Manhã*, o pai apontava para o nome, no alto da primeira página, do diretor do suplemento “Autores e Livros” e exclamava:

— Múcio Leão, filho do meu mestre Laurindo Leão!

Getúlio abriu a conversa, lembrando a prisão do pai do menino pelos próprios companheiros de bar e livraria, em 1930. O poeta representava, no Rio Grande do Sul, o governo federal e recusara-se a aderir à Revolução.

— Só tinha amigos entre nós — esclareceu Getúlio. — Tanto que a rapaziada correu a libertá-lo. O Augusto Meyer. O Vianna Moog. O Athos Damasceno. Você mesmo, Andrade Queiroz. E o poeta irreduzível: “Represento o Governo e não o abandono. Fico preso.” Ele pensava, e com

razão, que os funcionários públicos não devem fazer política. Servem ao Estado, e pronto.

Ninguém se sentara. E, à roda em pé, Olegário recordou que o poeta, embora geralmente reservado e casmurro, era um companheiro, nas conversas noite adentro, e um dançarino animadíssimo:

— Brincamos juntos um Carnaval, faz uma eternidade. Ambos fantasiados e bebedíssimos.

E voltando-se para o menino:

— Isso, creio, no tempo em que o Mário Rodrigues dirigia o *Correio da Manhã*. O Mário era um dos maiores amigos de teu pai. Para ele, não havia maior poeta sobre a terra.

À saída, o menino passou por várias salas. Numa delas, se não estivesse doente, o pai teria a sua mesa. Ele não viu, porém, uma única escrivaninha desocupada. O pai como que perdera o seu lugar no mundo. Dele só se falava no passado.

Visto desta banda, parece magoado. Desta outra, parece estar dormindo. E de frente, vê-se que vai chorando. Seco de lágrimas e sereno, vai, levado pela balsa dos dias, no seu pijama largo, os pés macios nos chinelos, os bolsos cheios de barbantes — os barbantes que recolhia pela casa e enrolava frouxamente em dois dedos da mão. Vai descendo o tempo que não sente, sentado na cadeira de braços, um livro no colo, a olhar o vazio ou a memória, sem passeios após a chuva, sem passarinhos a que dar de comer e de beber, ainda mais solitário do que antes.

O menino chega junto dele e lhe acaricia os cabelos. Do pai que parece dormir, recolhe o pranto da alma e a tristeza que sobe, ao longo do cafuné, pelos seus dedos. Agora já sabe que o milagre é impossível, que o pai não acordará, um dia, dourado de sorriso. Agora já sabe que o pai é o esquecido, o para sempre noturno, o mãos-cheias de lótus, o embora vivo no exílio de seu barco, sem remos e sem velas, sozinho e destronado. Agora já sabe o que deve ser um deus a refazer o nada.

O menino tinha um padrinho, que morava a uns cem metros, logo depois do dobrar da esquina. Não chegara a haver a crisma, por ser o amigo do pai ateu e marxista, mas ele era o padrinho, e o menino, o afilhado.

Sobre a garagem da casa, um pequeno apartamento simulava um navio. Diante da janela muito ampla, ficavam o timão e a mesa de instrumentos, recolhidos de um vapor naufragado. E, por perto, viam-se a bússola, o quadrante, o sextante, os cronômetros, a mesa de mapas, todos os equipamentos de sinalização, inclusive os naipes de bandeiras. Nas paredes, gravuras de barcos. Sobre os móveis, binóculos, lunetas, miniaturas de navios antigos. Nas estantes, livros sobre náutica e com histórias de aventuras marinheiras.

Sonhara o dono da casa com outro destino que não o de cobrar impostos. Em vez de capitão de longo curso, a vida o enroupara de publicano. Tecera sua pequena desforra: colecionar restos de navio, afastar-se para longe de quem era, nas lojas de ferro-velho, nos alfarrabistas e no passadiço que construía em sua residência e ao qual se vedava, exceto para a limpeza, o ingresso de mulheres.

As da família eram quatro, todas amigas de missa. Uma delas, irmã do padrinho e a quem este, em brincuedos de infância, vazara um dos olhos com um garfo, ia à igreja diariamente. Entendida em música, tinha o quarto cheio de livros. Foi ela quem pela primeira vez falou ao menino de Mignone, Villa-Lobos, Gabriela Mistral, Manuel Bandeira e Jorge de Lima — tudo gente de seu convívio e afeto.

Uma das mocinhas da casa tocava piano. A outra dizia versos. A mãe das duas espalhava carinho em derredor. Era uma senhora gorda e baixinha, com um perfume bom e olhos ainda melhores, inteligentes e ternos, atrás dos óculos. Tinha também sua mania: manter a casa permanentemente em obras. Mal acabava de reformar um banheiro, refazia o piso do pátio. E, quando se punha fim a este trabalho, dava ordens para que se dividisse a copa ou se mudasse o corrimão da escada.

O menino contou ao padrinho como fora a visita a Vargas e como este lhe parecera em tudo diferente, simples de palavra e de sorriso, da imagem

que dele tinha feito.

— E por que teria de assumir ares solenes? Não passa de um servidor nosso, meu e seu. E é a todos nós que um dia prestará contas.

O menino lembrou-se de que entrara no Catete tenso e inseguro, para sair como quem acaba de falar com um vizinho na esquina. Só continuavam a intrigá-lo as mãos de Getúlio, mantidas quase sempre mergulhadas nos bolsos. Eram longas e finas, a conflitarem com o corpo rotundo e, sobretudo, com as bochechas e as papadas de seu rosto.

A mocinha acompanhava ao piano o irmão do menino. Ele descera de Correias por uns dias, antes de seguir para Campos do Jordão, num fim de tratamento que era, na verdade, uma demorada convalescença. Lá teria chance, sem risco de recaída, de começar, aos poucos, a exercer a advocacia.

O irmão não apresentava a aparência dos típicos que o menino topara nos livros. Forte e corado, vestia-se com apuro e elegância, o laço da gravata muito teso, o lenço bem dobrado no bolso do paletó, as meias longas e os sapatos sem mancha, como a saber que tudo aquilo completava o desenho de um rapaz bonito. E com boa voz. Que sabia cantar os *blues* da moda.

No último ano da faculdade, ele e mais dois amigos decidiram formar um conjunto vocal, com um deles ao piano. Atuaram, por alguns meses, com êxito, num grande cassino. E saíam, todas as noites, do *show* para a roleta e a boêmia. Até que um deles começou a tossir e se desfez numa tuberculose galopante. Logo depois, o irmão do menino seguia com sua febrícula para a serra. Só não deixou de cantar o que também tocava piano. E manteve o nome de guerra: Dick Farney. Em inglês, como os dos outros dois companheiros.

O colégio foi ver a partida dos pracinhas. De uniforme de casimira azul-escuro, luvas e polainas brancas. Na avenida, havia muita gente, com a homenagem das melhores roupas, para dar adeus aos que iam à guerra.

De repente, começaram os vivas e os aplausos:

— Lá vêm eles!

O menino procurou, entre os que marchavam, cantando, o irmão. Soube depois que embarcara, com colegas do corpo médico, muito antes do início do desfile. Foi como se o menino não tivesse ido à avenida: voltou para casa, decepcionado e capiongo.

A partir daquele dia, nos mapas em que se acompanhava a guerra, sempre se marcariam os lugares onde estavam os expedicionários. Desde a chegada a Nápoles até Montese.

Por ora — comentava-se — o verão europeu permitia que os brasileiros usassem os uniformes a que estavam acostumados, mas, com a chegada do outono, precisariam de roupas mais agasalhadas e quentes. Senhoras e moças dedicavam-se a tricotar suéteres, luvas, meias e capuzes de lã para os pracinhas, e sentiram-se defraudadas, ao saber que tudo aquilo era leve demais para o inverno italiano e que só fardas vindas dos Estados Unidos podiam vestir os pracinhas para os ventos gelados e as nevadas. Restava-lhes o consolo de que talvez os rapazes pudessem alegrar-se com a goiabada, a farinha de mandioca, o feijão preto, a banana-passa e o café com que enchiam as caixas mandadas por elas do Brasil para a Frente.

À noite, ouvindo o rádio, o menino ficava imaginando por onde andaria o irmão. As cartas recebidas pela noiva nunca indicavam o lugar de origem. E, quando o nomeavam, é porque a rapaziada dali já havia partido. A exceção foi Pisa, de onde o menino teve dois postais: um do cemitério e outro da torre inclinada. Lá o irmão demorou-se várias semanas, a tratar de feridos e enfermos — a doença mais comum era o medo, e a que pedia os mais carinhosos cuidados — num hospital do IV Exército norte-americano.

Nas fitas de cinema, ninguém saía à rua sem chapéu. Ao redor do menino, começava a ser grande o número dos rapazes de cabeça descoberta e das moças que substituíam os chapéus, após a moda das boinas e dos turbantes, por laçarotes de seda, pentes, fivelas e raminhos de flores. Os chapelões de abas largas, ou com véus, ou encimados de pássaros, cachos de uvas ou grupos de maçãs, peras e ameixas, iam-se encaminhando para os casamentos, as missas, as paradas militares, as formaturas e as posses de ministros. No verão, os feltros e os próprios chiles e panamás já se despediam dos senhores elegantes.

O calor explicava a deserção dos chapéus. Mas não o sumiço dos leques. O menino sentia falta do bater de asas deles, agora que só eram usados raramente, nos dias de maior calor, quando alguém se lembrava de ir buscá-los em alguma gaveta, em vez de refugiar-se, a partir das duas da tarde, numa sessão continuada de cinema. Entrava-se, muitas vezes, na sala de projeção mais pelo ar-condicionado do que pelo filme. O tipo via a película e depois deixava-se ficar na sala fresquinha, por mais duas ou três horas, a cochilar na poltrona.

Sentada na cadeira de balanço, a amiga da mãe contou ao menino que, em seu tempo de moça, havia uma linguagem dos leques. Conforme a velocidade e o jeito de abri-lo, o ritmo, a altura e a inclinação de seu abano, a maneira de fechá-lo e de batê-lo contra a outra mão, o modo de com ele encobrir ou ressaltar o rosto, podia-se revelar ao namorado a aquiescência ou a recusa, a alegria ou o desgosto, a impaciência, o dengo, o amuo, o cansaço ou a pressa, acentuar um sorriso e até mesmo marcar a hora de um encontro.

Ninguém mais saía de casa com seu leque. Tinha o ar de egressa de uma sala forrada de papéis estampados ou de um jardim antigo, com chorões e pontes japonesas, quem se abanasse com um leque à beira da calçada ou, antes de atravessar a rua, abrisse uma sombrinha para guardar-se do sol.

Na praça, uma casa antiga, de três portas, vendia livros. Mas tinha por principal negócio o de papelaria. Atendiam ao balcão o dono, um homem de meia-idade, baixo, magro e grisalho; o seu filho, um rapaz risonho de óculos; e uma senhora jovem, morena e rechonchuda, que o menino nunca soube se era a mulher de um ou do outro.

O menino começara como freguês da papelaria. Comprava regularmente papéis de desenho, lápis, vidros de tinta e as canetas fininhas para nanquim, cujas penas escarrapichavam à toa. A sua mãe era quem, desde o início, ali adquiria livros e punha, de vez em quando, sobre a mesa dele algum dos grossos volumes de divulgação cultural de Hendrik Wilhelm Van Loon, impressos num papel acinzentado, áspero e malcheiroso — o papel de tempo de guerra —, porém com umas ilustrações nervosas, que, mais parecendo rabiscos, davam velocidade à imaginação do menino.

Três desses livros, ele os releu muitas vezes. Voltava com frequência aos jantares de *Vidas ilustres* e às histórias de famílias de artistas — os Bach, os Brueghel, os Holbein, os Bellini — que havia em *As artes*, e punha todo o esforço em não confundir os tipos de embarcação à vela que se descreviam em *Navios*, para poder conversar com o padrinho.

Entretanto, as imagens dos grandes escritores não lhe vinham dos desenhos de Van Loon — nos quais Erasmo aparecia de costas, a atizar a lareira. Vinham-lhe de uma outra obra, *História da literatura universal*, de um certo John Macy. Ganhou-a juntamente com os dois volumes de *Maravilhas do conhecimento humano*, de Henry e Dana Adams, nos quais ele viu a primeira reprodução a cores de um Portinari (a *Favela*, do Museu de Arte Moderna de Nova Iorque) e também um casamento, de Lula Cardoso Ayres, com personagens que eram bonecos de barro numa paisagem de argila; e o *Gótico Americano*, de Grant Wood; e um quadro em que um arado, com seu homem e seu cavalo, lavra uma gleba ondulante e contorcida como o bosque e o céu que a envolvem. O menino guardou o nome do artista e encontraria mais tarde, inúmeras vezes, ressonâncias desse quadro em outros pintores, todos ingratos, porque jamais

mencionavam, entre seus mestres ou suas admirações, Thomas Hart Benton.

A separar as portas da pequena loja de papéis e livros, subiam montras estreitas e envidraçadas. Com o tempo, o menino foi aprendendo a retirar dali as novidades e a buscar lá dentro, na estante servida por uma escada e a cobrir toda a parede, as edições mais antigas. Comprava os livros mais pelo preço do que pelo título. Não cabia, por isso, senão de vez em quando, um romance em sua semanada, que, pequenina, tinha de ser repartida com o cinema, os suplementos literários dos jornais de domingo e as revistas de histórias em quadrinhos, pois não dispensava as aventuras do *Superman*, do Capitão Marvel, do Tocha Humana e do Príncipe Submarino.

Baratos eram os livros de ensaios de Afrânio Peixoto, com quem tanto aprendia: *Ramo de louro*, *Pepitas*, *Poeira da estrada*. E os “kodaks e postais” da *Viagem sentimental*, que olhou um a um, maravilhado. Baratas eram as edições de bolso espanholas, argentinas e chilenas, nas quais leu Azorín, Valle-Inclán, Bécquer, Alfonsina Storni, as *Greguerías* de Ramón Gómez de la Serna, *El caballero de Olmedo*, de Lope de Vega, os *Veinte poemas de amor y una canción desesperada*, de Neruda, e as *Canciones* e o *Romancero gitano*, de García Lorca. Barata era uma série de livros publicada pelos Irmãos Pongetti, As cem obras-primas da literatura universal, das quais guardou os contos de Tchekov, *Um caso de clínica médica*, e a tradução de Carlos Porto Carreiro do *Cirano de Bergerac*. Barata era a Coleção Tucano, da Editora Globo, de Porto Alegre, com *As cabeças trocadas*, de Thomas Mann, *Um taciturno*, de Roger Martin du Gard, *Rua dos cataventos*, de Mário Quintana, e as histórias do Padre Brown, de Chesterton. Baratos eram os poetas, e foi nessa livrariuzinha de bairro que o menino adquiriu *Sertão em flor* e *Um boêmio no céu*, de Catulo da Paixão Cearense, *Juca Mulato*, de Menotti del Picchia, *Tempo e eternidade*, de Jorge de Lima e Murilo Mendes, *Paralelamente a Paul Verlaine*, de Guilherme de Almeida, *Martim Cererê* e *O sangue das horas*, de Cassiano Ricardo, *Cancioneiro do ausente*, de Ribeiro Couto, *O visionário*, de Murilo Mendes, as *Poesias completas* de Manuel Bandeira e *Viagem*, de Cecília Meireles, de todos, o livro que mais depressa aprendeu de cor.

Às vezes, o menino se surpreendia a dizer baixinho, entre o cinema e a casa:

*Tu és como o rosto das rosas:
diferente em cada pétala.*

Ou a afirmar, calado, que “o mundo começava nos cabelos de Jandira”, ou que “a Serra do Rola-Moça não tinha esse nome não...” E via-se, quase em lágrimas, no mormaço sem brisa, a repetir para o seu ser sozinho:

*Sou bem-nascido. Menino
Fui como os demais, feliz.
Depois, veio o mau destino
E fez de mim o que quis.*

Uma ou outra vez, mais tarde, tomaria o bonde entoando

*É noite. E tudo é noite. Debaixo do arco admirável
Da Ponte das Bandeiras o rio
Murmura num banzeiro de água pesada e oleosa*

— para, esquecendo versos ou os trocando de ordem, descer finalmente do estribo, com estas palavras:

*Uma lágrima apenas, uma lágrima,
Eu sigo alga escusa nas águas do meu Tietê.*

Ele não punha o menor empenho em decorar o que alinhavava ou cosia de vez à alma. Guardava páginas inteiras graças à insistência com que as relia. De alguns livros, chegado ao último parágrafo, recomeçava o

primeiro. Assim sucedeu, e por três vezes no mesmo ano, com os cinco tomos da tradução brasileira de *Jean-Christophe*, de Romain Rolland.

O rapaz de óculos era espírita e sempre teimava em recomendar-lhe as obras de Allan Kardec. Numa tarde, mal o menino entrara na livraria, pôs sobre o balcão a pilha alta de *Jean-Christophe*, dizendo:

— É um romance lindo!

Ainda que confiasse no conselho, o menino não dispunha de dinheiro para ficar com os livros. O rapaz, porém, acudiu-lhe com a promessa de esconder dos fregueses os demais volumes, caso adquirisse o primeiro. Os outros, compraria pouco a pouco.

Como de costume, o menino saiu lendo a brochura pela rua. E o livro lhe foi soprando o corpo de alegria. Sentiu-se a ensaiar um risco novo. Não mais se tratava de entrar no texto ou no filme, para viver lhe a aventura. Enxergava, agora, os acontecimentos de longe e de perto, pois deles podia aproximar-se ou afastar-se; vestia-se da personagem, porém com ela não se confundia; olhava as palavras do texto como se fossem seres, objetos e paisagens, com seu lado de sol e seu lado de sombra, mas as sabia palavras, ainda que se movessem na página, no tempo e no espaço — o gato a lamber-se, a moça a falar, as flores sob a chuva, a sombra da janela no sofá da sala. Deu-se conta de que estava lendo como se conversasse com o autor do livro, embora se surpreendesse, de vez em quando, como o objeto do olhar insistente de Jean-Christophe.

Comovido com a vida e emocionado com o que nela se ganhava e perdia, acompanhou o destino de Jean-Christophe e o daqueles que lhe estiveram próximos. E quando veio a saber que não se vive para ser feliz, voltou às primeiras páginas, como a um navio iluminado em véspera de viagem. A partir de então, sempre desejou que se prolongassem para sempre os livros que o tocavam e sempre lhe pareceram inacabadas pela pressa as mortes com que terminam tantos romances.

Nada, na longa história, lhe corroía a claridade e o entusiasmo. Os desencontros, as incompreensões, os malogros e as amarguras só pareciam apressar o estender da mão para a inevitável beleza. Tocou-a demoradamente, antes de voltar-se para dois livrinhos pouco maiores que

um maço de cigarros. Um continha uma seleção de aforismos e anedotas de Chamfort; o outro, máximas de Lichtenberg.

Saía dos jardins para o porão. Os homens lambiam os fundilhos dos outros, como macacos. O menino espremeu o pano sujo daqueles textos rápidos, sentado no mesmo banco que o bastardo e o corcunda. Riam para ele e lhe pediam que risse, inteligentes como ninguém. Mas só lhe punham nas mãos flores destroçadas. Fascinaram o menino tanta acidez e tamanho desalento. Neles, cada amanhecer cobria-se depressa de bolor, travo e chagas. Não havia vizinho que não fosse perverso, falso, imundo ou desgraçado.

Perto daquelas miniaturas de livros, parecia um nada de pequeno, em matéria de desencanto, o grosso volume que o menino comprara, atraído pelo título: *Breve introdução à história da estupidez humana*. Seu autor, Walter B. Pitkin, muitas vezes demorava-se demais a explicar o que era óbvio nos exemplos, mas estes divertiam pelo inesperado e o esperado, a mesquinhez e a arrogância, o esbanjamento e a sovinice, o afã e a imprevidência, a fúria e o marasmo, a birra e o oportunismo, a fé e a indecisão.

Atravessou o livro, a ouvir a avó distante, quando o prevenia contra as verdades definitivas e acabadas. O que aqui é certo, costumava dizer, vai dar em erro na porta ao lado. Tinha, contudo, a mesma cautela diante das novidades e do prestígio das modas:

— Não adote nenhuma ideia nova, até que comece a se pôr velha!

A avó bem lhe poderia ter dado de presente a tradução do *Rubaiyat* por Otávio Tarquínio de Sousa. O menino a adquiriu pela capa, a imitar um tapete persa, e pela beleza da impressão em duas cores. Omar Khayam pôs-lhe na boca mais uma colherada de fel, para curá-lo do *Jean-Christophe*. Não só não se vivia para ser feliz, mas a inexplicável fugacidade de tudo nos deixava sem amparo ou consolo. A beleza se finava a um simples tocar de dedo.

De manhã cedo, nos dias de férias, o menino saía, todo de branco, para o tênis. No clube, quase nunca encontrava quem quisesse jogar com ele. Era um pexote e tinha de resignar-se a bater bola contra a parede.

Quando o sol começava a cansá-lo, punha o calção e ia banhar-se na piscina. Nadava o seu pouco e apenas o seu pouco. Embora de todo aliviado, por não ter de compartilhar com ninguém a sua inépcia.

O médico lhe aconselhara esportes. Sem tomar em mínima conta a frequência das enxaquecas. E insistira em que jogasse em grupo. Vôlei, por exemplo.

Nas tardes humilhantes de sábado, lá se postava o menino na quadra, enfezado, pálido, baixinho, sem lograr, de braços estendidos para o alto, que as mãos chegassem à metade da rede. Isso não importaria muito, se fosse um bom levantador. Não era. Errava os saques, perdia bolas fáceis, distraía-se. Só não o afastavam do time porque dele se fizera uma espécie de mascote raquítico.

No clube, não se sentia desprezado. No colégio, excluía-no de quase tudo — do futebol, do vôlei, do basquete. Só lhe restava o pingue-pongue. Não que fosse um ás. Jogava, porém, o bastante para figurar entre os que eram logo recrutados quando, ao redor das mesas, se formavam os times para os campeonatos das quintas e dos sábados.

Os companheiros de rua não tinham como não o aceitar nas peladas. Ficava, contudo, sempre como sobra, o último a ser escolhido, aquele que não tinha jeito para nada, mas morava em frente ou ao lado, era bom conversador e fazia desenhos como quem conta histórias.

Os que cursavam a mesma escola — aqueles irmãos, por exemplo, tão amigos, que toda a gente juntava num só os seus dois nomes, como se fossem uma única pessoa, e em cuja casa se instalara o quartel-general da garotada da rua — traziam as notícias dos bonecos com que o menino e mais dois ou três camaradas de classe, de giz de várias cores nas mãos, enchiam os quadros-negros do colégio. Mal terminavam as aulas, eles saíam, de sala em sala, a desenhar os enredos heroicos que lhes ditavam os

maristas, da catequese em Mato Grosso, no Japão, na Indochina, na Austrália e no interior do Congo.

Fazia-lhe bem à alma ser apontado pelos colegas como bom desenhista e o orador de todas as festas do externato. Não compensava, porém, o desânimo com que voltava, ao meio-dia, da piscina e do tênis, sem marcas de barro na roupa branca e quase a arrastar a raquete no chão.

Durante alguns dias não se falou de outra coisa: a entrevista de José Américo de Almeida a Carlos Lacerda, publicada no *Correio da Manhã*. Até as notícias da guerra — com os alemães encurralados, os japoneses a serem expulsos de ilha após ilha e a tomada pelos pracinhas de Monte Castelo — deixaram de ser motivo de conversa. Sobre o que todos especulavam eram as razões do súbito desleixo da censura. Havia quem dissesse que os militares, sob pressão dos companheiros que lutavam na Itália, exigiam de Vargas o retorno do país ao regime democrático.

Tudo se pôs veloz, como se um fato puxasse o outro: o lançamento do Brigadeiro à Presidência da República, a convocação de eleições, a candidatura de Dutra, a libertação de Luiz Carlos Prestes e dos demais presos políticos, a fundação dos partidos. Por toda a parte, viam-se pessoas com distintivos na lapela — a tocha da UDN ou a foice e o martelo. O menino começou a buscar um emblema do PSD e, só a custo, o conseguiu: fez-se o único na vizinhança a usar na farda o pequeno escudo com o cruzeiro sobre o céu azul.

Quem mais zombava dele e do seu remar contra a correnteza era o irmão que voltara de Fernando de Noronha. Magro, queimado de sol, com a ameaça da calvície a ampliar-lhe a testa larga, o rapaz, enquanto buscava acomodações, se abrigara, por algumas semanas, com a mãe do menino.

Tudo nele era novidade. Só vinha para casa depois da meia-noite e custava, na manhã seguinte, acordá-lo. Pedia ao menino que não descansasse até vê-lo de pé e o instruiu a, em última instância, caso os gritos e as sacudidelas não bastassem, trazer da geladeira um copo com dois dedos de água gelada e derramá-la em seu rosto. Ao molhar da cara, dava um salto feroz da cama, com um grunhido que se acalmava no assobio a caminho do banho.

O irmão passava horas revendo umas fichas de papel, que enchiam três ou quatro caixas de sapatos. Em cada uma das fichas havia uma palavra, com definições, sinônimos e exemplos de uso. Para iludir o ramerrão do arquipélago, ele começara um pequeno dicionário da

linguagem militar, que enfeitava com uns esboços ágeis e claros de coisas e gestos.

O irmão desenhava ainda melhor que o pai. Tinha o mesmo tipo de traço, como se o tivesse herdado. A mão rápida fazia o lápis mostrar uma fivela de cinto a fechar-se ou o movimento do ferrolho de um fuzil. Ao abrir uma folha de papel, o menino encontrou a bateria antiaérea junto à qual o irmão passara incontáveis dias à espera de um combate sempre adiado. Ao redor do canhão, viam-se as caricaturas dos seus companheiros de vigília, magros e gordos, baixos e altos, musculosos e franzinos, todos de bibico, camiseta, calção e botinas.

O irmão contava-lhe como, em Fernando de Noronha, cansados de conservas norte-americanas, os soldados iam caçar cabras selvagens. E como se distraíam, abatendo, a tiros, tubarões que chegavam perto dos rochedos onde ele e os amigos tomavam sol. A principal personagem de todas as histórias era sempre a ilha, com sua beleza azul, verde e dourada, mas até mesmo as que faziam rir deixavam um travo de isolamento e solidão. O mar, soube o menino, pode ser triste.

— Mais que triste, é medonho — afirmou o irmão, a dar o laço na gravata-borboleta, já de paletó, com a divisa comunista na lapela.

Pela outra calçada, a moça vinha, loura, todo vestida de pássaros. Num átimo, o menino compreendeu que, se espantasse as aves, a veria nua, com seu púbis dourado. Estivesse ali a vizinha — continuou no seu sonho —, um beliscão no braço o intimaria a mudar de rumo o olhar, de novo sem pecado, a caminho da missa obrigatória de domingo, na capela do colégio.

— Pela outra calçada — sussurrou ao padre-confessor — a moça loura vinha todo vestida de pássaros... E eu furto as moedas que minha mãe esquece nas bolsas de sair. E leio livros proibidos. E não desprezo os olhos dos pés pintados das mulheres. E fico de membro duro, quando a vizinha se senta no meu colo ou pega na minha mão, no cinema. Mas o pior é que não creio em Deus nem na Virgem Maria.

Certa manhã, no calorão da missa, encontrou-se perdido. Bateu-lhe a vontade de chorar pelo Deus que esquecera dentro dele e que negava, como troco da orfandade falsa que lhe dera. Comungou — pela primeira vez, contrito. E, durante semanas, deu-se a leituras religiosas, a desenhar santos sobre a madeira e, depois, a recortar-lhes o contorno e os vazios com uma serra tico-tico. Chegou até a pensar em ser padre, monge, santo. Depois, a descrença foi retomando calmamente, e, com ela, a convicção de que Deus, se existisse, não merecia a tristeza de alguns homens.

Em outras missas, novamente o sacudiu a angústia de sua falta de fé. Novamente, rezou. E novamente, passados dias, voltou àquilo que, embora uma forma de deserto, era a verdade dele, o se saber ou querer sem amparo divino.

No externato, obrigavam-no a cumprir os deveres de católico. Alguns irmãos aceitavam sua irreligiosidade como crise passageira, que a disciplina acabaria por vencer. Outros inclinavam-se a considerá-lo um fruto podre. A ele e a um sobrinho do bispo, que se dizia ateu. Numa tarde, as palavras se fizeram ásperas e, em reação a um castigo que considerava injusto, mandou um marista àquela parte. Foi expulso da classe, à qual só retornaria, se diante dela pedisse desculpas, e em voz alta, ao professor de religião e matemática.

Este entrava, e o menino saía da sala. Punha-se de pé, frente à porta, no corredor, a decorar o “Y-Juca Pirama” e a receber zeros nos deveres.

— Você vai perder bestamente o ano, argumentava um colega. Peça desculpas ou mude depressa de externato.

O menino tinha o orgulho dos tristes. E era teimoso. Não menos obstinado era o marista, de modo que quase dois meses transcorreram, sem que o menino pudesse assistir às suas classes. Foi quando o irmão-reitor resolveu intervir. Chamou o menino ao gabinete e lhe disse que não discutiria os motivos de sua insubordinação. Vá lá que o menino se julgasse, como aluno, injustiçado. Mas não havia justificativa, a não ser a de um rompante irrefletido, que lhe cabia corrigir, para a palavra feia, jogada contra um mais velho e um professor. O menino não se humilhava, ao pedir desculpas, pois, se magoado pelo mestre, o ferira ainda mais com o insulto. Que fosse gente e aprendesse a ser perdoado. E não era preciso ser cristão para isso.

O menino pediu perdão, diante dos colegas, pela má palavra. E voltou às aulas, com o marista a comportar-se como se nada tivesse acontecido. Dava-lhe as notas corretas, mas raramente lhe falava. O menino só lhe respondia.

A capitulação da Alemanha era há muito esperada. E todos ainda guardavam nos olhos as imagens de Mussolini e Clara Petacci pendurados de cabeça para baixo pelos *partigiani* que os fuzilaram, quando se soube que Hitler e Eva Braun haviam acudido ao suicídio e que seus corpos tinham sido queimados, num *bunker*, em Berlim.

A primeira reação foi de dúvida. Correu logo o boato de que os restos carbonizados não seriam do *Führer* e de sua amante. Estes teriam conseguido fugir e já se encontravam na Argentina. Para outros, Hitler, após simular a autoimolação, escondera-se na própria Alemanha ou se evadira para a Suécia ou algum país árabe. E não faltava quem dissesse que os russos o haviam capturado, mas mantinham o fato em provisório segredo.

O menino misturava, no fechar das pálpebras, os rostos do *Duce* e de Clara às cabeças cortadas de Lampião e Maria Bonita. Via o sangue pisado, a repetir o que escorrera de um bacorinho, suspenso pelos pés, à espera da esfola. Assim tinham fim os que se pensavam deuses e favoreceram, ao seu redor, a multiplicação do orgulho. Era esse o remate de uma empáfia política que fazia da matança a glória, por desrespeito à morte. E o menino imaginava como seria a voz de Hitler nos dias da derrota e como seriam os seus olhos na hora de decidir-se entre o revólver e o veneno.

Não se vivia semana sem mais de um comício. Os maiores, na esplanada do Castelo. Os outros, nas várias praças da cidade, nas quais, quando não havia coreto, se erguia um palanque provisório de madeira.

Se os discursos deviam começar às oito horas da noite, desde as cinco já se contavam na praça os que procuravam arregimentar assistência e vendiam bandeirolas, emblemas e propaganda do partido. Os comunistas ofereciam livros e panfletos — obras de Marx, Engels, Lênin e Stalin. Dos udenistas, o menino comprou um folheto em papel verde-azulado, com os versos da “Lira do Brigadeiro”, de Manuel Bandeira.

Os comícios de bairro mais animados eram os do movimento pela Constituinte com Getúlio Vargas, uma aliança que tinha tudo para parecer impossível, se não fosse real, entre o Catete e Prestes, e pregada por este, quando ainda na prisão. Defendiam os getulistas e os comunistas o adiamento do pleito para presidente. Só se elegeriam, em 2 de dezembro, os representantes do povo encarregados de redigir uma nova Constituição, permanecendo, enquanto durasse este trabalho, Vargas no poder.

Era difícil conceber-se que pudessem falar da mesma plataforma, quase de braços dados, o encarcerado macilento, em cujo rosto o menino encontrava mais elegia do que esperança, e o carcereiro gorducho e risonho. Este havia autorizado o envio para a morte de Olga Benário, mulher daquele, e desatara uma perseguição impiedosa contra os camaradas de Prestes. No entanto, tudo se esquecia, sem que Prestes sofresse em seu conceito popular: era mais uma demonstração de grandeza de quem tinha as feições da santidade. Os interesses do país e do partido impunham-lhe, se não o perdão íntimo, ao menos a graça pública. Havia quem não aceitasse isto, como o próprio advogado de Prestes, Sobral Pinto, mas em quase toda gente predominava o sentimento de que se devia uma reparação a quem sofrera tanto, e em fortaleza, pelas suas ideias, que se tinham irmanado às da democracia, durante a guerra. E tanto era assim, que se derramara a impressão de que a UDN deixava de apresentar companheiro de chapa para Hamilton Nogueira, a fim de assegurar a Prestes o assento no Senado.

O menino foi vê-lo e ouvi-lo num comício, levado pelo irmão que voltara de Fernando de Noronha. Não o impressionaram, no orador, nem as palavras nem a voz, mas, sim, a coincidência entre a sua figura e a imagem que o menino fazia de São Francisco de Assis. Falando, sua eloquência era morna, opaca, insossa, calculada; não possuía a indignação da caridade.

O menino, desde o início, já escolhera o candidato de sua torcida nas eleições: o general Dutra. Sem qualquer motivo soprado pela inteligência ou o afeto. Não se dava intimamente outro argumento para justificar a preferência, que o desejo de ir contra o resto — ao seu redor só via udenistas, comunistas e partidários do Estado Novo — e sustentar a posição quase sozinho.

— O que cantas *baixinho*?
Por mais que nada sonhes,
não vês que cresce o musgo
à toa no chão úmido
e o capim e os espinhos
não diferem das flores?
O que entoas sem nexo
é a humildade da vida,
o que mais pequenino
brilha em sol, limpo e belo.

(Canta o pai do menino.
Alça voo um inseto.)

Os olhos. Para onde se voltasse, via os olhos. Os olhos enormes. Os olhos que gritavam sua tristeza. Os olhos esfaimados. Os olhos que davam a impressão de ser a única parte viva de rostos em que os ossos empurravam para fora a pele ressequida. Os olhos que diziam ser de homens aqueles lábios roídos e aqueles dentes ferozes. Os olhos que pareciam ter esquecido a oração e as lágrimas. Os olhos.

No cinema, o menino viu as primeiras cenas dos campos de extermínio nazistas. Os judeus amontoavam-se, cadavéricos, de cabeças rapadas, os olhos imensos de pedintes, em vagões a caminho dos fornos crematórios. Passavam por eles, numa elegância indiferente, os rapazes louros, em seus uniformes bem-talhados de lã negra, talabartes e botas polidas, o quepe alto com a águia e a suástica. E o menino começou a sentir engulhos por eles, sem sequer a piedade que se tem por cães sarnentos, quando os reconheceu, logo em seguida, de mãos sobre os cabelos ou sentados ao chão, vencidos e humilhados.

Saiu do cinema com a dor de cabeça de costume, que podia transformar-se, ou não, em enxaqueca. Mas sob a dor habitual corria outra, quente como o sangue de um gorro de espinhos, a cobrar-lhe respostas à sua indignação. Que de tamanha infâmia não se tivesse o inteiro conhecimento no nosso lado do mundo era possível. Mas como explicar, a não ser por uma indiferença cúmplice e, portanto, criminosa, que em Dachau não se soubesse o que por lá se passava? Será que vizinho algum jamais presentira que aquelas roupas largas, amarrotadas e encardidas vestiam a morte? Será que nenhum deles jamais vira um só par daqueles olhos quase secos de esperança? E, se os viu, de onde tirou a força perversa para esquecê-los? Os olhos enormes, que se multiplicavam para vestir, do menino, a alma dolorida, diziam-lhe que um povo inteiro aceitara a maldade cotidiana como meio de salvação e glória. Houvera, certo, a exceção dos justos. Os justos, porém, se contariam como as poucas rosas num jardim, e as suas pétalas — o menino lembrou-se de Rilke — não davam para cobrir de pálpebras a orfandade sem fim daqueles olhos.

A vizinha entrou no quarto, iluminada, a contar que os americanos tinham lançado uma bomba enorme sobre o Japão:

— Numa tal de Hiroxima, que ficou inteiramente destruída!

O rádio está dizendo que é o fim da guerra!

Abraçada ao menino, ela repetia e repetia:

— É o fim da guerra! É o fim da guerra!

Os dois saíram de casa e desceram as escadas do prédio. Na rua, a criança gritava:

— É o fim da guerra! É o fim da guerra!

Nos dias que se seguiram, a mesma euforia saudou a segunda bomba atômica, desta vez sobre Nagasaki, e a notícia de que o Japão se propunha a capitular. Os aviões dos camicases não mais moviam as hélices. Cessavam os combates no Pacífico, que ao menino pareciam ainda mais impiedosos, de ilha em ilha, do que os travados na Europa.

O menino só ouvia elogios à decisão de Truman — um estadista, da medida de Roosevelt. Todos sabiam que o Japão, após a queda de Okinawa, não tinha outra saída racional senão render-se, mas poucos acreditavam que o bom senso prevalecesse sobre um sentimento cruel de honra e a teimosia desesperada em desconhecer a realidade, que fariam do desembarque aliado nas ilhas nipônicas a maior matança da guerra. A bomba parecia a todos, ou a quase todos, uma coisa linda. Um anjo, segundo a moça na calçada. De gládio em chamas.

A guerra desenvolvera uma espécie de estética da destruição. Admirava-se a beleza dos uniformes e dos estandartes nazistas, o desenho dos aviões de combate, dos destróieres, dos encouraçados e dos cruzadores. A muitos fascinou o terrível espetáculo, que o menino logo veria nos cinemas, da bomba atômica a abrir-se em câmara lenta como uma enorme hortênsia. A moça da calçada tinha razão: ali estava o arcanjo, de novo a expulsar o homem do mundo que lhe coubera de empréstimo.

Na mesma tarde, o *movietone* mostrou outras cenas que encheram o menino de asco indignado: jovens francesas, de cabeça rapada a zero, entre apupos, insultos e empurrões, por terem sido namoradas ou amantes de

tedescos. Este vendeiro que dava um safanão numa delas provavelmente sempre recebera com um sorriso o oficial da SS que ia à sua tenda fazer compras. Vingava-se das humilhações consentidas, ao esbofetear a mocinha em cujo rosto nem as lágrimas contorciam a beleza.

O menino descobria a abjeção da guerra. Crescera com ela. Se sempre lhe repugnara a execução de reféns, não tivera por traiçoeiras e torpes as ações dos comandos. Agora, sabia que eram indignas, como eram indignos os bombardeios de cidades, os afundamentos de navios, os ataques de tanques e o recrutamento de rapazes para a crueldade. De um momento para outro, veio-lhe o desejo de amarfanhar a sua infância, para desfazer a nitidez e quebrar as linhas de tantas das imagens de guerra que a compunham, ainda que com isso perdesse um galope a cavalo, as irmãs que cantavam, o esfregar do rosto na lã de um carneiro, o perfume da mãe, uma pandorga ao vento, o saltitar do pintassilgo a bicar o seu alpiste, o pai a dizer-lhe versos sob as altas mangueiras, o jogo de amarelinha, o sabor do murici, a tristeza dos bichos e alguma frágil alegria.

A menina estava sentada num degrau, vestida de branco e azul-claro. Ele deitou-se, encolhido, ao lado dela, pôs a cabeça no seu colo e lhe pediu perdão. E a menina perguntou, com espanto:

— Por que perdão? Perdão de quê?

Editoras Responsáveis

Janaína Senna

Maria Cristina Antonio Jeronimo

Produção

Adriana Torres

Ana Carla Sousa

Produção Editorial

Frederico Hartje

Revisão

Victor F.S. Vasconcelos

Diagramação

Trio Studio

Produção de ebook

S2 Books